



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Campus de São Carlos - SP

TIAGO GRIFONI

PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DE UMA UNIDADE DIDÁTICA COM O *FÚTBOL* *CALLEJERO* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SÃO CARLOS - SP
2020



UFMG



UFG



TIAGO GRIFONI

PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DE UMA UNIDADE DIDÁTICA COM O *FÚTBOL* *CALLEJERO* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof Dr Osmar Moreira de Souza Júnior

SÃO CARLOS – SP
2020

Grifoni, Tiago

Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o Futebol Callejero nas aulas de Educação Física / Tiago Grifoni. -- 2020.
166 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior

Banca examinadora: Profa. Dra Yara Aparecida Couto, Prof. Dr. Mauricio Mendes Belmonte

Bibliografia

1. Futebol Callejero. 2. Metodologia Callejera. 3. Educação Física Escolar.
I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325

TIAGO GRIFONI

PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DE UMA UNIDADE DIDÁTICA COM O *FÚTBOL* *CALLEJERO* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof Dr Osmar Moreira de Souza Júnior

Data da defesa: 18/04/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente: Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior – Universidade Federal de São Carlos

Membro Titular: Prof. Dra. Yara Aparecida Couto – Universidade Federal de São Carlos

Membro Titular: Prof. Dr. Mauricio Mendes Belmonte – Prefeitura Municipal de Sorocaba-SP

Observação: em virtude da declaração de Emergência em Saúde Pública de Interesse Internacional pela Organização Mundial da Saúde em decorrência da pandemia do COVID-19, a defesa pública foi realizada integralmente de forma remota e síncrona por webconferência.

Local: Universidade Federal de São Carlos
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
UFSCar - Campus São Carlos-SP



DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram durante minha caminhada e aos 37 adolescentes envolvidos nesta investigação, que lutaram comigo para transformar suas realidades, a luz dos pilares do *Fútbol Callejero*, objeto do nosso estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por iluminar e guiar meus passos em mais uma etapa de minha vida, sou muito grato a minha família: Joaquim Grifoni (pai), Regina Célia Pierini (mãe) e Daniela Grifoni (irmã), pelo apoio e o incentivo dados a cada escolha que realizei, estando sempre ao meu lado em todas as circunstâncias.

Sou muito grato a minha noiva Fabricia Vieira Colângelo, pela paciência e tolerância com meu distanciamento e ausência que o trabalho de investigação acabou exigindo, sempre me apoiando nos momentos mais difíceis.

Agradeço também os ensinamentos e a orientação recebida do amigo e Professor Doutor Osmar Moreira de Souza Júnior, meu orientador durante todo esse percurso e um ícone na área da Educação Física escolar, sendo sempre minha principal referência com suas colocações pontuais, sabedoria e paciência na condução deste percurso. Muito obrigado Professor Osmar, sua humildade e generosidade são cativantes.

Meus sinceros agradecimentos aos membros da banca, Professores Doutores Mauricio Mendes Belmonte e Yara Aparecida Couto, que contribuíram imensamente com este trabalho, pontuando detalhes com muita sabedoria, colaborando para o aperfeiçoamento da dissertação.

Ao amigo e pesquisador Nathan Varotto, sempre solícito aos meus questionamentos compartilhando toda a sua sabedoria em nossos momentos de diálogo, contribuindo efetivamente em meu percurso investigativo, deixo aqui meu agradecimento.

Agradeço a pesquisadora e amiga Maria Carolina Derêncio pela colaboração, ajuda e dedicação durante as intervenções, fazendo colocações pontuais que contribuíram em todo o percurso investigativo.

Aos professores da Universidade Federal de São Carlos, Glauco Nunes Souto Ramos, Yara Aparecida Couto e Daniela Godoi Jacomassi, meu muito

obrigado pelos ensinamentos e acolhimento durante meu percurso no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física escolar.

Para finalizar indico minha gratidão aos adolescentes que participaram da pesquisa com empenho, dedicação e respeito, a equipe diretiva da escola estadual em que realizei a investigação, e também a Universidade Federal de São Carlos e a Universidade Estadual Paulista que possibilitou os recursos necessários para concluir todo o processo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.



“Você não sabe o quanto eu caminhei, pra chegar até aqui, percorri milhas e milhas antes de dormir, eu não cochilei, os mais belos montes escalei” (Cidade Negra – A estrada, 1998).

GRIFONI, Tiago. **Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o *Futebol Callejero* nas aulas de Educação Física**. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-ProEF) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2020.

RESUMO

Considerando a emergência do *Futebol Callejero* como prática da Educação Popular, em especial nos países da América Latina, o presente estudo (número do parecer consubstanciado: 3.245.111), tem por objetivo analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais decorrentes da aplicação de uma unidade didática com o *Futebol Callejero* em aulas de Educação Física envolvendo uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. A metodologia *Callejera* propõe o jogo disputado em três tempos com equipes necessariamente mistas e conta com o mediador em substituição ao árbitro. No 1º Tempo, os participantes combinam as regras do jogo, com os acordos sendo anotados pelo mediador. No 2º Tempo, disputam a partida balizada por esses acordos, sob o olhar atento do mediador. No 3º Tempo, também chamado de mediação, o mediador conduz o diálogo e as reflexões sobre as situações do jogo e pontua não somente os gols, mas o cumprimento dos três pilares (Respeito, Solidariedade e Cooperação), preconizados pela metodologia. Do ponto de vista metodológico, realizamos uma pesquisa-ação instrumentalizada por uma coleta de dados pelos diários de aula. A unidade didática foi composta de 16 aulas distribuídas em oito encontros de aulas duplas ocorridas às sextas-feiras, compreendendo os meses de março a maio nos quais foram desenvolvidos os seguintes temas: relações de gênero nos esportes, *Futebol Callejero* e seus três pilares, protagonismo juvenil, mediação no *Futebol Callejero* e organização de um festival entre a turma utilizando a Metodologia *Callejera*. O caminho metodológico definido para orientar a pesquisa foi a Sistematização de Experiências. Registramos por meio de filmagens as rodas de conversa e foram confeccionados oito diários de aula, transcrevendo fielmente a experiência. Em nossa análise de dados inspirada pelas categorias de codificação, emergiram três categorias: A- “Com o *Futebol Callejero* as meninas podem jogar de igual para igual”; B- “Eles escolhem só os bons, só os caras”; C- “Com a prática do *Futebol Callejero*, hoje todos estão mais unidos, não tem mais divisão, todos ficaram amigos”. Com base em nossas análises, identificamos que a prática do *Futebol Callejero* pode propiciar espaços de relações humanizadas pautadas pelo diálogo, promovendo o exercício da solidariedade, empatia, cooperação e do respeito, se constituindo em uma estratégia eficaz para tratar pedagogicamente os saberes atitudinais através do esporte nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: *Futebol Callejero*. Metodologia *Callejera*. Educação Física Escolar.

GRIFONI, Tiago. **Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física**. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-ProEF) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2020.

ABSTRACT

Considering the emergence of *Fútbol Callejero* as a practice of popular education, mainly in Latin American countries, the current study based on assumptions of an action research aims to analyze the educational processes related to attitudinal knowledge resulting from the application of a didactic unit with *Fútbol Callejero* in Physical Education classes in a 9th grade class from elementary school. The Callejera Methodology proposes the game in three playing times with teams, necessarily mixed, and there is a mediator to replace the referee. In the first half, the participants combine the rules of the game in accordance with the agreements established which are noted by the mediator. In the second, they dispute the match marked by these agreements under the watchful eye of the mediator. The third, also called mediation, the mediator conducts dialogue and reflections on the situations of the game and punctuates not only the goals, but the fulfillment of the three pillars (respect, solidarity and cooperation) suggested by the Methodology. From a methodological point of view, we carried out an action research and the instrument used for data collection was the class diary. The didactic unit was composed of 16 classes, distributed in eight double lessons held on Fridays during the months of March, April and May in which the following themes were developed: gender relations in sports, *Fútbol Callejero*, and its three pillars: youth protagonism, mediation in *Fútbol Callejero*, and organization of a festival among the students using the Callejera Methodology. The methodological way defined to guide the research was the Systematization of Experiences. We recorded the conversation groups on films and eight class diaries were written, transcribing the experience accurately. Our data analysis inspired by the coding categories lead to three categories: A- "Girls can play at an equal level through *Fútbol Callejero*"; B- "They choose only the good players, only the best"; C- " Nowadays, with the practice of *Fútbol Callejero*, they are more united without divisions and everyone has become friends". Based on our analysis, we identified the practice of *Fútbol Callejero* as spaces of humanized relationships guided by dialogue promoting the practice of solidarity, empathy, cooperation, and respect, which makes a pedagogically successful strategy with attitudinal knowledge through sport in Physical Education classes.

Keywords: *Fútbol Callejero*. Callejera Methodology. Physical Education at School.



LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Júri Simulado-----	64
Figura 2- 2º Tempo do <i>Fútbol Callejero</i> -----	77
Figura 3- Roda de conversa no 3º Tempo-----	86



LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Tempos da Sistematização da Experiência-----	18
Quadro 2- Estruturação das categorias-----	55

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

FC- Fútbol Callejero

PCN- Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP- Projeto Político Pedagógico

PROEF- Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

TALE- Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSCAR- Universidade Federal de São Carlos

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO -----	14
1- PRIMEIRO TEMPO: “O encontro entre a Educação Física Escolar e o <i>Fútbol Callejero</i>” -----	19
2- SEGUNDO TEMPO: “Processos educativos e saberes atitudinais como objeto de estudo” -----	39
3- TERCEIRO TEMPO: “O desenrolar da experiência com o <i>Fútbol Callejero</i>” -----	42
4-QUARTO TEMPO: “Juntos somos mais fortes” -----	53
4.1 “Com o <i>Fútbol Callejero</i> as meninas podem jogar de igual para igual”-----	56
4.2 “Eles escolhem só os bons, só os caras”-----	74
4.3 “Com a prática do <i>Fútbol Callejero</i> , hoje todos estão mais unidos, não tem divisão, todos ficaram amigos”-----	83
5- QUINTO TEMPO: “É muito mais que futebol” -----	106
REFERÊNCIAS -----	111
APÊNDICES -----	116
APÊNDICE A – Rodas de conversa -----	116
Roda de conversa I-----	123
Roda de conversa II-----	120
Roda de conversa III-----	122
Roda de conversa IV-----	126
APÊNDICE B - Diários de aula -----	127
Diário de aula I-----	127
Diário de aula II-----	130
Diário de aula III-----	133
Diário de aula IV-----	136
Diário de aula V-----	140
Diário de aula VI-----	143
Diário de aula VII-----	148

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



Diário de aula VIII-----	151
Diário de aula extra-----	156
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-----	157
APÊNDICE D – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido-----	160
APÊNDICE E – Produto Educacional: animação em <i>whiteboard</i>-----	163
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos--	164

APRESENTAÇÃO

Antes de escrever sobre os fatores que motivaram esta dissertação, tratarei de minha trajetória pessoal e profissional que estão relacionadas. Desde o início da minha escolarização, tenho verdadeira paixão por esportes, em especial pelo Futebol. Sempre fui praticante ativo das mais variadas modalidades esportivas nas escolas em que estudei durante a Educação Básica, tendo a Educação Física como componente curricular favorito. As aulas vivenciadas eram baseadas no modelo esportivista, com o objetivo de selecionar os mais aptos para representar a escola nos jogos escolares.

Mesmo com um bom desempenho esportivo e sempre participando das equipes da escola, algumas situações causavam incômodo e indagações durante as aulas, pois muitos dos meus amigos e amigas se afastavam das práticas e sucessivos conflitos surgiam no decorrer das vivências, o que provocou em mim algumas reflexões sobre a função da Educação Física e suas contribuições no desenvolvimento integral dos/as alunos/as. Contudo, enquanto discente, essas indagações estavam longe de ser respondidas.

Recentemente, em meu trabalho docente, ministrando aulas de Educação Física no Ensino Fundamental e Ensino Médio das redes municipal e estadual da cidade de Araraquara-SP, tenho me deparado com inúmeras problemáticas no ambiente escolar, entre elas o trato pedagógico dado ao conteúdo esporte, em especial ao Futebol, conteúdo tradicional, muito aguardado pelos alunos, sempre presente nas aulas de Educação Física.

Percebi, em minha atuação docente, que o Futebol é um conteúdo hegemônico da Educação Física Escolar e um patrimônio da nossa cultura, possuindo um rico potencial pedagógico, mas pouco aproveitado pelos educadores e que, da forma como é abordado durante as aulas, acaba sendo o estopim de atitudes egoístas, atos desrespeitosos e preconceituosos, além de gerar diversos conflitos como xingamentos e agressões, levando alguns alunos/as a abandonarem a prática das atividades propostas, visto que apenas os mais habilidosos monopolizam as ações do jogo.

Embora no ambiente escolar se busque uma aprendizagem dialógica e a formação de um aluno/a crítico, reflexivo e cooperativo, algumas situações

favorecem justamente o contrário, desenvolvendo valores opostos ao que é objetivado pela Educação Física no contexto escolar. O que deveria ser um importante momento de aprendizado transforma-se em uma atividade excludente, que reproduz o caráter competitivo e seletivo do esporte de alto rendimento, indo no sentido contrário de uma formação integral e humana dos estudantes.

Sempre buscando aprimorar a prática pedagógica, decidi inscrever-me para o processo seletivo do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), sendo selecionado para o polo da Universidade Federal de São Carlos. Na busca por inovação nas práticas corporais, pesquisei artigos relacionados com o Futebol na Educação Física Escolar, entre os quais me despertou a atenção o *Fútbol Callejero* e seu potencial educativo.

Tive um contato maior com o tema em uma roda de conversa, realizada em junho de 2018, na unidade do Sesc da cidade de São Carlos, e também participando do 5º Encontro Paulista de *Fútbol Callejero*, realizado na Universidade Federal de São Carlos. Creio que esse movimento da Educação Popular, balizado pelo respeito, cooperação e solidariedade, encaixa-se perfeitamente no ambiente escolar, resgatando o protagonismo juvenil, favorecendo o diálogo entre os jovens, que, por meio do esporte, podem refletir sobre suas ações e atitudes para atuarem com autonomia no contexto em que estão inseridos, podendo ser um facilitador da convivência respeitosa na instituição escolar.

O caminho metodológico para orientar esta pesquisa é a Sistematização de Experiências proposta por Jara-Holliday (2006), que sugere o desenvolvimento da pesquisa em “cinco tempos”: A) O ponto de partida; B) As perguntas iniciais; C) Recuperação do processo vivido; D) A reflexão de fundo; E) Os pontos de chegada. Esses momentos dialogam e se complementam por toda a pesquisa.

Sinalizamos que o método escolhido é desafiador, se pensado em uma lógica de escrita que foge às convenções acadêmicas, ao confrontar e modificar o conhecimento teórico vigente, contribuindo para transformá-lo em uma prática efetivamente útil para mudar e entender a nossa realidade, assim configurada como uma alternativa que reage contra as metodologias formais.

Na presente dissertação encontraremos no primeiro tempo, ou “Ponto de partida”, a apresentação da vivência acima descrita, os registros das

intervenções realizadas e alguns aspectos que facilitaram ou dificultaram a realização da experiência.

O segundo tempo/momento traz “As perguntas iniciais”, em que é apresentada a questão que orientou a pesquisa e o objetivo principal desta investigação. Definir o objeto de estudo da sistematização consiste em definir lugar e tempo e as experiências que serão sistematizadas (JARA-HOLLIDAY, 2006).

No terceiro tempo, “Recuperação do processo vivido”, procura-se adentrar na sistematização, cuidando da classificação das informações já descritas, o que nos permite uma visão global dos acontecimentos principais registrados em nossos diários de aula, neste momento, sintetizados.

O nosso quarto tempo, “A reflexão de fundo”, é o ápice da sistematização, ou seja, a interpretação crítica de todo o processo, é ir além do descritivo e verificar se as ações estão levando ao alcance das metas desejadas e, se for o caso, de realizar ajustes necessários no plano de ação. Portanto, com vistas a realizar uma análise de toda a realidade, os dados serão analisados na perspectiva das Categorias de Codificação de Bogdan e Biklen (1994). O método, após a leitura atenta dos dados, propõe o isolamento das expressões que mais se identificam com o objetivo da pesquisa (códigos), realizando o agrupamento dos códigos em categorias que emergiram durante o processo.

Por fim, temos o quinto tempo da pesquisa, “Os pontos de chegada”, em que, de acordo com Jara-Holliday (2006), é necessário formular conclusões baseadas na reflexão interpretativa do momento anterior, dando respostas ao objetivo proposto no início da Sistematização. Neste momento são apresentadas nossas reflexões e considerações acerca da experiência desenvolvida.

Com o propósito de resumir e facilitar todo o processo da sistematização, elaboramos um quadro, inspirado em Belmonte (2019), intitulado “Tempos da Sistematização da Experiência com a unidade didática envolvendo o *Fútbol Callejero*”. (Quadro 1), a ser assim interpretado:

✓ a coluna da esquerda, identificada como “Tempos”, refere-se à sequência metodológica da Sistematização de Experiências proposta por Jara-Holliday (2006);

✓ a coluna central, identificada como “Elementos Constitutivos”, também indica a proposição original dessa Sistematização;

✓ e, por fim, a coluna da direita, nomeada “Ações Investigativas”, explicita a maneira como encaminhamos os procedimentos demandados pela Sistematização de Experiências que orientou a nossa pesquisa.

Quadro 1- Tempos da Sistematização da Experiência

Tempos	Elementos Constitutivos	Ações Investigativas
1º- Ponto de Partida	1.1 Ter participado da experiência 1.2 Ter o registro da experiência	1.1-Inserção em campo 1.2-Realização das filmagens e transcrição nos diários de aulas.
2º- As perguntas iniciais	2.1- Que/quais experiência(s) queremos sistematizar? 2.2- Para que queremos? (objetivo) 2.3-Quais aspectos centrais da experiência nos interessa sistematizar? 2.4- Quais as nossas fontes de informações? 2.5- Procedimentos que vamos seguir?	2.1-Uma unidade didática envolvendo o <i>Fútbol Callejero</i> em uma turma de 9º ano da rede estadual de ensino. 2.2- Analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais, decorrentes do <i>Fútbol Callejero</i> nas aulas de Educação Física. 2.3- Os processos educativos que emergiram da prática do <i>Fútbol Callejero</i> nas aulas de Educação Física da turma de 9º ano. 2.4-Os dados da experiência registrados nos diários de aula, com a transcrição fiel na íntegra das falas dos participantes. 2.5-Inserção em campo como professor-pesquisador com responsabilidade e respeito, pautada pelo diálogo no desenvolvimento das vivências com o <i>Fútbol Callejero</i> .
3º-Recuperação do processo vivido	3.1-Reconstrução da história 3.2-Ordenar e classificar as informações	3.1- Confecção de diários de aulas. 3.2-Resumo em ordem cronológica dos acontecimentos de cada encontro.
4º-Reflexão de fundo: Porque aconteceu o que aconteceu?	4.1 Analisar e interpretar criticamente a experiência	4.1- Inspirados pelo desenvolvimento de categorias de codificação de Bogdan e Biklen (1994) emergiram três categorias para análise, dialogando com a literatura que embasou nossa dissertação.
5º- Os pontos de chegada	5.1-Elaborar conclusões 5.2-Compartilhar a experiência	5.1-Apresentação das considerações finais sobre nossa experiência 5.2-Elaboração e entrega da dissertação.

Fonte: Elaboração do próprio autor, inspirado no Quadro I de Belmonte (2019, p. 20).

1- PRIMEIRO TEMPO: “O encontro entre a Educação Física Escolar e o *Fútbol Callejero*”

O “ponto de partida” na Sistematização de Experiências, segundo Jara-Holliday (2006), é ter participado da experiência e possuir os devidos registros. Outro ponto importante destacado por Jara-Holliday (2006) é que não é possível fazer uma boa sistematização se não houver uma informação clara dos acontecimentos, pois esse registro permite buscar na fonte os diferentes fatores que intervieram na experiência.

A instituição educacional escolhida para a pesquisa é uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio localizada no bairro Jardim das Roseiras, no município de Araraquara-SP. De acordo como o Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2018 da unidade escolar, esta atende cerca de 620 alunos, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, nos períodos da manhã e tarde, possuindo, atualmente, 35 professores/as, sendo dois de Educação Física.

A unidade educacional fica localizada em um bairro de classe média e atende alunos do próprio bairro e também de bairros distantes que utilizam o transporte escolar para chegar até a escola. A estrutura física da referida instituição possui oito salas de aula com mobiliário adequado, quadra poliesportiva, sala de informática com 30 computadores, uma biblioteca, além de um espaço com grama utilizado pelos professores de Educação Física.

Iniciaremos este tempo falando um pouco sobre o campo de pesquisa abordado, ou seja, a Educação Física Escolar, em que buscamos desenvolver um trabalho inovador e formador, tendo em vista os principais objetivos do componente curricular para esta etapa de escolarização.

Há sete anos atuamos como professor de Educação Física na escola em que foi realizada a pesquisa, atendendo alunos do 9º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, cumprindo, ali, uma carga horária de 15 horas semanais, sendo 12 aulas com alunos e 3 horas de trabalho pedagógico. São duas aulas semanais por turma, realizadas às quintas e sextas-feiras no período da manhã.

A Educação Física escolar sofre críticas em relação ao trato pedagógico dado ao conteúdo sobre esportes nas aulas, o qual ocasiona o

afastamento de vários/as alunos/as durante a prática. É preciso atuar com responsabilidade na maneira de abordar esse importante conteúdo do nosso componente curricular, pois, dependendo da forma como será tratado pedagogicamente, pode-se reforçar ainda mais os aspectos negativos que embasam essas críticas, como o afastamento dos menos habilidosos, a rejeição dos meninos em participar das atividades com as meninas e a participação efetiva apenas dos mais aptos que monopolizam as ações do jogo, priorizando apenas gestos técnicos e ocasionando uma competitividade exagerada.

Nesse caminho e de forma mais intensa, especialmente nas décadas de 1970, 1980 e parte de 1990, a perspectiva esportivista (ou esportivizada) acabou sendo praticamente hegemônica nas aulas de Educação Física, a tal ponto de, no senso comum, ser possível confundir Educação Física escolar com prática esportiva. Essa perspectiva pode ser caracterizada pela subordinação da disciplina aos códigos da instituição esportiva orientados pelos princípios de rendimento atlético, comparação de rendimento, competição, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas (BRACHT, 1999).

Essa perspectiva esportivista deu suporte para que os/as professores/as pautassem suas aulas com o propósito de conseguir o melhor desempenho daqueles que representam a escola nas competições esportivas. Desse propósito derivou a “necessária” seleção dos mais habilidosos e a escolha por “treinar” apenas aquelas modalidades que fazem parte dos torneios ou campeonatos dos quais a escola participa. As atuações docentes pautadas nessa perspectiva se caracterizam por: estarem orientadas apenas aos mais habilidosos, excluírem a maioria dos alunos/as, principalmente aqueles que possuem menos habilidade, não dar as mesmas oportunidades de participar das aulas a meninos e meninas, assumir formato de treino, sem tematizar outros conteúdos para entender o esporte como fenômeno sociocultural, determinar que todos os alunos devam cumprir a mesma tarefa, do mesmo modo, ao mesmo tempo, buscar vencer, sem importar exatamente por quais meios (GONZÁLEZ, 2018).

De acordo com a experiência profissional obtida e pelo que percebemos durante a atuação docente, a aula de Educação Física Escolar para muitos alunos/as era sinônimo de “jogar bola”, ou seja, eles estavam acostumados a praticar qualquer atividade livremente, sem intervenção do/da professor/a,

geralmente jogando apenas os mais habilidosos, e com outra boa parcela deles apenas observando os jogos. Esse foi o cenário encontrado quando do ingresso na unidade escolar: os/as alunos/as acostumados com a prática do “rola-bola” sem intervenção docente. Com disposição para propor uma Educação Física inovadora, enfrentamos muita resistência por parte dos discentes, que, não acostumados com essa nova proposta de aula, contribuíram para dificultar o início de carreira deste professor que precisou desconstruir, com diálogo constante, essa cultura que estava enraizada na unidade escolar. Aos poucos conseguimos propor uma Educação Física inovadora, formadora, que contemplava e incluía a todos/as, uma prática pedagógica que realmente contribuísse para a formação dos alunos/as.

As atuações que tratam a Educação Física Escolar como preparação para as competições escolares foram hegemônicas num determinado período da história do componente curricular. Hoje, as atuações caracterizadas pelo “abandono do trabalho docente” ou “rola bola” são muito comuns nas quadras e pátios escolares, e a principal característica dessa forma de atuação é a falta de intervenção do/da professor/a, que deixa os/as alunos/as escolherem a atividade a ser realizada na aula – em geral levando os meninos a jogarem futebol livremente e as meninas voleibol, sendo o professor um mero espectador (GONZÁLEZ, 2018).

Segundo Darido e Souza Junior (2010), a prática do “rola bola” é bastante condenável, pois desconsidera a importância dos procedimentos pedagógicos dos/das professores/as. Infelizmente, ela é bastante representativa no contexto escolar, contrariando a premissa de que a Educação Física é um componente curricular como todos os outros e que é dever desses profissionais viabilizar uma prática que contemple os objetivos de ensino elencados pelos documentos oficiais.

As críticas mencionadas no tópico anterior, que condenam a prática do “rola bola” e os modelos de aulas pautados pela perspectiva esportivista, originaram um estranhamento coletivo com a tradição da área envolvendo professores vinculados a instituições universitárias. Esse movimento chamado de Movimento Renovador da Educação Física Brasileira impulsionou diversas mudanças na área, rompendo com aquilo que justificava sua presença na escola e agora exigindo a necessidade de reinventar seu espaço na forma de um componente curricular responsável por um conhecimento específico, subordinado às funções sociais da

escola como instituição republicana. Foi esse movimento renovador que possibilitou a proliferação de diversas propostas pedagógicas, entre as quais as de cunho culturalista (DARIDO, 2018).

Foi possível perceber durante a atuação docente que os/as alunos/as associam a Educação Física Escolar com treino esportivo e aguardam, ansiosamente, a prática do futebol que, apesar do seu rico potencial pedagógico, é tratado aquém de suas potencialidades. Isto nos motivou a pesquisar e a compreender sobre como esse conteúdo tão hegemônico do componente curricular era abordado durante as aulas.

Em seu trabalho, Zabala (1998) defendeu que a escola não deve estar preocupada apenas com o desenvolvimento cognitivo dos alunos/as, mas também ter a atenção para outras capacidades: afetivas, de relação interpessoal e inserção social. Para facilitar o entendimento das três tipologias (conceitual, procedimental e atitudinal), o autor relaciona cada dimensão a uma pergunta, ou seja, para a dimensão conceitual a pergunta que remete a essa tipologia é: o que se deve saber sobre o conteúdo? Ainda de acordo com Zabala (1998), a dimensão procedimental diz respeito a: o que se deve saber fazer? E a dimensão atitudinal é: como se deve ser?

No decorrer de sua história, a Educação Física priorizou o *saber fazer* das práticas corporais e não o saber sobre essas práticas, e, além disso, esse *saber fazer* fica restrito aos conteúdos esportivos mais tradicionais como, por exemplo, futebol, voleibol, handebol e basquetebol (DARIDO, 2018).

De acordo com Bracht (1999), os saberes transmitidos pela Educação Física possuem um duplo caráter, pois é, ao mesmo tempo, um saber fazer relacionado com o realizar corporal, o que se traduz num saber sobre esse realizar corporal, ou seja, uma relação entre teoria e prática. Ainda, que tais saberes que permeiam a prática devem ser tematizados para que fique claro aos alunos/as que os movimentos são construções socioculturais.

Conforme apontou Darido (2018), uma das problemáticas da Educação Física Escolar consiste na dificuldade de articular teoria e prática, ou seja, não ocorre um diálogo entre os conteúdos e objetivos desenvolvidos do ponto de vista do saber fazer (em geral abordados na quadra) e aqueles relacionados ao saber sobre esse fazer (muitas vezes propostos na sala de aula). Não é possível tratar as

dimensões do conteúdo de forma isolada, é necessário que elas estejam integradas e articuladas.

Os professores/as de Educação Física Escolar, ao longo da história da disciplina, priorizaram quase que exclusivamente a dimensão procedimental, ou seja, o saber fazer, um conjunto de técnicas e movimentos que devemos saber executar nas práticas corporais. A inclusão de conteúdos conceituais e atitudinais é algo recente, o que faz o/a professor/a buscar desenvolver as três dimensões do conteúdo e, muitas vezes, enfrentar muita resistência por parte dos/das alunos/as, que ainda não se acostumaram com essa dinâmica de aula (DARIDO, 2008).

Com o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, inicia-se uma discussão e reflexão, com mais ênfase, sobre as três dimensões do conteúdo nas aulas de Educação Física – o papel desse componente curricular ultrapassa o saber fazer (dimensão procedimental) na medida em que exige pensar também no saber sobre esse fazer (dimensão conceitual) e nos valores e atitudes (dimensão atitudinal) que os alunos/as devem ter nas práticas corporais (DARIDO et al., 2001).

De acordo com Zabala (1998), é preciso romper com o ensino transmissivo, sendo necessário ter em mente que o processo de ensino e de aprendizagem não envolve apenas conceitos, mas também procedimentos e atitudes que devem ser inter-relacionadamente inseridos nesse processo, considerando que os conteúdos atitudinais englobam conceitos regidos pelas normas, moral e valores.

Em outras palavras, os conteúdos trabalhados no espaço escolar devem proporcionar conhecimentos que levem ao desenvolvimento integral do educando. De acordo com os documentos oficiais da educação, esses conteúdos precisam ser trabalhados a partir de três tipologias que devem estar inter-relacionadas: conceitual, procedimental e atitudinal. Por conhecimento conceitual entendemos que são fatos, nomes, códigos, conceitos, acontecimentos, fenômenos singulares e concretos, sempre presentes na sala de aula. Os conteúdos procedimentais podem ser descritos como um conjunto de ações ordenadas para se alcançar um determinado objetivo. Já o conteúdo atitudinal está interligado, sendo composto por normas, atitudes e valores. Sobre estes, podemos utilizar como exemplos: o respeito ao outro, a solidariedade ao colega, o cumprimento de regras – que permite ao educando fazer reflexões acerca de si e dos outros, sendo levado a

tomar atitudes (ZABALA, 1998). Sabe-se que alguém construiu um conhecimento atitudinal de determinado conteúdo ao passo que ele reflita e se posicione diante de uma determinada situação (ZABALA, 1998).

Segundo Darido (2008), diversos aspectos da dimensão atitudinal podem ser tratados durante as aulas de Educação Física, entre os quais podemos destacar: cooperação, incentivo ao trabalho e participação nas atividades em grupo, resolução de conflitos através do diálogo, respeito aos colegas e aos adversários, evitar atitudes preconceituosas quanto a sexo, níveis de habilidade, religião.

Na busca por artigos que versam sobre dimensão atitudinal nas aulas de Educação Física, encontramos um estudo de caso realizado por Martins e Freire (2008), em que aplicaram entrevista estruturada e registraram observações de 40 aulas de um professor de Educação Física. De acordo com os autores, a dimensão atitudinal aparece nas aulas sem que haja intencionalidade do professor, ou seja, de maneira oculta. Concluíram que o professor investigado se preocupava em ensinar valores, atitudes e normas em suas aulas, mas sem elaborar estratégias específicas para essa aprendizagem e que, mesmo sem a intencionalidade ou planejamento do professor, foram aplicadas algumas atividades que podem levar a internalização de valores e atitudes.

Galatti (2006) salientou o desenvolvimento de valores socioeducativos por meio do esporte, destacando a necessidade de trabalhar aspectos ligados ao relacionamento interpessoal, como empatia, cooperação e respeito.

Podemos observar que, quando se trata de dimensão atitudinal, há um discurso bastante homogêneo em relação ao tema, direcionado para uma formação que busque a autonomia, destacando valores como: respeito, cooperação, participação, socialização, coeducação, emancipação, igualdade e convivência (BARROSO; DARIDO, 2009).

De acordo com Aquino (1996), é necessário refletir sobre questões que envolvam atitudes e valores, pois isso é um grande desafio para todos os envolvidos no processo educativo. Apresentando-se como um grande problema social, os conflitos se tornaram constantes nas escolas e são, sem dúvida, um dos grandes obstáculos para a prática pedagógica. No ambiente escolar, as relações deveriam ser pautadas pelo respeito, amizade, diálogo e integração entre as pessoas, mas o

que se vê é a frequência de comportamentos agressivos entre os/as alunos/as, o que cria um ambiente desfavorável para a aprendizagem.

Pudemos observar durante a atuação docente que os/as alunos/as se desinteressam pelas aulas de Educação Física à medida que avançam nas etapas de escolarização, atingindo um ápice de afastamentos das aulas nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Esse aumento nos índices pode ser fruto de insucessos em práticas anteriores.

Segundo Darido, González, Ginciene (2018), os mesmos conteúdos são repetidos nos diferentes níveis de ensino; por exemplo, o voleibol praticado no sexto ano é o mesmo praticado no Ensino Médio, e, na opinião dos autores, o esporte é tratado com um fim em si mesmo, colaborando para a evasão dos/das alunos/as nas aulas de Educação Física na escola, uma vez que a repetição do conteúdo ao longo dos anos de escolarização e a pouca diversificação do mesmo podem contribuir para o afastamento dos/das alunos/as.

Ainda de acordo com Darido, González e Ginciene (2018), outro fator que pode contribuir para o afastamento dos/das alunos/as das aulas é o insucesso que muitos vivenciam nas práticas corporais do Componente Curricular, o que pode ser exemplificado por situações tais como não conseguir acertar a cesta, ficar em última posição na corrida, não conseguir acompanhar o ritmo dos demais alunos/as. Tudo isso pode fazer com que esse/a aluno/a sintam-se constrangido com seu próprio desempenho, levando-o a evitar situações em que essas expressões fiquem expostas; portanto, a não participação é um escudo, uma forma de proteção.

Conforme apontou La Taille (2002), a vergonha pode afastar o/a aluno/a das práticas corporais, fazendo com que ele/a evite participar das atividades em que pode ter insucesso, ou mesmo algo que aconteceu em aulas passadas e que continue causando vergonha.

Promover um ensino inclusivo visa romper com as raízes históricas do componente curricular que, em muitos momentos, selecionou os mais habilidosos, classificou os/as alunos/as em aptos e inaptos e excluiu os menos habilidosos das práticas corporais, conseqüentemente aumentando os índices de afastamento de grande parte dos/das alunos/as. Dessa forma torna-se fundamental uma atitude inclusiva por parte do docente, apoiando, estimulando, valorizando e acolhendo o estudante, independente de suas aptidões ou habilidades. Se não acreditamos que

o/a aluno/a pode aprender, acabamos por convencê-lo/a disso, e as estratégias pedagógicas devem favorecer a inclusão, serem discutidas e transparentes para ele. (DARIDO; GONZÁLEZ; GINCIENE, 2018).

Na busca por uma prática pedagógica de qualidade e inovadora, surgiu outra grande problemática da Educação Física Escolar na unidade de ensino em que demos início a nossa carreira docente: os conflitos entre estudantes especialmente motivados pelas relações de gênero durante as atividades práticas, principalmente as vivências esportivas, quando os meninos se negavam a jogar com as meninas, e as meninas, por sua vez, acabavam se afastando, reforçando ainda mais os preconceitos existentes. Por diversas vezes, a prática esportiva era realizada de forma separada, ou seja, as meninas jogavam apenas entre elas e os meninos apenas entre eles. Importante sinalizar que essa prática de separação durante as aulas de Educação Física era constantemente observada quando desenvolvido o conteúdo esporte, com a intenção de evitar conflitos que pudessem surgir no decorrer das vivências.

De acordo com Souza Júnior (2018), a prática de separação por gênero no segundo ciclo do Ensino Fundamental tem como justificativa o fator biológico e as transformações físicas que distanciam os corpos de meninos e meninas, ocasionando um desnível de desempenho que as coloca em situação desfavorável em relação a eles.

O componente biológico não pode ser utilizado para justificar a separação de meninos e meninas em qualquer etapa de escolarização. Não há como negar que existem diferenças biológicas entre os sexos, mas tais diferenças não devem ser levadas em consideração no sentido de subjugar o colega fisicamente mais frágil. Portanto, os docentes devem promover o convívio de ambos durante as aulas, buscando estabelecer um ambiente de respeito mútuo e solidariedade, permitindo que as diferenças físicas não sejam fator condicionante de acesso e participação efetiva nas aulas (SOUZA JÚNIOR, 2018).

Conforme aponta Souza Júnior (2018, p. 8).

É importante destacar que as diferenças entre meninos e meninas, mais do que biológicas são construídas socialmente, na medida em que as experiências incentivadas ou negadas para cada sexo tem grande peso nas performances desses indivíduos na realização das diversas práticas corporais.

Portanto, um menino que é incentivado desde tenra idade a correr, saltar, subir em árvore, jogar bola, entre outras atividades motoras, tem maiores chances de um bom desempenho motor do que meninas que foram privadas dessas atividades em prol de atividades com menos repertório motor, como brincar de casinha, brincar de boneca, brincadeira cantada etc.

Foi buscando superar esses desafios que surgiam na atuação docente e na busca por uma prática pedagógica de qualidade, como dito na apresentação do caso, que participamos do processo seletivo para o Programa de Mestrado Profissional (PROEF) que teria um polo na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). O ingresso no Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF) ocorreu em abril de 2018.

Pesquisar a respeito e compreender melhor a Educação Física Escolar tem sido um trabalho constante e foi nessa procura por uma prática pedagógica com mais qualidade que nos propusemos conhecer mais a fundo o *Fútbol Callejero*, esporte emergente de um projeto de Educação Popular em meados de 2001 na Argentina.

Aquele primeiro contato com o *Fútbol Callejero* durante uma roda de conversa com dois pesquisadores dessa temática trouxe a oportunidade de obter, de maneira mais detalhada, as características da citada Metodologia.

Após esse primeiro contato e descoberta de toda a potencialidade pedagógica dessa prática, acompanhar o Encontro Paulista de *Fútbol Callejero*, realizado na Universidade Federal de São Carlos, permitiu comprovar, na íntegra, toda a riqueza da sua Metodologia e de suas características peculiares, como se encaixavam perfeitamente no ambiente escolar e casavam com a prática pedagógica que procurávamos para tematizar o futebol nas aulas de Educação Física.

A seguir, descreveremos um pouco das características e da origem do *Fútbol Callejero* com base na literatura pesquisada.

O *Fútbol Callejero* surgiu de um projeto de Educação Popular em meados de 2001 na Argentina, como já informado, com o objetivo de promover a mobilização social para encarar as dificuldades sociais que tomavam conta do país naquele momento, tendo como princípios de sustentação a Cooperação, o Respeito e a Solidariedade (ROSSINI et al., 2012).

A Educação Popular como prática social é entendida como aquela que não está institucionalizada, sendo adotada em diferentes contextos, contrapondo-se ao projeto educacional dominante, sendo compreendida como um regime baseado na justiça social e no respeito integral aos Direitos Humanos, reconhecendo os grupos excluídos socialmente e com eles lutando por um projeto emancipador anticapitalista (BRANDÃO, 2006).

A Educação Popular tem como princípio o diálogo, que possibilita a humanização dos sujeitos através da construção coletiva e reconhece suas contribuições no processo de transformação social e individual, é comprometida com as classes populares, estabelecendo um marco de respeito, envolvendo os cidadãos para a compreensão da realidade de forma crítica e dialógica e a permanente batalha pelos direitos sociais (BRANDÃO, 2006).

Sendo assim, essa prática da Educação Popular, em outras palavras, teve como objetivo recuperar o protagonismo dos jovens e o favorecimento do diálogo para resolver os conflitos em uma sociedade marcada pela vulnerabilidade à violência e ao uso de drogas, pensada como uma contestação às crises que assolavam a Argentina nos anos 1990 (ROSSINI et al.; 2012).

Rossini et al. (2012, p. 12) sinalizaram que:

Callejero, porque proponía volver a las raíces del fútbol de “potrero”, donde los participantes coinciden en llevar adelante un partido de fútbol de manera auto regulada y tácitamente estableciendo un marco de respeto. En el inicio, la propuesta fue recuperar un espacio de protagonismo y de diálogo entre jóvenes, en unas sociedades donde la violencia estructural atravesaba todas las relaciones familiares, en el barrio, la escuela, con la comunidad, con los identificados como “otros”.

Sabemos, por nossas experiências, que a educação formal e o futebol vivem historicamente um relacionamento conflituoso, mas, segundo Di-Giano (2008), com a criação dessa nova forma de jogar, torna-se possível construir um elo entre essas duas importantes esferas da nossa cultura, pois o *Fútbol Callejero* nos ensina a dialogar e a respeitar as regras criadas pelo próprio grupo.

Sem dúvidas, o *Fútbol Callejero* pode repassar muitas coisas positivas para a escola, que sofreu um declínio de qualidade nas últimas décadas, se ela tiver a coragem necessária para se abrir a essa nova prática que usa o futebol como

pano de fundo para proporcionar um espaço de diálogo, respeito e protagonismo entre os participantes (DI-GIANO, 2008).

De acordo com Belmonte, Souza Júnior e Martins (2015), as partidas são realizadas em três tempos, formadas necessariamente por equipes mistas e sem a presença de um árbitro, sendo todas as decisões que envolvem a partida, como regras, tempo, dinâmica de jogo, definidas pelos participantes no 1º Tempo da prática sob a supervisão do mediador, que tomará nota de todos os acordos estabelecidos.

O 1º Tempo do jogo é caracterizado por uma roda inicial de conversa entre todos os participantes com o objetivo de definir as regras, e caberá ao mediador tomar nota de tudo que foi acordado. O 2º Tempo do jogo é a realização da partida, ou seja, o jogo propriamente dito, balizado pelas regras que foram estabelecidas no momento anterior, e nessa etapa do jogo o mediador deverá observar atentamente a partida e anotar todas as situações que dialoguem com o que foi combinado na etapa anterior (BELMONTE; SOUZA JÚNIOR; MARTINS, 2015).

E, por último, tem-se o 3º Tempo do jogo, ou “Mediação”, que consiste em formar uma roda final de conversa com os participantes estabelecendo um diálogo sobre as atitudes e situações que ocorreram durante o desenvolvimento do jogo. Nesse momento a figura do mediador é de extrema importância, pois ele vai problematizar as situações observadas com imparcialidade, estimulando os participantes a manifestarem suas opiniões acerca das situações vivenciadas durante o 2º Tempo do jogo (BELMONTE; SOUZA JÚNIOR; MARTINS, 2015).

No 3º Tempo, a contagem dos pontos é realizada pelo mediador em conjunto com os jogadores, considerando o número de gols e também o cumprimento dos pilares que sustentam essa prática:

- Respeito: respeito às regras combinadas no 1º Tempo do jogo e também aos companheiros e jogadores da equipe adversária (BELMONTE; SOUZA JÚNIOR; MARTINS, 2015).
- Cooperação: atitudes cooperativas entre os jogadores da mesma equipe, ou seja, avaliar a participação dos integrantes da equipe (BELMONTE; SOUZA JÚNIOR; MARTINS, 2015).

- Solidariedade: estabelecer uma relação solidária com os jogadores da equipe adversária, ou seja, avaliar aquilo que os jogadores fizeram para os seus adversários para tornar o jogo mais equilibrado e justo (BELMONTE; SOUZA JÚNIOR; MARTINS, 2015).

Melhor explicando, para determinar o vencedor da partida, além dos gols marcados no 2º Tempo do jogo, é considerada a pontuação referente ao cumprimento dos três pilares (Respeito, Cooperação, Solidariedade). Assim, a equipe que marcou mais gols no 2º Tempo levará para o 3º Tempo uma pontuação preestabelecida, independente da quantidade de gols marcados, que será somada à pontuação preestabelecida ao cumprimento dos três pilares. Observe-se que o placar do jogo não se esgota no 2º Tempo, é possível uma equipe reverter o placar através da argumentação, equilibrando as diferenças táticas e técnicas entre as equipes (BELMONTE; SOUZA JÚNIOR; MARTINS, 2015).

Portanto, o número de gols marcados não é fator determinante para vencer a partida, já que o objetivo da proposta está nas relações e aprendizagens com o outro e o prazer de jogar. O encerramento da partida é marcado pelo consenso entre todos os participantes sobre o resultado final, estabelecendo um senso de justiça entre todos (BELMONTE; SOUZA JÚNIOR; MARTINS, 2015).

Segundo Rossini et al. (2012, p. 12 – tradução livre), “o *Fútbol Callejero* surgiu como resposta às crises que atravessavam o “ser jovem” na América Latina, tornando o futebol pano de fundo para atrair os participantes com uma experiência que considere seus interesses e gostos, contribuindo para modificar as regras tradicionais da modalidade para potencializar o seu caráter inclusivo.

O idealizador da proposta, o ex-jogador de futebol profissional Fabían Ferraro, muito influente em sua comunidade, percebeu que os jovens não eram ouvidos pela população argentina. Por ser testemunha desde muito cedo da violência que assolava seu bairro desde a morte de seu irmão, Fabián decidiu organizar jogos de futebol na comunidade como ferramenta para criar um clima harmônico e menos hostil entre a vizinhança e, diante disso, ele percebeu que, quando os jogos aconteciam, as rivalidades entre as gangues locais eram deixadas de lado e um clima de paz prevalecia (ROSSINI et al., 2012).

Fabian Ferraro decidiu promover mais encontros nessa estrutura de futebol que passou a se chamar *Callejero*, recuperando as raízes de sua prática, e,

com essa criação, resolveu outro problema da sua comunidade, que era a ausência de políticas públicas para o lazer. O criador da proposta conseguiu aporte financeiro da UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), e o espaço de terra destinado ao esporte transformou-se em um centro comunitário com diversas oficinas ofertadas (ROSSINI et al., 2012).

Repetindo Rossini et al. (2012), atualmente com a juventude, cada vez mais desvalorizada, o *Fútbol Callejero* busca recuperar a voz desses jovens e seu protagonismo em suas comunidades e nos convida a lutar por nossos direitos a uma vida digna, contrapondo-se à exclusão e à injustiça.

Ainda, Fabían Ferraro constatou que um bom número de mulheres acompanhava os jogos, mas não participava das partidas. Então decidiu que as mulheres deveriam fazer parte obrigatoriamente dos jogos, possibilitando aos jovens uma consciência de gênero e a canalização de seus comportamentos, tornando-os menos agressivos, não coincidindo com as características do esporte de rendimento (CASTRO, 2018).

Como vimos, foi incluído um momento antes da partida durante o qual os participantes deveriam estabelecer as regras da partida em comum acordo. E também que, para consolidar o processo educativo, foi incorporado um 3º Tempo, no qual, após a partida, os participantes poderiam debater e refletir sobre as situações ocorridas no jogo. E então, sistematicamente, as partidas eram realizadas nesses três tempos, e o ex-jogador passou a promover mais encontros nesse formato de jogo, que passou a ser chamado de *Fútbol Callejero* (que, grosso modo, poderia ser traduzido para o português como futebol rueiro), recuperando as raízes de sua prática, na qual os participantes jogam de maneira autorregulada, estabelecendo um marco de respeito (CASTRO, 2018).

De acordo com Rossini et al. (2012, p. 13):

Más de 10 años después de las primeras experiencias con el uso de la metodología del Fútbol Callejero, nos encontramos con muchos jóvenes-hombres y mujeres-, que empezaron jugando al fútbol y hoy en día son líderes comunitarios. Jóvenes de Argentina, Chile, Paraguay, Uruguay, Brasil, Ecuador, Costa Rica, entre otros, son hoy los verdaderos artífices de procesos de transformación social en sus comunidades, contagiando con su experiencia a otros jóvenes que quieren resignificar sus vidas.

Também de acordo com Castro (2018), na proposta inicial do *Fútbol*

Callejero não se idealizava a escola como espaço para seu desenvolvimento já que sua origem se deu em espaços não escolares, mas, de acordo com a autora, por ser a escola um local em que ocorrem situações de conflitos devido à violência e ao uso de drogas, torna-se importante sua inserção no ambiente escolar, uma vez que a proposta se apresenta como uma prática importante para a resolução de conflitos e trabalho em equipe, favorecendo o diálogo em prol de uma convivência pacífica e respeitosa entre as pessoas (CASTRO, 2018).

Nesse sentido, é por meio do diálogo que possibilitamos uma educação democrática e ausente de ideologia da classe elitista e dominante (dominação que é exercida pela classe dirigente por meio de uma gama de instituições sociais para garantir a manutenção do seu privilégio perante a sociedade), e é também pelo diálogo que se estimula a criticidade, a convivência com as diferentes experiências e saberes de cada um, favorecendo que esses alunos aprendam com aqueles (FREIRE, 2005).

Souza Junior; Belmonte; Martins (2015) também apontam para a característica de a Metodologia *Callejera* se apresentar como uma importante prática no trato pedagógico do Futebol por possibilitar a aceitação de diferenças, a resolução de conflitos e permitir uma participação ativa e cooperativa dos alunos. Praticar o futebol balizado por esses acordos, promovendo uma participação solidária, ativa e respeitosa entre todos os participantes, com a possibilidade de poder refletir sobre os princípios éticos que o orientam, configura-o como poderoso mecanismo de tratamento didático dos saberes atitudinais, que, muitas vezes, ficam restritos ao currículo oculto. Os autores entendem que o 3º Tempo configura-se como um importante espaço dialógico em que os participantes podem expressar sua opinião, defender seus pontos de vista, expressando convergências ou divergências mediante a argumentação de outro participante. Ainda, segundo eles, é um momento de convivência pautada pelo diálogo para resolver os conflitos, propiciando reflexões que podem ser transferidas para outros contextos da vida dos praticantes, buscando a superação de valores e princípios da competição exagerada, característica esta considerada pilar do sistema econômico capitalista.

Diante disso, em relação ao 3º Tempo da Metodologia, cremos que ele seja o grande diferencial dessa prática, pois se constitui em um espaço que permite a assimilação dos conceitos de justiça e democracia, no diálogo harmônico, durante

o qual todos os participantes podem expressar suas opiniões e refletir sobre os acontecimentos que ocorrem no 2º Tempo do jogo, consolidando-se como um importante processo educativo, favorecendo as relações interpessoais e desenvolvendo valores que não apareciam durante a prática do futebol tradicional¹.

Segundo Varotto et al. (2018), o *Fútbol Callejero* se apresenta como uma proposta crítica, ligada às classes populares, e bastante diverso da lógica esportivo-competitiva, abrindo possibilidades para a aprendizagem entre as diversas faixas etárias e os diferentes gêneros.

Ainda de acordo com Varotto et al. (2018), a prática da mediação permeia todos os três tempos do *Fútbol Callejero* e necessita estar presente em todo o jogo – esta é a forma de entender o Futebol como uma estratégia para recuperar os valores humanos, promovendo reflexões sobre os processos educativos dessa prática.

Foi ao realizar pesquisa em busca de artigos que dialogassem com o campo escolar, atendendo à proposta de nosso trabalho de procurar alternativas para o trato pedagógico do esporte durante as aulas de Educação Física Escolar, que encontramos a dissertação de mestrado de Castro (2018), que investigou os desdobramentos de um processo de intervenção com o conteúdo Futebol inspirado na Metodologia *Callejera*. A pesquisa envolveu 34 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual do interior paulista e, de seu trabalho, emergiram três categorias analíticas após a análise de conteúdo. Na primeira categoria, intitulada “A construção de valores mediada pela Metodologia *Callejera*”, temos que, do ponto de vista da autora, a proposta da Metodologia foi sendo assimilada no decorrer das intervenções e o clima competitivo foi deixado de lado, emergindo o cuidado e a preocupação com o outro.

De acordo com Castro (2018, p. 84):

Por meio de dinâmicas de sensibilização nesse sentido, os alunos puderam ter contato com atividades em que o auxílio e a escuta ao próximo eram fundamentais para que juntos solucionassem o que era proposto. As reflexões propostas, também levavam em consideração situações habituais do jogo, para que os estudantes pudessem associar os conhecimentos para o contexto das aulas.

¹“O sentido empregado neste estudo para o termo “futebol tradicional” refere-se à forma que os alunos estão acostumados a praticar o futebol nas aulas de Educação Física, livremente, sem intervenções”.

A segunda categoria foi intitulada “Estrutura e dinâmica da Metodologia *Callejera*” e buscou compreender elementos estruturantes da Metodologia. Com a aplicação de entrevistas, a autora buscou ouvir as percepções dos estudantes acerca da estrutura e dinâmica do *Fútbol Callejero* e destaca que o *Fútbol Callejero* contribuiu para aumentar o interesse da turma por atividades mistas, as quais inicialmente não eram aceitas pelos alunos, observando que, no início da intervenção, a preferência era por aulas separadas. Em relação à presença ou não de árbitros, não houve um consenso entre os participantes, uma vez que dois estudantes se mostraram favoráveis à arbitragem e outros três eram contrários (CASTRO, 2018).

A última categoria elaborada pela autora foi intitulada “Desafios e possibilidades da Metodologia *Callejera* na escola”. Nesta categoria a autora buscou abranger aspectos relacionados à introdução da Metodologia *Callejera* na unidade escolar e destaca a boa receptividade da turma em relação ao jogo disputado em três tempos, apontando alguns aspectos positivos da pesquisa, como preferência por atividades mistas, poucos desentendimentos, menos ofensas e maior participação nas aulas. A expectativa da autora com a inserção da Metodologia *Callejera* na unidade escolar era possibilitar uma formação mais humanitária, pautada por valores indispensáveis à vida em sociedade (CASTRO, 2018).

Ainda de acordo com Castro (2018, p. 106):

Com o desenvolvimento da temática, assuntos que eram censurados e reprimidos no ambiente escolar passaram a ser colocados em pauta, como a questão do gênero. Muitas dúvidas surgiram sobre esse assunto e até certos preconceitos por parte dos meninos (como por exemplo, o discurso machista em que se apoiavam).

A partir da sua pesquisa, Castro (2018) propôs a inserção da Metodologia *Callejera* no ambiente escolar, adequando a Metodologia para outras modalidades esportivas além do futebol, elaborando um Guia de Orientação da Metodologia *Callejera* para: basquete, voleibol e handebol.

Conforme apontou Castro (2018), a utilização da Metodologia *Callejera* para abordar o esporte na escola se justifica devido a sua contribuição em desenvolver o esporte por uma perspectiva que busca dar visibilidade a valores como: Respeito, Cooperação e Solidariedade, estando alinhada aos propósitos de

uma educação escolar que visa transformar a sociedade em que vivemos.

Em contato com mais publicações sobre o *Fútbol Callejero*, encontramos Belmonte (2019), que buscou identificar e compreender os processos educativos decorrentes da prática do *Fútbol Callejero* e dos momentos em que a lógica de avaliação dos Pilares inspirou a análise da convivência entre os participantes durante as atividades diversificadas de jogo/ócio/lazer. O autor sinalizou que nós, educadores, devemos chegar a um consenso acerca das “palavras-chave” para facilitar a busca por produções que tenham o *Fútbol Callejero* como objeto de estudo. A proposta de Belmonte (2019) é que, no conjunto das “palavras-chave”, além da expressão “*Fútbol Callejero*”, seja incluída a expressão “*Metodologia Callejera*”, indicada por Castro (2018), incorporando a metodologia do *Fútbol Callejero* para outras modalidades esportivas coletivas no ambiente escolar (CASTRO, 2018).

A investigação de Belmonte (2019) mostrou que o *Fútbol Callejero* é anticapitalista, pois promove um protagonismo entre os jovens moradores de periferias empobrecidas, emergindo de um projeto de Educação Popular, desvinculado da FIFA e fazendo oposição às performances competitivas que buscam a vitória a qualquer custo.

Para finalizar, Belmonte (2019) indicou que o *Fútbol Callejero* é anticolonialista, citando a ausência de um “agente externo de poder”, no caso o árbitro que delega as decisões do jogo, como um fator. Belmonte (2019) também apontou que o *Fútbol Callejero* é antipatriarcal, pois sua Metodologia propõe como uma de suas regras a formação de equipes mistas. Em sua pesquisa, o autor encontrou elementos que contribuem para essa afirmação, como: acolhimento de todos no jogo, independente do nível de habilidade; horizontalidade das relações e a equidade promovida pela transformação das regras do jogo, que tenciona o colonialismo, ou seja, o papel centralizador do árbitro é direcionado ao protagonismo dos participantes, que deliberam coletivamente as situações problematizadas.

Importante sinalizar, como apontou Belmonte (2019), que *Fútbol Callejero* é uma expressão originária da língua espanhola na qual “*Fútbol*” é traduzido como Futebol e “*Callejero*” tem como significado “rueiro”. Portanto, em uma tradução literal teríamos “Futebol Rueiro”. Na presente dissertação faremos uso da expressão original “*Futbol Callejero*”, pronunciando “Fútbol Cajerrero”.

Diante desse cenário que caracteriza a Educação Física escolar e na busca por uma prática pedagógica e inovadora, resolvemos investigar os processos educativos decorrentes do *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física Escolar, investigação esta que veio atender a proposta do nosso trabalho de conclusão de curso do Mestrado Profissional (PROEF), e o percurso metodológico orientado pela Sistematização de Experiências de Jara-Holliday (2006).

Para concretizar esse trabalho, entramos em contato com uma Escola Estadual da cidade de Araraquara quando, após uma conversa inicial com a diretora e obtida a autorização para realizar a pesquisa com os/as alunos/as do 9º ano do Ensino Fundamental do período da manhã da referida unidade, comprometemo-nos a compartilhar os resultados da pesquisa com toda a equipe escolar.

Nossa inserção em campo ocorreu precisamente no dia 15 de março de 2019 e o término dos trabalhos deu-se em 17 de maio de 2019.

A pesquisa consistiu em desenvolver uma unidade didática com o *Fútbol Callejero* para uma turma de 9º ano do período da manhã e participaram da intervenção 37 alunos, sendo 18 meninas e 19 meninos. A escolha dessa turma surgiu de uma demanda identificada por este autor em razão da dificuldade do grupo de trabalhar em equipe, dos sucessivos problemas de indisciplina, da competitividade exagerada nas práticas esportivas e da dificuldade de estudantes estabelecerem relações pautadas por valores humanos como: respeito, solidariedade e justiça.

A duração da pesquisa foi de 16 aulas divididas em oito encontros semanais, com aulas duplas realizadas às sextas-feiras, das 7h00 às 8h40, tratando de temas como: relações de gênero nos esportes, protagonismo juvenil, os pilares do *Fútbol Callejero* (FC), sensibilização dos/das alunos/as para atuarem como mediadores na prática do FC, culminando com a realização de um festival esportivo entre a turma, organizado pelos próprios alunos. Após a entrega dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), eles/elas criaram nomes fictícios para serem usados durante a pesquisa de maneira a contemplar os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos.

Importante destacar que as meninas escolheram os seguintes nomes fictícios para serem usados na pesquisa: **Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Mari,**

Leticia, Gabizela, Teltel, Ny, Giba, Milli, Amandinha do Grau, Gabizinha, Blue, Thata e Nataly. E os meninos utilizaram os seguintes nomes na pesquisa: **Dhiogão, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Decário, Felipe, Vitão, Gabã, K1, K2, Kalil, Adevanildo, Rafa da baixada, Dicionário, Tutu, Marcola, Albino e Luquinha da massa.**

A abordagem para inserção na pesquisa foi a observação participante que, segundo Negrine (1999), se caracterizou como uma observação não estruturada, ou seja, nossa observação não teve indicativos predeterminados, foi ativa em situações concretas, desprovidas de juízo de valor, e teve uma atenção contínua e seletiva em nosso objeto de estudo, com o registro das informações o mais descritivo possível.

O início de cada encontro era marcado por uma roda de conversa inicial em sala de aula (cujos registros estão nos anexos), com o desenvolvimento do tema proposto para aquele encontro, favorecendo o diálogo e troca de experiências sobre determinado assunto. Após essa primeira roda de conversa inicial, nos direcionávamos à quadra para desenvolver as atividades que estavam previamente planejadas.

Marcando o encerramento de cada encontro, eram vivenciadas as rodas finais de conversa, com todos os/as alunos/as dispostos em círculo, no qual oportunizávamos o diálogo e as reflexões sobre as situações ocorridas na aula. Durante esse momento, também sinalizávamos a programação do próximo encontro, valendo ressaltar que essa roda de conversa final era filmada e, após assistida na íntegra, era transcrita fielmente para os diários de aula.

As rodas de conversa possibilitavam um momento de interação e diálogo entre os participantes, com troca de saberes e experiências, observando-se que, com a formação de semicírculos, foi possível dissolver a figura do mestre como centro do processo, permitindo que, durante os momentos de conversa, todos tivessem oportunidades de expor suas ideias, concepções e percepções sobre o outro e sobre si (SAMPAIO et al.; 2014).

O instrumento utilizado para a coleta de dados e os registros da nossa experiência durante as intervenções constam dos diários de aula que foram redigidos logo após a realização das vivências, ou seja, eram escritos logo após o término das aulas daquele dia. Portanto, os diários eram confeccionados entre as 13

e 15 horas.

Os diários de aula permitem que o/a professor/a- pesquisador/a possa expressar sua atuação diária na aula tornando-se um instrumento valioso na pesquisa-ação capaz de promover melhorias na prática pedagógica do professor/a (ZABALZA, 2004).

Conforme apontou Zabalza (2004), os diários apresentam uma narrativa muito flexível, pois eles podem ser escritos da maneira que mais agrade ao/à autor/a. Porém, acontece que, variando as formas e as condições de fazer o diário, variam também as suas possibilidades de contribuição.

Os diários de aula tiveram suma importância para a metodologia empregada durante a pesquisa, haja vista que, na Sistematização, de acordo com Jara-Holliday (2006), é necessário ter, de forma clara e precisa, o registro das experiências.

Entre os aspectos facilitadores da pesquisa, é possível destacar que as aulas duplas foram essenciais para poder desenvolver a unidade didática com o tempo necessário para abordar as temáticas propostas e, também, a presença da pesquisadora MC² que acompanhou as aulas e gravou as rodas de conversa.

Entre os aspectos que dificultaram a experiência, destacamos a dificuldade de assumir um duplo papel, de professor e pesquisador, pois ministrar aula e pesquisar, ao mesmo tempo, essa aula não é uma tarefa simples.

É importante apontar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de São Carlos, e cadastrada na Plataforma Brasil, sob o número: 08625919.20000.5504, cujo parecer é de número: 3.245.111, datado de 04 de abril de 2019.

² MC é o nome fictício dado à aluna do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos que acompanhou as aulas e gravou as rodas de conversa, visto que estava realizando seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre o mesmo tema da minha pesquisa.

2- SEGUNDO TEMPO: “Processos educativos e saberes atitudinais do Fútbol Callejero como objeto de estudo”

Apresentamos, como componentes deste momento da pesquisa, a questão de pesquisa, o objetivo principal e os aspectos centrais da experiência que queremos sistematizar.

Neste segundo tempo inicia-se propriamente a sistematização, e são três as recomendações essenciais que orientam todo o processo: a definição do objetivo da sistematização, a delimitação do objeto e a definição do eixo da sistematização (JARA-HOLLIDAY, 2006).

O objetivo da sistematização consiste em definir da maneira mais clara o sentido, a utilidade, o produto e o resultado da sistematização, ou seja, para que queremos sistematizar? (JARA-HOLLIDAY, 2006).

A questão disparadora para orientar nossa sistematização, seguindo as orientações propostas por Jara-Holliday (2006), é “Para que queremos sistematizar”? Assim, cabe destacar que o nosso objetivo principal foi:

- *Analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais decorrentes do Fútbol Callejero nas aulas de Educação Física.*

Junto ao objetivo e de acordo com as orientações metodológicas propostas por Jara-Holliday (2006), é fundamental delimitar o objeto da sistematização, ou seja, escolher as experiências concretas a serem sistematizadas, transparentemente definidas em lugar e tempo. Os critérios para delimitá-las e escolhê-las pode variar de acordo com o objetivo, do contexto em que ocorreu e da consistência das experiências (JARA-HOLLIDAY, 2006).

Atentos às experiências que queremos sistematizar, nosso objeto de estudo foi a prática do *Fútbol Callejero*, que foi desenvolvida como uma unidade didática para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola da Rede Estadual de Educação da cidade de Araraquara-SP, em 16 aulas, entre março e maio de 2019.

Ao levantar o questionamento: Quais aspectos dessas experiências nos interessa sistematizar? Jara-Holliday (2006) propõe definir o eixo da sistematização, ou seja, o fio condutor que atravessa toda a experiência e faz referência aos aspectos centrais que queremos sistematizar. A formulação do eixo

pode ser feita de maneiras distintas e uma experiência pode ser sistematizada a partir de vários eixos (JARA-HOLLIDAY, 2006).

De acordo com Jara-Holliday (2006, p. 82):

A formulação do eixo deve ser coerente com o objetivo e o objeto, e responder de maneira mais específica a eles. Isso tem sobretudo um sentido prático; deve ser um facilitador do processo, que evite se perder em elementos da experiência que não são tão relevantes para essa sistematização que se quer realizar.

Nossa compreensão acerca da resposta ao questionamento proposto é de que ele servirá para nos orientar durante todo o percurso, a fim de não perdemos de vista nosso objetivo. Portanto, nosso eixo da sistematização é a seguinte questão de pesquisa:

- *Considerando os conflitos existentes nas aulas de Educação Física e a dificuldade de relacionamento interpessoal da turma durante a prática esportiva, o Futebol Callejero poderia ser uma estratégia para promover espaços de relações humanizadas pautadas por valores como: respeito, solidariedade, cooperação e diálogo?*

Em outra obra de Jara-Holliday (2018), foram acrescentadas duas perguntas como forma de promover maior estruturação ao plano de sistematização,: Quais fontes de informações temos ou necessitamos?; Quais procedimentos vamos seguir?

Atentos ao nosso objeto de estudo e ao objetivo da nossa investigação, utilizamos como principal fonte de informações os diários de aula, nos quais registramos os acontecimentos de todo o processo vivido. Foram registrados oito diários, totalizando as 16 aulas da unidade didática, que compreendem inclusive as transcrições das filmagens das rodas de conversa que aconteciam ao final de cada aula.

Para responder ao questionamento do autor Jara-Holliday (2018) – Que procedimentos vamos seguir? – apresentamos os procedimentos encaminhados para a participação na experiência e destacamos os encaminhamentos necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Após a conversa e o aceite da diretora da unidade escolar para a realização da pesquisa, o próximo passo foi a entrega dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE) e Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para a recolha das respectivas assinaturas dos responsáveis e dos participantes do estudo.

Nossa ação investigativa se caracterizou como uma pesquisa-ação que, segundo Morin (2004), permite ao pesquisador atuar como agente de intervenção em campo e busca transformar a realidade vivenciada com a ajuda de todos os investigados.

A pesquisa-ação pode ser abordada com diversas intencionalidades, compondo um amplo leque de abordagens teórico-metodológicas, bem como com suas possibilidades na prática investigativa. Nosso estudo trata-se de uma pesquisa-ação estratégica, que, a partir do conhecimento prévio do pesquisador, propõe uma mudança, ou seja, uma transformação sobre determinada realidade (FRANCO, 2005).

Segundo Franco (2005), a pesquisa-ação na prática educativa valoriza a postura investigativa do professor, sua voz, seu protagonismo para promover melhoras em sua atuação docente, realçando a sua flexibilidade metodológica como um dos seus componentes essenciais, em que o pesquisador precisa considerar a imprevisibilidade e a oportunidade gerada por acontecimentos inesperados que podem emergir da prática.

O trabalho em campo ocorreu às sextas-feiras nas duas primeiras aulas da turma envolvida na pesquisa, tendo início às 7h00 e término às 8h40 com as gravações das rodas de conversa nos momentos finais da aula, sendo os diários de aula confeccionados no mesmo dia da intervenção, no período entre 13h00 e 15h00, e por nós transcritos após assistir atentamente as gravações das rodas de conversa. Com relação às filmagens, a pesquisadora MC, que acompanhou todo o desenvolvimento da pesquisa, foi quem realizou as gravações pelo telefone celular.

Após um olhar atento para nosso contexto teórico e nosso objeto de estudo, destacamos que nosso objetivo principal foi analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais decorrentes do *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física. Seguindo com nossa Sistematização de Experiência, apresentaremos no próximo capítulo o “Terceiro tempo – Recuperação do processo vivido”.

3- TERCEIRO TEMPO: “O desenrolar da experiência com o *Fútbol Callejero*”

Neste terceiro tempo, procuramos adentrar na sistematização destacando os aspectos descritivos da experiência. Segundo Jara-Holliday (2006), é necessário primeiramente reconstruir a história, isto é, ter uma visão global dos procedimentos que se sucederam ao longo da experiência, para isso é fundamental consultar os registros descritos nos tempos anteriores.

Em muitas situações, é necessário incorporar na reconstrução da experiência os acontecimentos do contexto local que se associam a ela, portanto numa visão global dos acontecimentos, agora é hora de avançar até a localização dos diferentes elementos desse processo, resumidamente o ordenamento e a classificação da informação deve permitir reconstruir fielmente os diferentes aspectos da experiência (JARA-HOLLIDAY, 2006).

Caminhando no processo de sistematização fomos ao encontro de Mejía (2012) que propõe a confecção de um diário pessoal, uma ferramenta feita em ordem cronológica, através desse “Diário pessoal” é possível identificar os participantes dos oito encontros, as respectivas experiências realizadas em cada encontro, as datas, bem como os principais acontecimentos de cada encontro que estejam alinhados com nosso objetivo de pesquisa.

Conforme aponta Mejía (2012, p. 55):

Para hacer efectiva la relación con las prácticas que se desarrollan en cualquier actividad que se va a sistematizar, en este caso, Habilidades para la vida, se hace necesario disponer de unos instrumentos que son manejados por quienes desarrollan el proceso sistematizados y del uso de estas herramientas van a depender mucho los aprendizajes y la excelencia del trabajo desarrollado.

A seguir apresentamos resumidamente a reconstrução do nosso processo vivido, para tanto consultamos nossa fonte documental, que são os diários de aula construídos ao longo da experiência.

- **Diário I – (15/03/2019) – Participantes presentes 29 (16 meninos e 13 meninas)**, (Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Decário, Mari, Felipe, Leticia, Gabizela, Thatá, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, Adevanildo, K2, Rafa da baixada, Ny, Dicionário, Tutu, Blue). **Pesquisadores presentes** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Apresentação

da pesquisadora MC para a turma, e roda de conversa sobre a atividade que seria realizada na aula, partida de futebol livre, sem intervenção, da forma que eles estavam acostumados a jogar, lição de casa solicitando uma redação sobre a relação deles com o futebol. **Acontecimentos da aula:** Somente os meninos mais habilidosos foram escolhidos primeiro; algumas meninas não quiseram participar da atividade; a surpresa do participante Gabã em jogar junto com as meninas; o jogo foi monopolizado pelo Gabã, Adevanildo, Felipe e Rafa da baixada, que se mostravam mais habituados com o Futebol; o participante Dhiogão se mostrava muito competitivo e exagerava em alguns lances colocando em risco a integridade dos colegas; o desânimo do participante Decário que reclamou que não tocava na bola; o desabafo da participante Jana que reclamava dos meninos que não tocavam a bola; e a preferência da turma por jogar de forma mista.

- **Roda de Conversa I – (15/03/2019) – Participantes presentes 29** (Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Decário, Mari, Felipe, Leticia, Gabizela, Thatá, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, Adevanildo, K2, Rafa da baixada, Ny, Dicionário, Tutu, Blue). **Pesquisadores presentes** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Roda de conversa final com todos os participantes reunidos em semicírculo. **Acontecimentos da roda de conversa:** Questionamento sobre o que acharam do jogo; como foi o critério de escolha dos times; questionamento de como foi a participação das meninas no jogo; opinião da turma sobre o futebol praticado de forma mista, a participação dos menos habilidosos no jogo, como eram decididos os lances duvidosos, quais regras eles seguiram para jogar, a preferência de jogar de forma mista ou separada e a apresentação do *Fútbol Callejero* que seria na próxima aula.

- **Diário de Aula II – (22/03/2019) – Participantes presentes 12 (9 meninos e 3 meninas)**, (Dhiogão, Zanatta, Stuchi, Rafa da Baixada, Lu, Tutu, Gaban, K1, Mari, Pedro, Jack e Biro-Biro). **Pesquisadores presentes** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Entrega da lição de casa solicitada na aula anterior; explicação sobre o *Fútbol Callejero*, origem, os três tempos, o sistema de pontuação, a figura do mediador, os três pilares da metodologia (Respeito, Cooperação e Solidariedade); e vivência do *Fútbol Callejero* na quadra. **Acontecimentos da aula:** Escolha dos times realizada por duas meninas; regra do gol de menina valer três pontos e da bola ter que passar pelos pés de todos os

jogadores para o gol ser válido; chute do participante Tutu que atingiu a barriga de Mari e prontamente seu auxílio e pedido de desculpas a colega; pênalti cobrado pela participante Mari; maior participação de todos os jogadores em quadra; maior cooperação e toque de bola dos participantes Gabã e Rafa da baixada; clima menos competitivo do que na aula anterior; a satisfação e alegria do participante Zanatta que estava se divertindo mais com o futebol praticado dessa forma; a fala da participante Lu que sinalizou um maior respeito às regras combinadas; a fala da participante Lu que percebeu um maior respeito entre todos e um fato observado foi a gentileza e solidariedade da participante Mari que cedeu a posse de bola para a equipe adversária, abrindo mão do par ou ímpar.

- **Roda de Conversa II – (22/03/2019) – Participantes presentes 12** (Dhiogão, Zanatta, Stuchi, Rafa da Baixada, Lu, Tutu, Gaban, K1, Mari, Pedro, Jack e Biro-Biro). **Pesquisadores presentes** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Roda de conversa final com todos os participantes sentados em semicírculo. **Acontecimentos da roda de conversa:** Questionamento sobre a pontuação no pilar Respeito, sobre a pontuação no pilar Solidariedade, sobre o pilar Cooperação, opinião da turma sobre o que mudou em relação ao futebol da aula anterior, em relação a jogar sem árbitros.

- **Diário de Aula III – (29/03/2019) – Participantes presentes 32 (16 meninos e 16 meninas)**, (Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Gabizela, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Ny, Dicionário, Tutu, Giba, Mili, Albino, Amandinha do Grau, Gabizinha, Luquinha da massa, Marcola). **Pesquisadores presentes:** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Recolhimento da lição de casa solicitada no primeiro encontro, explicação sobre a origem do *Fútbol Callejero*, os três tempos, os três pilares, o sistema de pontuação, a figura do mediador, exibição de um vídeo sobre a Metodologia e um vídeo sobre o Mundial de *Fútbol Callejero* realizado em São Paulo no ano de 2014 e a divisão da turma em dois grupos de 16 alunos para vivenciar a prática do *Fútbol Callejero*, 1º Tempo do jogo realizado por todos os participantes, e o 3º Tempo da metodologia seria realizado uma roda final de conversa com todos os participantes juntos. **Acontecimentos da aula:** Os participantes Lu e Gaban realizaram a escolha dos times por iniciativa própria, primeira regra criada era que a bola deveria passar por todos para valer o gol, outra regra proposta foi o gol de

menina valer 3 pontos, todos concordaram e a última regra proposta foi que quando uma menina estivesse no gol, não valeria gol dentro da área. A mediação foi realizada por mim e pela participante Stuchi que não poderia participar, pois estava com a unha inflamada, os fatos que merecem destaque são a solidariedade do Pedro que ajudou K1 a se levantar após uma queda, a honestidade da TelTel que assumiu que a bola tocou em sua mão dentro da área, a atitude do Gabã que se mostrava cooperativo e incentivava os colegas com menos habilidade para participar das jogadas, a solidariedade em deixar o participante Jack cobrar uma falta sofrida por ele, era visível a mudança dele em relação ao primeiro encontro no qual monopolizava as ações do jogo, reclamando e ofendendo várias vezes os colegas. A solidariedade do participante Dicionário em se desculpar e buscar gelo para o colega Rafa da Baixada após uma queda decorrente do jogo, a troca de ofensas entre Vitão e K2 que foi prontamente resolvida através do diálogo e mediada pelo Zanatta. A insistência do participante Albino em jogar individualmente, fazendo gols e sendo alertado pelos colegas que não estava cumprindo uma das regras estabelecidas, o desabafo da participante Lu que alegou que o terceiro jogo do dia foi o pior de todos porque não houve cumprimento dos três pilares.

- **Roda de Conversa III – (29/03/2019) – Participantes presentes 32** (Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Gabizela, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Ny, Dicionário, Tutu, Giba, Mili, Albino, Amandinha do Grau, Gabizinha, Luquinha da massa, Marcola). **Pesquisadores presentes:** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Roda de conversa final com todos os participantes sentados em semicírculo. **Acontecimentos da roda de conversa:** Questionamento se houve cumprimento dos três pilares no terceiro jogo do dia, pontuação dos três jogos do dia e o cumprimento dos pilares em cada jogo, a problematização da ausência de Cooperação e Solidariedade de alguns participantes, novamente a explicação sobre a pontuação nos três pilares (Respeito, Cooperação e Solidariedade). Questionamento sobre o porquê dos dois primeiros jogos eles conseguirem cumprir os três pilares e no ultimo jogo a dificuldade em respeitar os acordos estabelecidos, questionamento sobre a preferência da turma em praticar o *Fútbol Callejero* ou o Futebol tradicional, problematização da figura do mediador e da experiência em jogar sem árbitros.

- **Diário de Aula IV – (05/04/2019) – Participantes presentes 35 (19 meninos e 16 meninas).** (Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Blue, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Ny, Dicionário, Tutu, Giba, Mili, Albino, Amandinha do Grau, Gabizinha, Luquinha da massa, Marcola, Adevanildo, Gabi, Decário e Nataly). **Pesquisadores presentes:** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Retomada da explicação sobre a origem do Fútbol Callejero, sobre o sistema de pontuação, os três pilares e o papel do mediador com uma sensibilização para os alunos atuarem como mediadores dos jogos. Vivência do *Fútbol Callejero* com mediação realizada pelos próprios alunos, e o 3º Tempo do jogo foi uma roda final de conversa com todos os participantes. **Acontecimentos da aula:** A fala dos participantes Milli e Albino sobre Solidariedade, a solicitação dos alunos para atuarem como mediadores, a escolha dos times realizados por um menino e uma menina, a regra do gol das meninas valer dobrado, a regra da bola ter que passar por todos para validar o gol, a regra do gol com a perna não dominante valer dobrado, a mudança de atitude do Gaban que orientava e incentivava o companheiro Jack, além do respeito com os demais participantes, algo bem diferente do primeiro encontro. Um fato observado pela pesquisadora MC foi em relação á troca de roupa que os alunos começaram a trazer para as aulas, esse fato raramente acontecia no ano passado e pode estar relacionado com a maior participação de todos nas atividades. Outro fato importante foi uma trombada entre Pedro e Milli que acabou paralisando uma das partidas e o gesto de solidariedade de Pedro que auxiliou a colega caída ao solo e buscou gelo para a mesma, voltando ao jogo apenas quando a colega voltasse. A solidariedade e o clima menos competitivo predominavam durante os jogos. A fala do K2 sobre o pilar Respeito.

- **Roda de Conversa IV – (05/04/2019) – Participantes presentes 35** (Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Blue, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Ny, Dicionário, Tutu, Giba, Mili, Albino, Amandinha do Grau, Gabizinha, Luquinha da massa, Marcola, Adevanildo, Gabi, Decário e Nataly). **Pesquisadores presentes:** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Roda de conversa final com todos os participantes sentados em semicírculo. **Acontecimentos da roda de conversa:** Devido ao pouco tempo para o término da aula, esta roda de conversa foi

realizada com questionamentos apenas para os alunos/as que atuaram como mediadores. Questionamento sobre o que acharam de ser mediadores, qual a maior dificuldade encontrada, porque se propuseram a ser mediadores, a participação de todos na hora de estabelecer as regras.

- **Diário de Aula V – (26/04/2019) – Participantes presentes 34 (19 meninos e 15 meninas).** (Dhiogão, Fer, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Letícia, Blue, Vitão, Gabã, Teltel, K1, K2, Rafa da baixada, Ny, Dicionário, Tutu, Giba, Milli, Albino, Amandinha do grau, Gabizela, Luquinha da massa, Marcola, Adevanildo, Gabi, Decário e Nataly). **Pesquisadores presentes** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Roda de conversa inicial e orientação sobre o Júri simulado que iríamos realizar, exibição de um vídeo de sensibilização sobre a presença das mulheres nos esportes, os vídeos exibidos foram: “Invisible Players” e “Like a Girl” (Always) que retratam as questões de gênero nas práticas esportivas. Organização da turma em dois grupos para a realização do Júri simulado. **Acontecimentos da aula:** Problematização da seguinte questão: Quem de vocês acha que a separação entre masculino e feminino nos esportes é necessária por diferenças físicas que afetam o desempenho? 20 alunos/as ergueram o braço e formariam um grupo que defenderia essa questão no júri simulado. A outra questão problematizada foi: Homens e mulheres podem praticar esportes de forma mista, pois aspectos físicos não são determinantes para o rendimento? Os 14 alunos/as restantes que não ergueram o braço na primeira questão, formariam o segundo grupo que defenderia essa questão em nosso júri simulado. A participante Mari foi a advogada do grupo I e o Decário foi o advogado do grupo II. Deixei os grupos debaterem e argumentarem entre si por 20 minutos e após esse período solicitei que se encaminhassem para a quadra para darmos início ao júri. Importante destacar a fala de Mari sobre as diferenças fisiológicas entre homens e mulheres, e a fala de Decário que se apoiava em questões culturais para defender a presença de esportes mistos, a fala da Gabizela sobre a importância das estratégias e táticas nos esportes e sobre a falta de oportunidades para as meninas praticarem esportes, após os debates a mudança de opinião de Rafa da Baixada e Luquinha da massa que aceitaram que determinados esportes poderiam ser mistos. Vale ressaltar que nesse encontro não houve roda de conversa e a foi feita a

filmagem do júri simulado. Após o término do Júri restavam 10 minutos para o término da aula e os alunos solicitaram jogar Queimada *Callejera*.

- **Diário de Aula VI – (03/05/2019) – Participantes presentes 27 (16 meninos e 11 meninas).** (Dhiogão, Fer, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Dicionário, Tutu, Giba, Gabizela, Luquinha da massa, Adevanildo, Decário). **Pesquisadores presentes:** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Roda de conversa inicial sobre o que eles entendiam sobre protagonismo juvenil, após breve registro conceitual e exemplos de como exercer esse protagonismo, fizemos um breve debate sobre as políticas públicas de esporte e lazer no bairro e de como a proposta do *Fútbol Callejero* poderia ajuda-los a lutar pelos seus direitos. Após os debates e reflexões a turma se mostrou motivada a montar uma chapa para concorrer na eleição do Grêmio estudantil da escola. Organização de um festival de *Fútbol Callejero* entre a turma que solicitou realizar também o “Voleibol *Callejero*” e a “Queimada *Callejera*” durante nosso festival. **Acontecimentos da aula:** Três meninos e uma menina escolheram os times, as participantes Jana, Rafaela, Teltel e Leticia seriam as mediadoras do festival. Criação de algumas regras como o lateral poder ser com os pés e com as mãos, e a saída de bola ser na quina do escanteio, e o gol de menina valer o dobro. Questionei o motivo dessa regra, e os meninos disseram que as meninas quase não marcavam gols e era para incentiva-las. Importante destacar a fala da mediadora Rafaela que estava indignada com o gol de menina valer o dobro, pois estavam taxando as meninas de fracas. Após breve diálogo entre os participantes, ficou definido que esta regra seria excluída. Fato que merece destaque a tomada de consciência de Rafa da Baixada e Adevanildo que estavam mais cooperativos tocando a bola para os colegas e a mudança de comportamento dos mesmos, que não reclamavam mais dos colegas e por várias vezes incentivavam os menos habilidosos nos lances. Em outro jogo do festival novamente surgiu a regra do gol de menina valer dois, e os meninos disseram que era porque as meninas não chutavam forte, então Decário solicitou que ele também deveria se enquadrar nessa regra, pois também não chutava forte. Novamente após os diálogos dos participantes a regra foi excluída. Os atos de solidariedade de Felipe e Tutu que trombaram e se desentenderam, mas ambos resolveram através do diálogo e se desculparam. A insatisfação de Decário que afirmava que a equipe não

merecia o ponto de Cooperação, pois quase não tocaram a bola para ele em um dos jogos. Outro fato importante foi o gesto de solidariedade da turma com os alunos que tinham dificuldade em realizar o saque no Voleibol, e mesmo após alguns erros sucessivos de saque, já não havia mais ofensas e reclamações. Comentei com a pesquisadora MC que eles estavam visivelmente mais tolerantes e solidários com os colegas, fato reforçado e também observado pela MC. Também destaco a solidariedade da equipe 3 que ajudava a Stuchi da equipe adversária a realizar o saque e mandava voltar até a mesma conseguir acertar. Outro fato observado por mim e pela pesquisadora MC foi a presença de três meninas jogando futebol caixote do lado de fora da quadra, enquanto aguardavam para jogar o Voleibol *Callejero*. Importante sinalizar que esse espaço era totalmente monopolizado pelos meninos. Para finalizar destaco que a turma envolvida na pesquisa era alvo de bons comentários na sala dos professores e foi elogiada pela coordenadora da escola que salientou que era significativa a mudança de atitude da turma em relação ao início do ano.

- **Diário de Aula VII – (10/05/2019) – Participantes presentes 34 (16 meninos e 18 meninas).** (Dhiogão, Fer, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Dicionário, Tutu, Giba, Gabizela, Luquinha da massa, Decário, Ny, Nataly, Gabi, Stuchi, Thatá, Albino, Milli, Amandinha do grau). **Pesquisadores presentes:** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Sequência dos jogos do Festival (*Fútbol Callejero*, *Voleibol Callejero* e *Queimada Callejera*). **Acontecimentos da aula:** Roda de conversa inicial sobre a readequação dos times, pois tinha alunos/as que não estavam na aula anterior e conseqüentemente não estavam em nenhuma equipe. Pude perceber que após eles se apropriarem da metodologia, estão sugerindo levar para outras modalidades esportivas coletivas. Uma regra criada nos jogos de hoje foi o saque poder ser realizado lançando a bola, demonstrando a ideia de cooperação com os colegas menos habilidosos. A solidariedade do participante Dhiogão que tem mais afinidade com o Voleibol e por várias vezes orientou os/as colegas na hora do saque. Importante destacar o gesto de solidariedade de K2 com o Decário, após acertar uma bolada em seu rosto, se desculpou e foi buscar água e gelo para o colega. Outro fato apontado pela pesquisadora MC foi a presença cada vez maior das meninas, ocupando um espaço de futebol caixote do lado de fora da quadra, no

encontro anterior três meninas jogavam com os meninos e hoje pudemos observar a presença de sete meninas. A mudança de comportamento e atitude de Gabã que mostrava empatia e cooperação com os colegas; o mesmo aluno foi elogiado pela Coordenadora da escola no início da aula. Após os jogos iniciei uma roda de conversa com as mediadoras (Jana, Rafaela, Leticia e Stuchi), e foram feitos alguns questionamentos como: o motivo delas optarem por atuar como mediadoras, as dificuldades encontradas e na percepção delas as mudanças que observaram na turma com a prática do *Fútbol Callejero*. A pesquisadora MC questionou as alunas sobre as mudanças ocorridas na turma e se mesmo após essas mudanças elas não se arriscariam a jogar. Importante destacar que as quatro meninas que atuaram como mediadoras, participaram posteriormente dos jogos de Queimada.

- **Diário de Aula VIII – (17/05/2019) – Participantes presentes 33 (19 meninos e 14 meninas).** (Dhiogão, Fer, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro-Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Vitão, Gabã, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Dicionário, Tutu, Giba, Gabizela, Luquinha da massa, Decário, Gabi, Stuchi, Thatá, Albino, Milli, Amandinha do grau, Adevanildo, Marcola). **Pesquisadores presentes:** (Tiago, MC). **Atividades desenvolvidas:** Roda de conversa inicial explicando que hoje seria o último encontro da pesquisa. Agradei a participação de cada um deles e me comprometi a apresentar o trabalho para todos assim que estivesse pronto. Solicitação de lição de casa como trabalho de conclusão da unidade didática com o seguinte tema: “Quais as mudanças na visão deles sobre o Futebol e na forma de praticá-lo, e também quais as diferenças entre o Futebol tradicional e o *Fútbol Callejero*”. Solicitação para entregarem na semana que vem e término dos jogos do Festival. **Acontecimentos da aula:** Após a roda de conversa inicial caracterizando o 1º Tempo do *Fútbol Callejero*, ficou combinado que as regras seriam as mesmas do encontro anterior, já não existia o clima de rivalidade e competição tão presente nas aulas anteriores e iniciais do projeto. Importante destacar a mudança de comportamento de K1 que demonstrava mais tolerância e compreensão com os/as colegas e também Dhiogão que jogava de forma cooperativa e evitava exagerar na força para não machucar os/as colegas, mostrando a preocupação e o cuidado com o outro. Sinalizo também o protagonismo de Gabã que mediava todos os conflitos através do diálogo e facilitava o prosseguimento do jogo, além da generosidade e cooperação com Jack que possuía dificuldades com o Voleibol. Destaco também a

solidariedade da equipe 3 com Giba, que teve a calça rasgada no joelho durante um mergulho para receber a bola no Voleibol e teve auxílio dos/as colegas para se reestabelecer e prosseguir no jogo. Também ressalto o gesto de Giba que se mostrava muito competitiva no início do projeto e no jogo final do festival cedeu gentilmente o saque ao companheiro Dicionário que solicitou sacar, pois encontrava muita dificuldade em obter êxito nesse fundamento. Considero importante destacar que uma das regras criadas pela turma durante a prática do *Fútbol Callejero* no espaço de futebol caixote do lado de fora da quadra, foi a comemoração de um gol com um abraço coletivo entre todos, mostrando os laços de amizade estreitados com a prática do *Fútbol Callejero*. Iniciei a roda final de conversa com todos os participantes reunidos em semicírculo no centro da quadra e o primeiro questionamento foi se a turma gostou do *Fútbol Callejero*, todos responderam positivamente; questionei também a turma sobre as diferenças que eles puderam perceber entre o Futebol Tradicional e o *Fútbol Callejero*, outro questionamento feito por mim, foi a percepção deles em relação a mudança de comportamento da turma, também questionei sobre como eles poderiam levar os três pilares da Metodologia para além da escola, para o dia a dia deles, e que era muito importante eles levarem para fora da escola o que aprenderam com a Metodologia. Elogiei o participante Gabã pela sua evolução ao longo de todo o processo. Após os diálogos questionei a turma se daria certo um Interclasses de *Fútbol Callejero* com a escola toda, e todos se mostraram empolgados e motivados, agradei a participação deles, reforcei sobre a entrega da lição de casa na semana seguinte e encerramos nossa experiência.

- **Diário de Aula Extra – (31/05/2019) – Desdobramentos da pesquisa:** Após o término da unidade didática observei em um campo de Futebol próximo a unidade escolar que realizei a intervenção, a presença de algumas meninas jogando futebol junto com os meninos, estacionei o carro e observei que eram alunos da escola. Aquele fato me despertou a atenção, pois nunca tinha visto anteriormente a presença de meninas jogando futebol naquele espaço. O fato ocorreu em um sábado e na segunda feira fui a escola para me inteirar sobre esse fato e para minha surpresa alguns meninos disseram que após a prática do *Fútbol Callejero* na escola algumas meninas ficaram motivadas para jogar e passaram a frequentar aquele espaço. Outro fato que merece destaque foi os Jogos Interclasses

de Queimada, evento tradicional da escola que ocorreu no início de Maio, destaco que a equipe do 9º ano envolvida no projeto foi a única da escola a participar dos Jogos com uma equipe mista (meninos e meninas jogando juntos).

Seguindo com nossa Sistematização, vou descrever os aspectos estruturais da unidade didática, que iniciou com a prática do futebol de forma livre, sem intervenções pedagógicas, que evidenciou o afastamento de algumas meninas e alguns conflitos por questões técnicas e táticas percebidos durante os jogos. Após esse jogo inicial que serviu como diagnóstico da turma envolvida na pesquisa foi proposto uma roda de conversa com o objetivo de elencar e refletir sobre os conflitos que surgiram.

A partir do segundo encontro, apresentamos o *Fútbol Callejero* e suas características, fazendo uso de recursos como exibição de vídeos, vivência do *Fútbol Callejero*, júri simulado e outras intervenções que assumiram um caráter mais dialógico, permitindo que alunos e alunas expressassem suas opiniões e protagonizassem a construção do conhecimento de maneira ativa e autêntica. Esse protagonismo acabou repercutindo inclusive em situações extraclasse, evidenciando a consolidação de saberes atitudinais conforme iremos tratar com destaque nas análises estabelecidas por categorias no quarto tempo.

4- QUARTO TEMPO: “Juntos somos mais fortes”

Chegamos ao tempo-chave da sistematização, ou seja, a interpretação crítica de todo o processo. Agora é o momento de irmos além do descritivo e fazer uma análise crítica de toda a experiência. A pergunta-chave deste tempo é: por que aconteceu o que aconteceu? (JARA-HOLLIDAY, 2006).

Um instrumento que pode ser útil neste momento é um roteiro de perguntas críticas que interroguem todo o processo e permitam identificar os fatores essenciais que permearam todo o processo, explicitando o sentido e a lógica da experiência (JARA-HOLLIDAY, 2006).

O título deste tempo, “Juntos somos mais fortes”, remete ao estreitamento dos laços de amizade da turma após a intervenção e também à importância do trabalho em equipe para superar os obstáculos, uma vez firmado um relacionamento com respeito, solidariedade, empatia, tolerância e estabelecida a compreensão de que cada indivíduo, mesmo com todas as suas particularidades, é fundamental para se alcançar um objetivo em comum. Portanto, se todos/as se unirem e trabalharem em conjunto, a jornada será concluída com sucesso.

Assim, após diversas leituras dos diários de aula, as unidades de significado foram agrupadas em categorias temáticas, inspiradas pelas Categorias de Codificação de Bogdan e Biklen (1994), sinalizando que, após a leitura atenta dos dados, repetem-se ou destacam-se certas frases, padrões de comportamento ou formas de os sujeitos pensarem os acontecimentos.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), à medida que se realiza a leitura dos dados, vamos sublinhando as unidades de significado que se assemelham e estas serão agrupadas em *categorias de codificação*, de modo que determinadas questões e preocupações de investigação dão origem a determinadas categorias.

Salientamos que foi confeccionado um total de oito diários de aula, identificados por algarismos romanos e postos em ordem crescente, seguindo uma ordem cronológica (I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII), representados pela letra D. Também foram confeccionados os registros de quatro rodas de conversa, identificados por algarismos romanos e postos em ordem cronológica (I,II,III,IV), representados pela sigla RC. As categorias temáticas foram representadas pelas letras A, B e C, e as unidades de significado foram agrupadas e colocadas em ordem cronológica nos

diários, sendo representadas por números (1,2,3, etc), recebendo um código exclusivo em ordem crescente, por exemplo: (DIA2) no qual o DI refere-se ao primeiro diário de aula, a letra A refere-se à categoria temática e o número 2 refere-se à segunda unidade de significado da categoria A encontrada nesse diário.

Após a leitura atenta dos dados e o agrupamento das unidades de significados resultantes do processo de busca da compreensão dos processos educativos emergentes de uma unidade didática com o *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física Escolar, chegamos à construção de três categorias, a saber: A) “Com o *Fútbol Callejero* as meninas podem jogar de igual para igual”; B) “Eles escolhem só os bons, só os caras”; C) “Com a prática do *Fútbol Callejero*, hoje todos estão mais unidos, não tem mais divisão, todos ficaram amigos”.

Para auxiliar em nossa formação de categorias e para facilitar o entendimento dos códigos que surgiram após o agrupamento das unidades de significado, organizamos um quadro (*Quadro 2*) que possibilitou uma melhor visualização das categorias que foram criadas para a análise, compreensão e descrição dos processos educativos analisados.

Para uma leitura adequada do quadro, temos disposta na coluna da esquerda (disposição vertical) a apresentação de todos os diários (I,II,III,IV,V,VI,VII,VIII). Na primeira linha superior, foram organizadas (disposição horizontal) as categorias temáticas (A,B,C) e, dentro das categorias, temos os números (1,2,3,4,5...) que representam a ordem cronológica das unidades de significados encontradas em cada categoria nos respectivos diários.

Quando o leitor se deparar, no corpo do texto, com indicações da origem do dado, tal qual: “(DIA5)”, neste exemplo a indicação significará que o excerto está situado no “diário I, categoria A, unidade de significado 5”.

Importante sinalizar que, dentro dos primeiros quatro diários (DI, DII, DIII, DIV) estão registradas as rodas de conversa. Estas foram classificadas como: Roda de conversa I (RCI), Roda de conversa II (RCII), Roda de conversa III (RCIII) e Roda de Conversa IV(RCIV). Nos demais diários, as rodas de conversa estão agrupadas no próprio corpo do texto, não necessitando de uma classificação à parte.

Quadro 2- Estruturação das categorias

Categorias	A- “Com o <i>Fútbol Callejero</i> as meninas podem jogar de igual para igual”	B- “Eles escolhem só os bons, só os caras”	C- “Com a prática do <i>Fútbol Callejero</i>, hoje todos estão mais unidos, não tem divisão, todos ficaram amigos”
Diário I	1, 2, 3, 4 5, 6, 7, RCIA8, RCIA9, RCIA10, RCIA11, RCIA12	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, RCIB9, RCIB10, RCIB11, RCIB12, RCIB13, RCIB14	1, 2, 3, 4, RCIC5, RCIC6, RCIC7
Diário II	13, 14.		8, 9, 10, 11, 12 ,13, 14, 15, 16, RCIIC17, RCIIC18, RCIIC19, RCIIC20
Diário III	15, 16, RCIIIA17	15, 16, RCIIIB17	21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, RCIIIC28, RCIIC29, RCIIC30, RCIIIC31
Diário IV	18, 19		32, 33, 34, 35, 36
Diário V	20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29.		
Diário VI	30, 31.		37, 38, 39, 40, 41, 42, 43
Diário VII	32, 33, 34.		44, 45, 46, 47, 48, 49, 50
Diário VIII	35, 36.	18	51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61

Fonte: Elaborado pelo autor.

4.1 “Com o *Fútbol Callejero* as meninas podem jogar de igual para igual”

A Categoria A, “Com o *Fútbol Callejero* as meninas podem jogar de igual para igual”, emergiu de todos os aspectos observados e relatados que envolveram os processos educativos decorrentes dos diálogos entre meninos e meninas e as relações de gênero que permearam toda a pesquisa, além do protagonismo das meninas durante as aulas, que foi aumentando gradativamente no decorrer de todo o processo. O *Fútbol Callejero*, com a Metodologia que lhe é peculiar, possui potencial para o empoderamento das mulheres durante a sua prática (BELMONTE; GONÇALVES JUNIOR; SOUZA JUNIOR, 2018).

Observamos que, realmente, as meninas assumem um papel de protagonista durante sua prática, como pode ser refletido na fala da **participante Jana**: “Com o *Fútbol Callejero* as meninas podem jogar de igual para igual” (DVIIA34). Este excerto serviu como título da categoria por representar todo esse processo que evidenciou o protagonismo das meninas durante o desenvolvimento da unidade didática.

Compreendemos o *empoderamento*, a partir da perspectiva adotada por Berth (2018), como um processo de autoconscientização. Isto é, não podemos “empoderar” alguém. Ainda de acordo com a autora, empoderar concretiza-se por diversos estágios de autoconhecimento, autovalorização, autorreconhecimento e autoafirmação, ou seja, um movimento de transformação interna do indivíduo. Pensar em *empoderamento* é pensar coletivamente em ações antissexistas, antirracistas e anticapitalistas – somente por intermédio da coletividade empoderada podemos pensar em modificações nas estruturas sociais.

Importante assinalar que essa categoria retrata todo o processo vivido, pois esse protagonismo das meninas só foi observado no andamento da pesquisa, havendo, no início, a exclusão das meninas por parte dos meninos, como podemos ver no excerto abaixo:

Pude notar que no primeiro momento nenhuma menina havia sido escolhida, e o aluno **Gabã** perguntou se as meninas poderiam jogar com os meninos. Eu apenas respondi que iria observar e que eles decidiriam as regras. O participante **Gabã** respondeu: “Vixi, elas não vão aguentar” e fez um semblante de insatisfação em jogar de forma mista (DIA1).

Este fragmento reflete o início de todo o processo, no qual observamos a exclusão das meninas durante a prática do Futebol que eles estavam acostumados a jogar, e nos permite a reflexão sobre as questões de gênero nas aulas de Educação Física escolar e as suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem. Como podemos ver no excerto acima, as meninas não foram escolhidas no primeiro momento e certamente, se não houvesse intervenção, elas ficariam de fora do jogo. Podemos notar também o descontentamento do participante **Gabã** refletido em seu semblante quando notou que teria que jogar com as meninas. É comum vermos a presença de conflitos entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, que se acentua quando o conteúdo esporte é abordado. Dialogando com a literatura, Fraga (2000) sinalizou que socialmente se considera as meninas naturalmente mais frágeis do que os meninos, justificando, assim, a necessidade de uma proteção dessa “brutalidade” que é inerente aos meninos, como podemos observar nessa mesma fala.

Outro momento que demonstra essa exclusão das meninas durante os jogos foi encontrado no excerto abaixo:

Após algumas discussões foram definidos 4 alunos para escolher as equipes: **Gabã, Rafa da baixada, K1 e Vitão**. As equipes foram organizadas de forma mista e algumas meninas se recusaram a participar da atividade: **Gabisela, Teltel, Ni, Thata, Rafaela e Leticia**. Após questionar sobre o porquê de não participarem, ficou combinado que observariam atentamente o andamento dos jogos (DIA2).

Conforme vimos na exposição acima, mesmo com a formação de equipes mistas, algumas meninas se recusaram a participar da atividade. Acreditamos que isso se deve a insucessos vivenciados em práticas anteriores que causaram uma espécie de bloqueio, uma espécie de escudo que essas meninas utilizam para não participarem da atividade envolvendo o futebol. Na literatura dialogamos com Altmann (1998) que indicou não serem as meninas as únicas excluídas durante os jogos, pois alguns meninos considerados maus jogadores também são excluídos ou recebem as bolas com menos frequência.

Corroborando essa afirmação, temos a declaração da **participante Ni**, que, durante a roda de conversa realizada no final da aula no primeiro encontro, respondeu a um nosso questionamento sobre a participação das meninas. Ela disse que: “Várias meninas nem relavam na bola” (DIA3). Como podemos observar no

primeiro encontro, correspondente às duas primeiras aulas da unidade didática, as meninas estavam insatisfeitas com essa exclusão, o que demonstrava o monopólio masculino durante a prática do Futebol, fato comprovado pela fala da **participante Jana** ao ser questionada durante a roda de conversa no primeiro encontro sobre os meninos estarem ou não tocando a bola para elas. **Jana** respondeu prontamente: “Os meninos queriam ser os bam bam bam e pouco tocavam a bola pra gente” (DIA4).

O trecho transcrito abaixo demonstra esse monopólio masculino durante a prática esportiva e foi extraído da Roda de Conversa I (RCI) ao final do primeiro encontro:

Educador: “Quem foi escolhido primeiro?”.

Alunos: “Os meninos”.

Educador: “E o restante que não foi escolhido, o que iria acontecer com eles?”.

Aluna Fer: “Iriam ficar sem jogar”

Educador: “E isso é legal?”.

Alunos: “Não” (RCIA9)

Em outro registro encontramos intencionalidade semelhante à entendida no diálogo anterior, e nele as participantes **Jana** e **Mari** demonstram sua total insatisfação:

Educador para a Jana: “E você acha que os meninos tocavam a bola normalmente para as meninas?”.

Aluna Jana: “O Rafa da baixada e o Adevanildo não tocavam não, a Mari toda hora estava livre e eles não tocavam”

Aluna Mari: “Dava uma raiva de alguns meninos, da vontade de chegar com os dois pés no peito, eles não tocam” (RCIA10)

De acordo com Altmann (1998), não se pode concluir que as meninas fossem excluídas do jogo apenas por questões de gênero, mas por serem consideradas menos habilidosas e mais fracas que seus colegas.

Podemos identificar na fala da participante **Jana** a insatisfação com essa situação ocorrida no primeiro encontro, pois, mesmo com algumas meninas desmarcadas durante o jogo, os meninos evitavam tocar a bola para elas, causando

irritação e frustração nas que estavam em quadra e também nas do lado de fora assistindo. Altmann (1998) indicou ainda que, na maioria das vezes, os meninos demonstram mais força física e habilidade do que as meninas. Estas, por sua vez, se recusariam a participar de atividades mistas por se sentirem rejeitadas. Segundo esse autor, os/as educadores/as deveriam proporcionar atividades que oferecessem aos/às educandos/as condições de desconstruírem estereótipos de gênero.

Encontramos na fala da **participante Lu** outra mostra da exclusão sofrida pelas meninas durante o primeiro encontro: “É melhor misto, porque senão os meninos vão jogar e nós vamos ficar de fora só olhando” (RCIA11), refletindo a exclusão vivida pelas meninas no primeiro tempo, visto que a aluna disse preferir jogos mistos porque teria assegurado o seu direito de participar do jogo, dando a entender que, se não fosse misto, provavelmente as meninas ficariam de fora.

Importante sinalizar que os meninos menos habilidosos ou considerados jogadores ruins também foram rejeitados num primeiro momento. Corroborando esse fato, Altmann (1998) apontou que força, gênero, habilidade e idade formam um leque de exclusões vivido por meninas e meninos durante as aulas.

Apesar da participação desigual das meninas no início das intervenções, se comparada com a dos meninos que tem mais afinidade com o futebol, elas não hesitaram em responder, durante um questionamento na roda de conversa do primeiro encontro, que preferem jogar de forma mista, conforme descrito no excerto abaixo:

Educador: “E aí turma, vocês preferem o jogo misto ou jogo separado (meninos e meninas)?”

Aluna Mari: “Misto é melhor porque interage mais”

Aluno K2: “É melhor misto porque todos podem se divertir igualmente” (RCIA12).

Nesse sentido, de acordo com a fala do aluno **K2**, observamos que a proposta do *Fútbol Callejero*, que indica, necessariamente, a formação de equipes mistas, torna-se uma estratégia interessante, visando o enfrentamento de um quadro de exclusão por parte das meninas durante as aulas, colaborando com os processos

educativos com vistas a uma formação integral dos educandos, proporcionando reflexões acerca das discussões de gênero dentro e fora do ambiente escolar.

Após a realização do primeiro encontro, no qual problematizamos alguns conflitos e as situações de exclusão vividas por alguns alunos/as, iniciamos o segundo encontro com 12 deles presentes para conhecer a proposta do *Fútbol Callejero*. O número reduzido de alunos/as teve como justificativa uma paralisação geral dos transportes públicos em Araraquara nesse dia.

Após a exibição de vídeos sobre a Metodologia e uma detalhada orientação sobre o sistema de pontuação e cumprimento dos três pilares, observamos um avanço nessa relação conflituosa entre meninos e meninas ocorrida no primeiro encontro. O que nos causou surpresa foi o fato de duas meninas tomarem consciência de seus direitos à escolha e ao protagonismo durante o jogo, refletida na atitude de tomarem a iniciativa para a escolha dos times, de cujo registro consta: “Chegando na quadra iniciamos a escolha dos times e para minha surpresa e da pesquisadora MC, duas meninas (**Mari** e **Lu**) se prontificaram a escolher os times e todos concordaram” (DIIA13).

Outro fragmento extraído do segundo diário de aula revela que, gradativamente, algumas meninas assimilaram a proposta da Metodologia e fizeram valer seus direitos a uma participação mais efetiva durante a prática dos jogos, revelando esse “empoderamento” durante a prática do *Fútbol Callejero*. Segue, abaixo, o excerto que revela essa participação mais efetiva durante os jogos:

Para minha surpresa a equipe laranja pediu para **Mari** cobrar o pênalti, e ela assim o fez, chutando para fora a cobrança. Esse fato merece destaque porque nunca aconteceu em outros jogos de futsal realizados na escola. O jogo prosseguiu e estava nítida a diferença em relação à aula anterior, pois todos estavam participando ativamente (DIIA14).

Podemos observar no trecho acima que, apesar de a intervenção estar no começo, alguns alunos/as assimilaram e compreenderam algumas características do *Fútbol Callejero*. Cremos que o pouco número de alunos/as presentes no segundo encontro tenha facilitado para uma melhor compreensão dos três pilares, que veio a refletir nas ações observadas durante os jogos, uma vez que o jogo estava menos competitivo em relação à aula anterior e algumas meninas se empenharam nas ações da equipe, assumindo o papel de protagonistas.

Dialogando com a literatura, Saraiva (2005) se mostrou favorável a um modelo de Educação Física coeducativa, indicando alguns princípios que poderiam contribuir para uma concepção coeducativa, entre eles: favorecer a prática de atividades conjunta, evitar características que remetam ao esporte de rendimento possibilitando outros significados às modalidades esportivas, propiciar um tratamento igual entre meninos e meninas, bem como equipará-los com os mesmos níveis de exigência e aproveitar os conflitos ocorridos durante a aula para posterior problematização e reflexão.

Seguindo com nossa análise, realizamos no terceiro encontro a mesma aula do encontro anterior, desta vez com a maioria da turma presente contando os doze participantes do encontro anterior. Retomamos o conteúdo e as explicações sobre a metodologia do *Fútbol Callejero* realizadas na aula passada.

Ficou evidente, no terceiro encontro, que essa turma não conseguiu se apropriar dos princípios da Metodologia e que, para se observar mudanças significativas nas atitudes e nas relações entre os participantes, o trabalho precisaria ser gradual e contínuo. As meninas que não participaram da primeira apresentação ainda estavam sem confiança para interagir, embora se mostrassem aparentemente motivadas com a proposta do *Fútbol Callejero*.

No excerto abaixo observamos que a exclusão de algumas meninas prossegue:

O terceiro jogo foi muito diferente dos primeiros, havia muitas ofensas e uma vontade excessiva por parte de alguns meninos, o participante **Albino** não tocava a bola para as meninas, e discutiu com o participante **K2** que insistia que ele devia passar a bola para todos para o gol ser válido, mesmo com a observação do colega o jogo prosseguiu com várias ofensas entre os participantes e o individualismo do participante **Albino** (DIII16).

Por esse extrato acima, observamos que os alunos/as que tiveram contato com a metodologia na aula anterior tentavam ajudar os que estavam conhecendo a metodologia pela primeira vez. Vários conflitos ocorreram e algumas meninas se sentiram excluídas pelo fato de não receberem bolas durante os jogos; Por meio dos excertos a seguir, realizados na roda de conversa final, podemos observar esse descontentamento:

Educador: “Vocês acham que houve dificuldade para cumprir os três pilares nesse terceiro jogo?”

Lu: “Nesse terceiro jogo teve, nós meninas quase nem pegamos na bola”

Milli: “Nesse terceiro jogo ninguém estava respeitando os combinados”

K2: “Esse terceiro jogo tava uma várzea professor” (RCIIIA17)

Podemos observar no trecho acima que, no terceiro jogo do dia, não houve cumprimento dos três pilares e vários conflitos surgiram. A fala da participante **Lu** reflete a insatisfação com a participação das meninas que, apesar de desmarcadas durante o jogo, não recebiam passes de alguns meninos. A fala do participante **K2** demonstra que o jogo foi desorganizado, pois o termo “várzea” naquele contexto representa um jogo desorganizado, sem respeito às regras, ou seja, um jogo “bagunçado”. Entendemos que a dificuldade em cumprir os três pilares da Metodologia no terceiro jogo é fruto da dificuldade de compreensão da proposta, visto que era o primeiro contato com o *Fútbol Callejero* de oito alunos/as que estavam em quadra.

No quarto encontro reforçamos a explicação sobre o sistema de pontuação no *Fútbol Callejero* e o cumprimento dos três pilares. Houve também uma sensibilização para os/as alunos/as atuarem como mediadores. Neste encontro já pudemos observar uma participação mais efetiva das meninas na elaboração das regras realizadas no primeiro tempo do jogo, conforme o excerto abaixo:

A primeira regra proposta foi feita pelas participantes **Mari** e **Lu**, que sugeriram que quem fizesse o gol deveria fazer uma dança, a princípio houve resistência por parte de alguns meninos, mas após breve diálogo a regra foi aceita por todo o grupo e registrada pelo mediador (DIVA19)

De acordo com o excerto, podemos notar que as meninas estavam se posicionando na elaboração das regras e fazendo valer seus direitos durante a prática do *Fútbol Callejero*. Outro ponto positivo observado foi o diálogo entre meninos e meninas para a construção da regra, que a princípio foi refutada por alguns meninos por considerarem a dança como algo que ferisse a masculinidade deles. Consideramos que esse momento da aula foi muito importante, pois foram problematizados alguns conflitos de gênero a partir de um olhar mais cuidadoso, emergindo um processo educativo para as relações de gênero. Dialogando com a literatura, Varotto et al. (2018) sinalizaram que o *Fútbol Callejero* propicia o diálogo e uma interação mais igualitária entre os participantes, uma vez que a construção das

regras é feita de forma coletiva e as equipes necessariamente formadas por meninas e meninos.

Com o passar dos encontros, essa relação desigual entre meninos e meninas vista no início da intervenção foi sendo superada e pouco a pouco construímos uma relação mais igualitária entre os pares. A escola enquanto instituição formadora tem o dever de se constituir em um espaço democrático, problematizando e tolerando as diferenças existentes, proporcionando as mesmas oportunidades de aprendizado a todos indistintamente.

Outro elemento significativo relacionado a essa categoria foi a construção de um júri simulado em que diferentes pontos de vista eram expostos e ouvidos atentamente por todos/as, facilitando o diálogo para além do próprio esporte, se constituindo em um importante processo educativo para as relações de gênero. O júri teve início com a exibição de dois vídeos (*Invisible Players* e *Like a Girl (Always)*) como forma de sensibilização da turma para a dinâmica proposta. Após alguns diálogos iniciais, foi problematizada a seguinte questão: “Quem de vocês acha que é necessária a separação entre masculino e feminino nos esportes por diferenças físicas que afetam o desempenho?”. Vinte alunos ergueram o braço e disseram que defendem essa separação (DV-A20). Então definimos que eles seriam o Grupo I e iriam se reunir para levantar argumentos e defender esse ponto de vista.

Os 14 alunos que não levantaram o braço iriam ser o Grupo II e defenderiam a seguinte questão: “Homens e mulheres podem praticar esportes de forma mista, pois os aspectos físicos não são determinantes para o rendimento?”. Eles também teriam o mesmo tempo para se reunir e levantar argumentos para sua defesa (DVA21).

Figura 1- Júri Simulado



Fonte: Arquivo pessoal

Por meio dessa atividade foi possível colocar em discussão questões relacionadas à desigualdade de gênero, problematizando os condicionamentos estabelecidos pelos marcadores sociais que definem práticas como femininas ou masculinas.

De acordo com Souza Junior (2018), a instituição escolar não pode se abster do compromisso de permitir que seus alunos sintam-se em casa no mundo, independente de suas características, protagonizando a construção da sua identidade com vistas a viver em um âmbito mais justo e com respeito às diversidades.

Seguindo com nossa análise, apresentamos um trecho dos diálogos estabelecidos durante o júri simulado, no qual **a participante Mari** escolhida advogada do Grupo I apresenta o seguinte argumento:

“A gente defende a tese de que deva ser separado o esporte entre homens e mulheres, porque mesmo que a mulher treinar nas mesmas condições e período do homem, ela não vai se igualar a ele, pois a naturalidade da mulher é diferente. O homem tem mais hormônios da testosterona e a mulher acaba sendo mais fraca por esse motivo, por exemplo, se pegar a Mi e o K1 para treinar o mesmo treino, com as mesmas condições, com a mesma alimentação, tudo da mesma forma, por mais que a Mi se esforce, o K1 vai se sair melhor no final de tudo” (DVA22).

Podemos perceber na fala da aluna **Mari** alguns traços tradicionais, que usam o argumento do fator biológico para separar meninos e meninas durante as aulas, e das transformações físicas que podem distanciá-los na prática esportiva.

De acordo com Souza Junior (2018), o componente biológico não pode ser utilizado para justificar a separação de meninos e meninas em qualquer etapa da escolarização. Não há como negar que existem diferenças biológicas entre os sexos, mas tais diferenças não devem ser levadas em consideração no sentido de subjugar o colega fisicamente mais frágil.

Continuando com a apresentação dos diálogos realizados no júri simulado, no excerto abaixo destacamos a fala do participante **Decário**, que veio contrapor o argumento apresentado pelo Grupo I, a qual reduz a dimensão de o fator biológico vir a ser a única razão das diferenças de desempenho entre mulheres e homens. **O participante Decário**, na figura de advogado do Grupo II, argumentou sobre a fala da colega, expondo:

“Nosso grupo discorda da fala da Mari porque eu vou dar um exemplo aqui, se a Mi treinar desde cedo com o K1, e tiver as mesmas oportunidades que ele teve desde criancinha, com certeza ela conseguiria jogar e competir em igualdade com ele depende muito da oportunidade que essa menina recebeu, se eles treinarem da mesma forma desde criança, nosso grupo acredita que ela possa jogar de igual para igual com os meninos” (DVA23)

Encontramos na fala do participante **Decário** consonância com Souza Junior (2018, p. 8).

É importante destacar que as diferenças entre meninos e meninas, mais do que biológicas são construídas socialmente, na medida em que as experiências incentivadas ou negadas para cada sexo tem grande peso nas performances desses indivíduos na realização das diversas práticas corporais.

Podemos compreender que, mesmo com o fator biológico sendo amplamente questionado e discutido, ainda encontramos ações sexistas presentes nas falas de alguns alunos. Esses discursos enraizados na sociedade legitimam toda essa estrutura de dominação masculina (SILVA, 2016).

Conforme apontou Altmann (1998), a Educação Física constitui o campo de ação onde se acentuam as diferenças entre homens e mulheres, muitas vezes provocadas pela tendência de separar meninos e meninas durante as aulas,

ressaltando a diferença entre eles e reforçando o preconceito instituído pela sociedade.

Destacamos unidades de significado nas quais as meninas mostraram um posicionamento forte e crítico durante os diálogos realizados na atividade do júri simulado, evidenciando o potencial educativo e reflexivo da atividade, conforme o enunciado abaixo:

A **participante Jana** disse que: “A prática dos esportes de forma mista é muito relativa e que dependendo das regras poderiam sim ser disputados em condições de igualdade com homens e mulheres jogando juntos”

A **pesquisadora MC** então questionou: “Vocês acham que só os aspectos físicos são importantes para a prática esportiva?”.

A **participante Jana** respondeu: “Não, mas outros fatores como oportunidades, regras, aceitação da sociedade, também são importantes para que os esportes possam ser praticados de forma mista” (DVA27)

A dinâmica do júri simulado procurou oportunizar momentos de diálogo de modo a torná-lo um processo crítico e reflexivo na problematização de situações de desigualdades entre os gêneros, principalmente nos esportes coletivos. Podemos perceber pela fala da participante **Jana**, defensora dos esportes praticados de forma mista, que está baseada em um discurso de cunho social, em que as experiências ofertadas ou negadas a cada sexo desde o nascimento deverão ter significativa influência no desempenho motor de cada indivíduo. cremos que essa fala é importante, pois confronta o discurso de cunho biológico no qual muitos se apoiam para justificar a separação entre os sexos durante a prática esportiva. Esse fator não precisa ser um empecilho para a participação efetiva de meninos e meninas durante as aulas. A fala destacada no fragmento abaixo (DVA28) também se credencia como um importante processo educativo, pois a aluna foi capaz de exemplificar para toda a turma outros fatores que influenciam no desempenho esportivo, como tática e estratégias que ela empregava para superar os meninos considerados mais fortes que ela nos treinamentos, evidenciando que somente os aspectos físicos não seriam determinantes para o sucesso nas práticas esportivas.

Segue, abaixo, o excerto da fala da **participante Gabizela**, complementando um questionamento da pesquisadora MC sobre aspectos físicos determinantes para a prática dos esportes coletivos:

“Nos esportes principalmente nos coletivos, vale muito a tática, as estratégias e as ações em momentos do jogo, do que somente a força física, por exemplo, eu quando fazia natação, ganhava de muito menino mais forte do que eu, porque eu tinha uma técnica de nado diferente que me fazia chegar á frente deles nos treinamentos” (DVA28).

Nota-se, nos trechos acima, que as meninas desenvolveram um relato com base em argumentos sólidos e buscaram resolver os conflitos e as divergências de opiniões com o diálogo, evidenciando todo o potencial educativo da atividade.

Em consonância com Daolio (1995), pode-se afirmar que o ponto-chave defendido pelo autor para que os meninos geralmente sejam mais hábeis e ousados nas práticas corporais refere-se á construção cultural dos corpos. Não podemos negar: as diferenças físicas existem, mas os hábitos corporais masculinos e femininos vão, ao longo do tempo, tornando determinado sexo mais hábil que o outro em relação aos aspectos motores.

De acordo com Souza Júnior (2018, p. 10):

Assim podemos concluir que existem sim, diferenças biológicas entre os sexos que não podem ser negadas. Contudo, existem também diferenças socioculturais que precisam ser evidenciadas e que podem ser reconfiguradas na medida em que as experiências ofertadas a meninos e meninas passem a levar em consideração o critério de equidade de gênero. Tal critério pressupõe o reconhecimento e valorização das referidas diferenças entre os sexos, sem abrir mão da igualdade de direitos e oportunidades de acesso às mesmas experiências nas aulas.

Corroborando os processos educativos emergentes desta categoria, trazemos, a seguir, um excerto do diário de aula que remete à tomada de consciência e ao posicionamento crítico de algumas meninas após as vivências e rodas de conversas realizadas durante as intervenções. Desde as primeiras intervenções com o *Fútbol Callejero*, em todos os jogos se fazia presente a regra de o gol das meninas valer o dobro. De início, as meninas aceitavam prontamente essa regra, sem maiores questionamentos. A partir da atividade do júri simulado desenvolvido no quinto encontro com as reflexões sobre a equidade de gênero no esporte, observamos, no final das intervenções, algumas meninas e também meninos mudarem de opinião em relação a essa regra colocada no primeiro tempo do *Fútbol Callejero*, conforme destacado no excerto abaixo:

Iniciamos o primeiro tempo do jogo de Futsal e algumas regras já vistas anteriormente foram propostas, como lateral com os pés e mãos, saída de bola da quina do escanteio e também o gol das meninas valer o dobro. Sobre essa regra do gol de menina valer mais, questionei os alunos sobre o porquê dessa regra e os mesmos falaram que as meninas tinham menos oportunidades de gols. Então o **participante Pedro** pediu a palavra e disse: “Não tenho habilidade no futebol e tenho poucas chances de gol, meu gol também deve valer o dobro”. Todos ficaram pensativos por um instante e a **mediadora Rafaela** pediu a palavra e disse: “O nosso gol valer o dobro é uma ofensa para nós, pois estão taxando as meninas como mais fracas” Após as reflexões e discussões a regra foi retirada do jogo em comum acordo entre todos. (DVIA30)

Diante isso, podemos observar que o conceito de gênero permite pensar nas diferenças sem transformá-las em desigualdades; esses trechos retirados do diário de aula permitem refletir sobre a desconstrução da imagem de que meninas tem menos habilidade para as práticas esportivas e de que todos os meninos são necessariamente hábeis para a prática esportiva. É necessário promover reflexões sobre o que faz homens e mulheres adotarem determinados comportamentos e atitudes sexistas. É preciso romper com estereótipos e possibilitar um tratamento igualitário em termos de oportunidades com respeito às diferenças entre os gêneros.

Conforme apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998), a Educação Física escolar deve contribuir para a formação de alunos com capacidade para refletir sobre atitudes e condutas existentes, e para formar sujeitos autônomos, capazes de optar por atitudes e valores que considerem justos, possibilitando a vivência de práticas democráticas e inclusivas.

Continuando com a análise dos nossos dados, traremos no excerto abaixo uma unidade de significado que, em nosso entendimento, aponta para um “empoderamento” das meninas durante as intervenções propostas, contribuindo para superar a perspectiva de que no futebol predomina a cultura masculina. De acordo com Horochovski e Meirelles (2007), “empoderar” seria uma conquista, um processo pelo qual os indivíduos incorporam recursos que lhes permitem ter visibilidade, capacidade de ação, voz, influência, e está ligado a temas como libertação, emancipação e autonomia. O excerto também acaba revelando que houve assimilação e compreensão da proposta do *Fútbol Callejero* por parte dos alunos/as e que, apesar de o cenário se mostrar favorável, o trabalho precisa ser de longo prazo para que os processos educativos vividos com o *Fútbol Callejero* sejam

transferidos para outros espaços além do ambiente escolar. Segue, abaixo, o registro retirado do sétimo diário de aula:

Um fato importante que merece destaque é que enquanto eram disputados os jogos de voleibol na quadra, do lado de fora em um espaço de gol caixote ocorria o *Fútbol Callejero* e o que pudemos observar, tanto eu, quanto a pesquisadora MC, foi a presença cada vez maior das meninas nesse espaço de jogo, que anteriormente ao projeto, era um espaço totalmente monopolizado pelos meninos. Hoje pudemos notar que as alunas **Milli** e **Má** tomaram a iniciativa de escolher os times, lideravam com autonomia a roda de conversa realizada no primeiro tempo do jogo e argumentavam com propriedade no terceiro tempo. Além delas, participaram desse *Fútbol Callejero* fora do espaço da quadra, as alunas **Amandinha do Grau**, **Giba**, **Mari** e **Fer**. Esse fato me chamou bastante a atenção, pois nunca houve a presença de meninas nesse espaço nas aulas anteriores ao projeto. (DVIIA33)

Consideramos esses dados bastante significativos, pois revelam o protagonismo das meninas que, anteriormente às intervenções, representavam um grupo menos participativo e parcialmente excluído das atividades esportivas coletivas. Colaborando com nosso ponto de vista, dialogamos com Belmonte e Gonçalves Junior (2018) que sinalizaram que o “*Fútbol Callejero* é para ser mais!”, revelando o cuidado com o outro, o protagonismo e a autonomia dos participantes. Em outro estudo Belmonte (2019) apontou que o *Fútbol Callejero* se configura como uma “Motricidade *Callejera*”, com potencial para atuar articuladamente contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado.

O *Fútbol Callejero* estabelece um espaço acolhedor e convidativo para as meninas, que podem manifestar seus interesses, ao buscarem a superação de um ambiente predominantemente masculino característico do futebol, conforme apontam Elias e Dunning (1992).

No trecho abaixo, referente ao oitavo diário e último encontro da unidade didática, identificamos algumas unidades de significado que evidenciam esse aumento na participação efetiva das meninas, além do protagonismo exercido com o desenrolar da unidade didática e a apropriação do caráter inclusivo da Metodologia.

Iniciei a roda de conversa com alguns questionamentos e o primeiro deles foi se a turma gostou da prática do *Fútbol Callejero*, e a resposta da turma foi positiva e unanime. **O participante K1** pediu a palavra e disse: “É uma coisa nova para gente, uma nova maneira de jogar futebol”. **O participante Gabã** que no início das intervenções se mostrou resistente em jogar de

forma mista, também solicitou a palavra e disse: “Foi muito bom poder jogar meninos e meninas juntos, coisa que a gente nunca havia feito antes”. A partir daí questionei sobre a diferença do *Fútbol Callejero* para o Futebol tradicional que eles estavam acostumados a jogar e a **participante Fer** respondeu de imediato: “A participação das meninas melhorou muito professor, com o Futebol de antes as meninas só ficavam olhando”. (DVIII35)

Podemos observar na fala do participante **K1** que o contato com o *Fútbol Callejero* foi algo inovador para a turma e uma possibilidade de praticarem o futebol de outra forma, em oposição às características competitivas e técnicas apresentadas pelo futebol de alto rendimento, tornando uma importante prática de inclusão social através do esporte, na qual os participantes podem ter oportunidades de participarem ativamente dos jogos, exercendo protagonismo e liderança independente de suas aptidões físicas ou técnicas.

Dialogando com a literatura, Rossini et al. (2012) apontaram que o *Fútbol Callejero* utiliza o esporte mais popular do mundo, fazendo adaptações nas regras para alcançar objetivos sociais e transformações coletivas e individuais.

Pela fala do participante **Gabã**, extraída do excerto acima (“Foi muito bom poder jogar meninos e meninas juntos, coisa que a gente nunca havia feito antes”), compreendemos que a proposta do *Fútbol Callejero* em ter equipes necessariamente mistas foi fundamental para combater as relações que foram historicamente construídas na sociedade, de que o futebol é “coisa de menino”. A presença de equipes mistas somada ao diálogo constante promovido pela Metodologia foi fundamental para promover reflexões acerca das questões de gênero, um tema muito sensível e polêmico no ambiente escolar, que, por vezes, chega a ser evitado.

Contribuindo com nossas afirmações, Souza Júnior, Belmonte e Martins (2015) indicam que o *Fútbol Callejero*, com sua metodologia que lhe é peculiar, destaca-se como uma importante prática político-pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar, problematizando a cultura masculina que predomina nas aulas, especialmente no conteúdo futebol, que é hegemônico e aguardado pelos discentes. Sem um tratamento didático adequado, a atividade educacional com o futebol pode excluir parcela significativa dos alunos/as que não se sentem aptos para jogar, sobretudo as meninas, que possuem uma cultura significativa de exclusão.

Observamos na fala da participante **Fer**, extraída do excerto acima – “A participação das meninas melhorou muito professor, com o futebol de antes as meninas só ficavam olhando” – que o *Fútbol Callejero*, com sua prática mista e a abertura ao diálogo promovido no primeiro e terceiro tempo da metodologia, propiciou um engajamento das meninas nas ações do jogo e as levou ao protagonismo nas decisões coletivas, evidenciando que a modificação nas regras e o cumprimento dos três pilares foram fundamentais para promover relações de igualdade entre meninos e meninas. Sobre isso, encontramos na Literatura Belmonte (2019) sinalizando que as premissas do *Fútbol Callejero*, com suas equipes mistas e com a organização de um tempo para a elaboração das regras, fortalecem a promoção e o estabelecimento de relações igualitárias entre meninos e meninas.

Sobre a mudança de postura do participante **Gabã** destacada no excerto acima citado, vale sinalizar que foi uma mudança gradativa à medida que o aluno foi assimilando e compreendendo a proposta do *Fútbol Callejero*. No início das intervenções, o aluno apresentava um comportamento inadequado com os pilares da Metodologia. Destacamos um trecho extraído do primeiro diário de aula que evidencia esse comportamento machista:

Pude notar que no primeiro momento nenhuma menina havia sido escolhida, e o aluno **Gabã** perguntou se as meninas poderiam jogar com os meninos. Eu apenas respondi que iria observar e que eles decidiriam as regras. O participante **Gabã** respondeu: “Vixi, elas não vão aguentar” e fez um semblante de insatisfação em jogar de forma mista (DIA1).

Como podemos observar, o participante **Gabã**, em um primeiro momento, não gostou de saber que poderia jogar de forma mista e menosprezou as meninas na sua fala, taxando-as de fracas e pré-julgando que elas não aguentariam um jogo mais bruto dos meninos.

No desenrolar da unidade didática e com a incorporação e compreensão da proposta do *Fútbol Callejero*, o aluno foi tomando consciência de seus atos e adotando outra postura durante as aulas, como evidencia o seguinte excerto, extraído do quarto diário de aula:

Importante destacar a mudança de atitude de **Gabã**, que jogava de forma cooperativa, passando a bola para os companheiros, independente de suas

aptidões e por várias vezes orientava as meninas a realizar a marcação e a bater na bola da melhor forma possível (DIVA18)

Observando os extratos que representam a mudança de postura do participante **Gabã**, podemos perceber que a mudança ocorreu de forma gradual; aos poucos o aluno foi percebendo as diferenças entre o futebol de rendimento e o *Fútbol Callejero*, demonstrando atitudes condizentes com os pilares que sustentam a Metodologia, adotando uma postura de cooperação, respeito e tolerância com os amigos/as com menor aptidão para o futebol.

Dialogando com a literatura, Rossini et al. (2012) apontaram que o *Fútbol Callejero* é bastante diverso do futebol esportivizado ou de rendimento e que as modificações nas regras possibilitam imprimir olhares para a igualdade de gênero, pois meninos e meninas jogam juntos e em condições iguais, além de trazerem abertura ao diálogo que facilita a reflexão sobre as atitudes e relações com o outro como estabelecidas durante a partida.

Importante destacar também alguns desdobramentos da pesquisa que foram observados após a conclusão da unidade didática e que revelam a continuidade dos processos educativos mesmo após as aulas. Pudemos observar, em um sábado à tarde, a presença de alunas da turma jogando futebol com os meninos em um campo de uma praça próximo à escola. Ante a surpresa diante do fato, pois nunca havíamos presenciado meninas participando do futebol naquele espaço, resolvemos investigar, com as meninas que estavam participando, sobre aquele episódio. Chegando à escola na semana seguinte, questionamos algumas meninas que ali estavam sobre o jogo de futebol ocorrido no sábado à tarde na praça e elas disseram que, após conhecer o *Fútbol Callejero*, ficaram mais motivadas e confiantes para jogar futebol com os meninos. Podemos destacar, desta situação, que as alunas carregaram para fora do ambiente escolar as experiências vividas com o *Fútbol Callejero*, atuando com protagonismo e autonomia no contexto em que estão inseridas, emergindo em um espaço que era monopolizado pelos meninos. Consideramos as características da Metodologia do *Fútbol Callejero*, que propõe a inclusão das meninas no jogo e a autonomia na construção das regras, fatores fundamentais para a inserção das meninas naquele espaço, possibilitando a superação da hegemonia de um gênero sobre o outro na prática do futebol.

Outro fato que merece destaque é: a turma envolvida na pesquisa foi a única da escola a jogar no festival de queimada interclasses com uma equipe mista. A escola na qual a pesquisa foi desenvolvida possui um tradicional festival do jogo queimada disputado por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, observando-se que as turmas participantes formavam equipes predominantemente masculinas, por acreditarem que teriam mais chance de sucesso no festival com equipes majoritariamente compostas por meninos. Destacamos o fato de a turma participante da pesquisa comparecer ao festival com uma equipe mista, composta igualmente por meninos e meninas. Vale destacar que o festival ocorreu após a conclusão da unidade didática e, em nossa percepção, essa presença pode ter sido fruto das vivências com o *Fútbol Callejero*, pois as meninas estavam participando ativamente do jogo, e os meninos cediam a bola para elas terem oportunidades de arremesso. Em nossa análise, percebemos que as ações vivenciadas e assimiladas com a prática do *Fútbol Callejero* foram levadas para além das aulas de Educação Física. Compreendemos que essas atitudes observadas durante o festival de queimada refletem um afastamento das condutas competitivas exacerbadas identificadas em jogos competitivos ou nas práticas esportivas influenciadas pelos valores midiáticos. Este fato rendeu bons comentários por parte da equipe docente e da direção escolar na sala dos professores/as.

Encerramos a análise da nossa primeira categoria temática com a sinalização positiva de que a proposta de intervenção com o *Fútbol Callejero* desvelou processos educativos importantes no tocante às questões e aos conflitos de gênero que emergiram no início de todo o processo, evidenciando um aumento significativo na participação e no protagonismo das meninas durante a prática, mostrando que o futebol merece um tratamento didático adequado nos currículos da Educação Física escolar, visto que possibilita uma participação crítica, ativa e autônoma dos alunos e alunas. A seguir, apresentaremos a próxima categoria que emergiu após as diversas leituras dos diários de aula, as quais indicaram a importância de tratar os aspectos relacionados à dimensão da competência de jogo (em especial no que diz respeito aos aspectos técnico-táticos) como categoria de análise.

4.2 “Eles escolhem só os bons, só os caras”

Após a releitura por várias vezes dos diários de aula, emergiram diversas unidades de significado que foram agrupadas nesta categoria de análise B, que demonstra divergências com a categoria que virá posteriormente, retratando bem o início da experiência marcada pela exclusão dos menos aptos para a prática futebolística, fato comum em aulas pautadas pela perspectiva esportivista.

O título desta seção surgiu da comunicação feita pela participante **Fer** durante a roda de conversa final realizada no primeiro encontro da unidade didática. A **Fer** respondeu a um questionamento feito sobre quais critérios eles utilizavam para escolher os times dizendo: “Eles escolhem só os bons, só os caras” (RCIB10). Observamos, no início das intervenções, que os primeiros participantes escolhidos foram apenas os meninos com mais afinidade com o futebol e que alguns deles, além das meninas, ficaram de fora da atividade, apenas observando a partida. Portanto, nesta categoria B, o foco de análise recai sobre os processos educativos construídos no campo da competência de jogo, em especial os aspectos técnico-táticos.

No contexto do futebol praticado livremente pelos alunos, a competência de jogo estabelece uma fronteira entre aqueles que são valorizados durante a prática e aqueles que são excluídos e muitas vezes menosprezados nas aulas de Educação Física. Sobre esse fato e dialogando com a literatura, Damo (2005) trouxe uma crítica sobre o dom de jogar bola, um tema evidente para o entendimento do futebol brasileiro e recorrente em sua fala em vários contextos no mundo do futebol. Segundo Damo (2005), o dom é “algo mais”, o que não se pode explicar, “aquilo que você sabe que o sujeito tem”, mas não sabe exatamente o que é. Esse dom é o que diferencia a grande maioria de pessoas em relação àquelas que obtêm sucesso no futebol ou no esporte, e, nesse sentido, o autor faz uma crítica ao fato de algumas pessoas acreditarem que alguns possuem esse dom e outros não, negando a possibilidade de as pessoas aprenderem a jogar futebol após treinamento.

O dom, segundo Damo (2005), pode assumir dois significados complementares. Pode ser sinônimo de uma “dádiva” de Deus/herança genética ou sinônimo de talento/habilidade. Identificamos na fala da **Fer** – “Eles escolhem só os

bons” – que, no primeiro momento da aula, somente os alunos com esse “talento” ou dom para o futebol foram escolhidos para iniciar o jogo e que o restante da turma vivenciou uma situação de exclusão durante a aula. Portanto, em nosso entendimento, a palavra “bons”, citada pela aluna, faz alusão aos possuidores dessa “dádiva”, desse talento que uns tem e outros não. Assim dizendo, aqueles que se destacam nos jogos de futebol no contexto em que estamos pesquisando são os primeiros a serem escolhidos, reforçando a competência de jogo como marcador social da diferença para a exclusão. Ainda pela fala da participante **Fer** (“Eles escolhem só os bons, só os caras”), podemos concluir que o termo “só os caras” é outro marcador social de diferença – nesse caso, de gênero –, pois entendemos que o termo “os caras” faz referência apenas aos meninos mais aptos para o futebol, reforçando o que Damo (2005) apontou sobre o futebol no Brasil possuir um arbitrário cultural que o define como um espaço privilegiado de afirmação da masculinidade. Jogando alguns meninos se descobrem detentores de talento, sendo esse talento um diferencial, fruto de uma comparação entre meninos e meninas.

Nesse excerto (RCIB10), identificamos o caráter seletivo e excludente decorrente da prática do futebol praticado de forma livre, que foi identificado na primeira aula da experiência e serviu como diagnóstico da turma antes de propor a intervenção com o *Fútbol Callejero*.

Dessa forma, corroborando nossas afirmações, temos Kunz (1994) destacando que o esporte utilizado com características de treinamento esportivo terá como consequência um pequeno grupo de alunos que terão sucesso na prática esportiva, contrastando com a grande maioria que vivenciarão situações de fracasso, indo na contramão da função primordial da escola, que é democratizar o acesso ao conhecimento para todos/as independente de suas aptidões ou dificuldades.

Sinalizamos com alguns excertos extraídos do primeiro diário de aula que retratam esse caráter competitivo e individualista presente no primeiro encontro:

Deixei a bola no centro da quadra e propus que eles se organizassem da forma que quisessem para iniciar os jogos. Inicialmente dois alunos se propuseram a escolher os times, foram eles: **Gabã** e **Rafa da baixada**, decidiram no par ou ímpar e iniciaram a escolha dos times, somente os meninos mais habilidosos e com maior afinidade com o futebol fora da escola foram escolhidos. (DIB1)

Podemos perceber que nesse primeiro momento da aula houve necessidade de uma intervenção de nossa parte, pois os meninos escolhidos inicialmente não se preocuparam com os demais colegas que não haviam sido escolhidos e que permaneceram apenas observando os demais se prepararem para iniciar o jogo. Após a mediação, os times foram mesclados e, ainda assim, alguns participantes se recusaram a participar. No excerto a seguir, houve uma sinalização importante da **participante Teltel**:

Questionei os alunos do porque não estarem participando dos jogos e a aluna **Teltel** foi enfática em dizer: "Sou muito ruim professor, os meninos me xingam, pois não aceitam que eu erre as jogadas". As demais colegas concordaram com **Teltel** e foram unânimes em dizer que não tinham afinidade com o futebol e que os meninos eram muito competitivos e brigavam com elas. (DIB2)

Importante destacar que, nesse primeiro momento, foram seis meninas a se recusarem a participar do jogo (Gabizela, Teltel, Ni, Thata, Rafaela e Leticia) e, após comunicarem os motivos de não participarem, ficou combinado que observariam atentamente o andamento dos jogos. No trecho abaixo, trazemos a competitividade exagerada e o individualismo presente no jogo, pois os taxados como mais habilidosos ou mais aptos para o futebol monopolizavam as ações do jogo e raramente tocavam a bola para os colegas:

Após a escolha dos times iniciamos o primeiro jogo, no qual ficou nítido que os alunos **Adevanildo, Gabã, Rafa da baixada e Felipe**, monopolizavam as ações do jogo, não trocavam passes com alguns companheiros, mesmo eles estando desmarcados, como se os colegas fossem invisíveis, e o jogo se desenhava com um clima muito competitivo. (DIB4)

De maneira geral, podemos observar, por esses registros, a necessidade de propor novas experiências, novas práticas para superar esse cenário que valorizava apenas uma parcela de alunos. Em concordância com nosso ponto de vista estão González e Fensterseifer (2009), que apontaram ser preciso refletir sobre o trato pedagógico dado ao conteúdo esporte, com o objetivo de formar integralmente o/a aluno/a, abordando o esporte de forma relevante e significativa.

De acordo com Barroso (2018), é necessário propor novas experiências, propiciando transformações pedagógicas e didáticas, favorecendo a

legitimidade junto à comunidade escolar ao permitir sua ressignificação no ambiente escolar.

Percebemos na situação exposta que o clima competitivo predominou em nossa primeira aula da unidade didática e que as atitudes excludentes estavam presentes a todo o momento, desde a escolha dos times e durante a realização dos jogos, haja vista alguns alunos jogarem apenas entre eles. Quanto a isso, Silva e Salgado (2005) apontaram que praticar determinados esportes com características de alto rendimento parece ser mais chamativo que praticar de forma recreativa, no qual não seria tão priorizado o gesto técnico.

Figura 2- 2º tempo do Fútbol Callejero



Fonte: Arquivo pessoal

Prosseguindo com a análise, emergiram mais elementos que refletem todo esse processo inicial no qual a turma estava acostumada a vivenciar a prática do futebol, de forma individualizada e esportivizada. Isso pode ser reflexo da sociedade competitiva em que estavam inseridos, que compara e seleciona os indivíduos, elegendo os mais preparados para atuar em vários segmentos da sociedade, gerando posturas egoístas e competitivas por parte dos discentes e que acaba refletindo no ambiente escolar, principalmente na prática dos esportes coletivos. Seguem, abaixo, alguns excertos extraídos dos diários de aula e das rodas de conversa:

Problematizei sobre o critério de escolha dos times, e eles responderam que os melhores eram escolhidos primeiro, o **participante K1** disse: “Escolhi o colega que chutava mais forte”, continuei questionando sobre o critério de escolhas do time e se era justo eles usarem esse critério para a escolha e como se sentiriam os que ficassem por último para serem escolhidos. Perguntei sobre a escolha das meninas a **participante Lu** disse: “A Ma foi escolhida primeiro, pois ela joga futebol fora da escola, por isso foi escolhida antes das outras meninas” (DIB7).

Identificamos na fala do participante **K1** e também na fala da participante **Lu**, que as experiências anteriores acabam sendo um fator importante para classificar os/as alunos/as dentro da hierarquia das competências de jogo, ou seja, aqueles que vivenciam situações de sucesso em experiências anteriores são privilegiados e escolhidos primeiro nas práticas posteriores. Sendo assim, aqueles que possuem um dom especial para o futebol são os preferidos no momento da escolha dos times. Dialogando com a literatura, Damo (2005) apontou que o dom equivale a uma predisposição inata, isto é, algo que está no sujeito e pode ser aprimorado. Sendo assim, aqueles que possuem esse dom serão o centro dos interesses. Trazendo para o nosso contexto de pesquisa, são os alunos que foram escolhidos primeiro no jogo inicial.

Continuando com alguns questionamentos sobre esse primeiro dia da experiência e como havia sido a participação de todos/as no jogo, destacamos o que o participante **Decário** disse: “Fiquei chateado porque não levo o menor jeito para jogar futebol, por isso quase não recebo bolas durante o jogo” (DIB8)

Podemos compreender que a fala do **Decário** indica uma insatisfação com o fato de não receber bolas durante o jogo, e o mesmo assume sua dificuldade em participar do jogo, algo que vai contra a masculinidade hegemônica presente no futebol, e também indica que os marcadores sociais da diferença nos esportes incorporam, além da questão de gênero, outras camadas como: estrutura física, competência de jogo, idade, status social etc.

Encontramos na literatura Altmann (1998), que apontou o gênero como uma categoria relacional, articulada com outras categorias como força, idade, habilidade, formando um leque de exclusões vivido por meninos e meninas durante as aulas. A autora sinalizou que as meninas não são as únicas excluídas, mas também os meninos considerados maus jogadores ou mais fracos são excluídos com frequência das aulas.

Durante a realização da Roda de Conversa, questionamos também as seis meninas que se recusaram a participar dessa primeira aula:

Educador: “E as meninas que não participaram quais os motivos para vocês ficarem sem jogar?”

Telcel: Porque eu sou ruim

Gabizela: “Porque eu sou péssima e os meninos reclamam muito”

Ni: “Eu também sou ruim professor e os meninos xingam muito quando eu erro”

Gabizela: “Na minha opinião os meninos querem ser os bam bam bam e pouco tocavam a bola” (RCIB9).

Percebemos, pelos trechos citados acima, que o esporte praticado dessa maneira reforça o individualismo e as posturas competitivas dos alunos/as que, no primeiro momento, buscaram a vitória a qualquer custo e que esses valores, mesmo estando presentes na sociedade, precisam ser discutidos e refletidos no ambiente escolar. De acordo com Bracht (1997), o esporte ensinado e praticado dessa maneira reforça a competição e o individualismo, seguindo na contramão de um ensino que busca a formação integral e humana dos discentes.

Em nosso ponto de vista, o esporte ensinado com ênfase na competição e no melhor gesto técnico possível pode ser excludente para uma grande parcela dos alunos/as, pois só os mais ágeis, fortes e habilidosos conseguem vivenciar o esporte de forma prazerosa. Segundo Soares et al. (1992), na prática esportiva escolar, é necessário resgatar os valores que privilegiam a solidariedade e o respeito humano, prevalecendo os aspectos coletivos sobre os individuais, buscando a igualdade de condições para todos os alunos/as.

Finalizando a apresentação dos registros que emergiram para a presente categoria, destacamos algumas unidades de significado extraídas dos diários de aula. Trazemos um excerto tirado da Roda de Conversa ao final do primeiro encontro:

Educador: “Em relação á participação dos que tem menos habilidade no Futebol, eles tiveram oportunidades de participar ativamente do jogo?”.

Participantes: De forma unanime disseram que não

Decário: “Eu não recebi bolas, eu quase não jogo futebol, não pratico”.

Mari: “Então professor, teve gente que atravessava a quadra toda com a bola e não passava para a gente” apontando para o participante Gabã.

Tutu: “Quem não recebe bola tem que abrir a boca, eles ficam isolados na quadra” (RCIB14).

Identificamos no excerto acima que no primeiro encontro houve um monopólio masculino na execução das ações e que alguns alunos/as menos aptos para o futebol foram pouco requisitados e demonstraram sua indignação com a situação, conforme podemos ver na fala da **Mari**: “Então professor, teve gente que atravessava a quadra toda com a bola e não passava para a gente” apontando para o participante **Gabã**. Entendemos que o participante **Gabã** se encaixa no topo da hierarquia dos alunos/as com competência de jogo e, por isso, estava se exibindo perante os colegas com ações de cunho individualista. Sobre isso, Damo (2005) apontou que, jogando, alguns meninos se descobrem portadores de qualidades especiais relacionadas ao domínio das técnicas do jogo. O dom entendido aqui é um diferencial entre meninos e meninas e essa demonstração do desempenho nas aulas permite uma comparação entre eles.

Na fala do participante **Tutu** “Quem não recebe bola tem que abrir a boca”, compreendemos que o aluno apontou para a apatia dos alunos/as em quadra que não recebiam bolas. Na visão desse aluno, os colegas deveriam lutar pela bola: pedir a bola e não ficarem em silêncio ante essa situação. Dialogando com a literatura, encontramos Freire (2013), que indicou a necessidade de homens e mulheres lutarem pelos seus direitos para que a desopressão se torne real. Essa luta só tem sentido quando os oprimidos, ao buscar resgatar sua identidade, não se tornem opressores, mas restauradores da humanidade, libertando a si e aos opressores.

Consideramos, com base nos dados coletados, que nossa intervenção visa desconstruir vivências anteriores excludentes e competitivas, fruto do Futebol midiático que preza pela vitória a qualquer custo. Somente através de uma prática dialógica poderíamos reverter tal cenário, resgatando valores como respeito, cooperação e solidariedade. Pudemos notar, neste início da experiência, que meninas e meninos são excluídos do e no jogo, mas não podemos afirmar que as meninas ou meninos são excluídos da prática apenas por questões técnico-táticas.

No dia a dia das vivências, essas questões de exclusão foram problematizadas nas mediações das rodas de conversa, como podemos ver no excerto abaixo extraído do diário de aula do terceiro encontro:

O terceiro jogo disputado estava em um clima muito competitivo e com várias jogadas individuais, não estava prevalecendo o trabalho em equipe, o participante **Albino** insistia em jogar individualmente e evitava tocar para os colegas com menor afinidade com o futebol, ou para as meninas, descumprindo uma das regras para pontuar no pilar cooperação (DIIIB16)

Como podemos ver, no terceiro encontro ainda ocorriam momentos de exclusão relacionados a questões técnicas ou questões de gênero, mas que foram devidamente problematizadas no terceiro tempo do jogo, provocando a reflexão sobre esses fatos, quando os participantes puderam expor seus pontos de vista e, dialogando, chegar a um consenso para resolver essas questões, consolidando-se, assim, como um processo educativo para a resolução dos conflitos por meio do diálogo – conforme o excerto destacado abaixo:

Educador: “Vocês acham que nesse jogo as equipes merecem o ponto de cooperação?”

Lu: (visivelmente irritada) “De jeito nenhum”

Fer: “Não, o Albino não passava a bola para nós”

Albino: “Eu prefiro não tocar para alguns”

Fer: “Mas você tem que tocar, senão não pontuamos na cooperação”

Educador: “E você Albino acha legal essa sua atitude de não tocar para o colega”? Como você se sentiria se fosse ao contrário?”

Albino: Ficou em silêncio por um instante e concordou que estava errado agindo dessa forma.

Albino: “Tá certo Fer, eu nem tinha me tocado que podia prejudicar a equipe”

Fer: “No próximo jogo toque mais a bola então”

Educador: “Então pessoal, para pontuar no pilar cooperação é necessário que vocês joguem cooperativamente, que todos participem ativamente do jogo e não se sintam excluídos” (RCIIB17)

Compreendemos, no trecho acima, a importância de problematizar essas questões de exclusão, abrindo espaço para o debate sobre o cumprimento dos três pilares. O fato proporcionou uma discussão importante entre os participantes, e a reflexão do participante **Albino** sobre sua atitude durante o jogo, debatendo com os colegas e refletindo sobre as colocações feitas, permitiu que ele conseguisse compreender a importância da cooperação durante a prática do *Fútbol Callejero* e que, com o diálogo, poderia se entender com os companheiros de equipe, consolidando esse momento como um importante processo educativo de resolução de conflitos por meio do diálogo. Certamente, se não houvesse esse

momento de reflexão, os alunos voltariam para a sala com desavenças e insatisfeitos uns com os outros.

No dia a dia das vivências, fomos percebendo que, de maneira gradual, essas questões problematizadas no início das intervenções foram sendo superadas a partir da assimilação dos três pilares do *Fútbol Callejero* e que, durante o 3º Tempo da Metodologia, todos puderam expor seus pontos de vista, suas argumentações e percepções, dialogando e refletindo sobre os acontecimentos das aulas. Utilizando esse exercício dialógico, procurávamos, de maneira efetiva, ir mudando essa realidade.

Nessas duas primeiras categorias, foi notória a importância da intervenção com o *Fútbol Callejero* para identificar alguns processos educativos: a resolução de conflitos por meio do diálogo e o processo educativo para as relações de gênero. Continuando com o processo de análise dos dados, agrupamos as unidades de significado que estão relacionadas aos saberes atitudinais, permeadas pelos três pilares da Metodologia (Respeito, Cooperação e Solidariedade) que deram origem a uma nova categoria de análise, que apresentaremos a seguir.

4.3 “Com a prática do *Fútbol Callejero*, hoje todos estão mais unidos, não tem divisão, todos ficaram amigos”

Esta categoria C foi formada com base nos diálogos e nos processos educativos relacionados aos saberes atitudinais que foram emergindo a partir da compreensão e incorporação dos três pilares da Metodologia do *Fútbol Callejero*, esta posteriormente transferida, por sugestão dos próprios discentes, para outras modalidades como o Voleibol e a Queimada. Vale ressaltar que os estudantes, a partir da compreensão da proposta da Metodologia *Callejera*, tiveram bastante autonomia para organizarem e mediarem os jogos, durante os quais, observando atentamente, pudemos realizar intervenções pontuais.

A escolha dessa turma para participar da pesquisa se deu devido à dificuldade de estabelecerem relações interpessoais pautadas por valores humanos como respeito, solidariedade, cooperação, empatia, tolerância, igualdade e resolução de conflitos pelo diálogo. De acordo com Freire (2004), compreendemos que tolerância é uma virtude da convivência humana, ou seja, uma relação entre os indivíduos na qual é fundamental reconhecer em outra pessoa uma posição diferente da sua. O autor sinalizou que tolerar não é estar de acordo com a pessoa que pensa diferente de você, mas respeitá-la e poder aprender com ela, sendo, contudo, importante destacar que respeitar opiniões não significa ausentar-se do diálogo e da luta por igualdade e esperança de dias melhores (FREIRE, 2004). Como vimos no início da experiência, a turma apresentava dificuldade para trabalhar em equipe, além de algumas atitudes egoístas e competitivas entre alguns alunos, refletindo em exclusão e desmembramento do grupo, fruto de práticas anteriores esportivizadas, tecnicistas, sem as devidas reflexões.

Aos poucos fomos percebendo mudanças significativas no comportamento e nas atitudes da turma, que, através da experiência com o *Fútbol Callejero*, foi capaz de desenvolver empatia uns com os outros e aprender a respeitar as diferenças, enxergando as situações pela perspectiva do outro.

Para iniciar nossa exposição nesta categoria, faremos um esclarecimento acerca do título “Com a prática do *Fútbol Callejero*, hoje todos estão mais unidos, não tem divisão, todos ficaram amigos” (DVIIIC57), que remete à fala

da participante **Lu**, ao responder a um questionamento sobre as mudanças percebidas por eles em relação ao comportamento da turma após as intervenções.

Como podemos observar na fala da aluna, ficaram claras a mudança e a tomada de consciência da turma em relação aos valores e atitudes que devemos buscar não somente nas práticas esportivas, mas em todas as esferas da vida, o que não é tarefa fácil tendo em vista principalmente as relações que imperam em nossa sociedade, pautadas pelo individualismo e egoísmo. Para conseguir colocar a solidariedade, o respeito, o companheirismo e a camaradagem em prática, muitas vezes precisamos nos colocar no lugar do/a outro/a e nos doarmos em prol de todos/as.

Concordando com nossas afirmações, está Castro (2018) ao sinalizar que a Metodologia *Callejera* surge como uma tentativa de materializar esses princípios e valores humanitários necessários para uma vida em sociedade através da prática esportiva.

Esta categoria busca evidenciar alguns processos educativos relacionados aos saberes atitudinais que ficaram explícitos com o andamento das atividades após a compreensão dos princípios fundantes da Metodologia que são: Respeito, Cooperação e Solidariedade.

Inicialmente a turma envolvida na pesquisa manifestava atitudes relacionadas à falta de solidariedade e respeito mútuo, principalmente nas situações competitivas de jogo, como podemos ver nos excertos abaixo:

No segundo jogo o participante **Gabã**, tentava decidir o jogo sozinho e não tocava a bola para os demais colegas, houve também um lance faltoso no qual o participante **Dhiogão** que se mostrava muito competitivo, deu um carrinho perigoso derrubando a aluna **Ma**, gerando um pequeno tumulto e muita dificuldade em estabelecer ou não a marcação da falta (DIC1).

Os dois times ganhadores jogavam entre si, e o jogo prosseguia monopolizado por alguns alunos, que não enxergavam os colegas desmarcados, como se eles fossem invisíveis, houve várias jogadas ríspidas e agressões verbais, por vezes com necessidade de intervenção da minha parte para mediar e tentar resolver os conflitos que emergiam, o jogo prosseguiu de forma muito competitiva e terminou empatado em 1x1 (DIC2).

Esses excertos foram extraídos do primeiro diário de aula, que correspondeu a uma aula em que eles iriam jogar o futebol como estavam acostumados a jogar, livremente, sem intervenções de minha parte. No início da intervenção, pudemos notar a dificuldade que os alunos tinham de estabelecer

relações respeitadas e cooperativas, muita dificuldade para resolver as situações ocorridas no jogo por meio do diálogo, sem a presença de um agente externo para mediar e decidir as ações do jogo.

Identificamos a dificuldade dos alunos ao jogarem sem arbitragem e a dependência deles em ter alguém que estabelecesse a ordem e julgasse os lances polêmicos. Em nossa visão isso acaba representando uma terceirização da ética e da moral, pois, sem o agente externo (professor/a), os/as alunos/as tinham muita dificuldade em estabelecer ou não a marcação de falta, conforme a descrição do excerto acima (DIC1). Sobre isso, a proposta do *Fútbol Callejero* pode contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ou seja, a capacidade de tomar decisões no momento do jogo, sem a presença do agente externo. Segundo Freire (2016), a autonomia se constitui das experiências e das decisões que vão sendo tomadas ao longo do tempo, e que devem estar centradas em ações que estimulam a responsabilidade, a decisão e a liberdade.

Ainda de acordo com Freire (2016), o docente tem que criar condições que possibilitem aos educandos construir seu próprio conhecimento e, através do convívio social, estarem em constante construção.

No trecho acima (DIC2), que evidencia jogadas ríspidas e agressões verbais, podemos notar a ausência de tolerância e a falta de respeito entre os participantes vistos no início da intervenção e que, por várias vezes, foi necessário intervenção para mediar os conflitos, reforçando a tese de que os alunos terceirizam a ética e a moral e que o modo de atuação docente pode reforçar esse tipo de comportamento. Sobre isso destacamos a necessidade de estarmos em constante reflexão sobre nossa prática pedagógica.

É importante destacar que, se a metodologia e a postura adotadas pelo/a professor/a forem inadequadas ao contexto em que está atuando, aumentam as possibilidades de surgir o comportamento indisciplinado e um afastamento maior dos alunos/as, sendo necessária a colaboração de todos os atores escolares para fomentar o desenvolvimento de valores e atitudes e não somente nas aulas de Educação Física. (DARIDO; GONZÁLEZ; GINCIENE, 2018).

Após essa primeira atividade em que jogaram livremente, realizamos uma roda de conversa final com todos, durante a qual emergiram unidades de significado que nutriram a esperança de que as próximas vivências fossem pautadas

por respeito e cooperação entre os participantes, conforme podemos ver no extrato abaixo:

Educador: “Percebi muita dificuldade para vocês resolverem as situações do jogo, vocês acham que precisa de árbitro para jogar?”.

Mari: “Não precisa”

K1: “Se todo mundo respeitar as regras não precisa de árbitros”

Fer: “Mas você acha que todo mundo vai ser honesto de falar se foi ou não falta?”.

K1: “Ai vai de pessoa para pessoa” (RCIC6)

Diante do exposto, podemos perceber que possibilitar o diálogo no qual todos possam expor seus pontos de vista pode ser um exercício solidário e enriquecedor, já que o grupo não tinha o hábito de ouvir e nem refletir sobre as situações das aulas. Sobre esse fato, é importante destacar que essa turma, no ano anterior, estava sujeita ao nosso exercício docente e não tínhamos, ainda, desenvolvido o hábito de abrir espaço para o diálogo com os alunos/as, estando as decisões centralizadas nas mãos deste professor.

Figura 3- Roda de Conversa no 3º Tempo



Fonte: Arquivo pessoal

Podemos dizer que também fomos sensibilizados pela Metodologia do *Fútbol Callejero*, que aprimorou a nossa prática pedagógica, promovendo mudanças significativas na maneira de atuar, vivenciando um processo educativo de compartilhamento de decisões entre educador e educandos, isto é, desconstruindo essa relação hierárquica e autoritária até então mantida com os/as alunos/as, e possibilitando um espaço para o diálogo, reflexões e o saber ouvir pontos de vistas diferentes, dissolvendo a figura do mestre e colocando no mesmo nível educador/a e educando. Saber ouvir foi uma característica fundamental nesse processo, estabelecendo uma relação respeitosa entre as partes envolvidas. Interagindo de forma amigável, democrática e colaborativa, a experiência com o *Fútbol Callejero* permitiu que nos educássemos em meio a todo o processo, e as mudanças que ocorreram com os alunos/as durante o desenrolar da unidade didática também são frutos da mudança de atitude deste professor.

Encontramos em nosso referencial teórico Freire (2016) sinalizando que o conhecimento fosse construído pelo educando através de relações dialógicas que acontecem no espaço escolar, buscando refletir constantemente sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Aqui resgatamos um trecho do excerto (DIC1) relatando que o participante **Dhiogão**, que se mostrava muito competitivo, deu um carrinho perigoso derrubando a aluna **Ma**, gerando um pequeno tumulto e muita dificuldade em estabelecer ou não a marcação da falta, e que, após os diálogos, a turma chegou a um consenso sobre a marcação da falta, mostrando que é por uma perspectiva dialógica que o estudante desenvolve autonomia, tornando-se protagonista do seu conhecimento.

Continuando com nossa análise, destacamos que, no segundo encontro da unidade didática, apresentamos o *Fútbol Callejero* por um vídeo e com o detalhamento da proposta do sistema de pontuação e do cumprimento dos três pilares. Esclarecemos que, nesse primeiro momento de contato com a Metodologia, faríamos a mediação dos jogos e que, posteriormente, seriam eles a atuar como mediadores. Vale destacar que, após essa roda de conversa inicial explicando e problematizando a dinâmica da Metodologia, alguns alunos/as mostraram gostar da ideia de atuarem como mediadores nas aulas seguintes.

Após as leituras atentas dos diários de aulas, emergiram unidades de significado que possibilitaram identificar alguns registros, constituindo um leque relacionado com atitudes cooperativas, que sinalizam um possível engajamento de alguns alunos/as para a inclusão de todos/as os/as companheiros/as de equipe no jogo, como pode ser observado no excerto abaixo.

Uma regra que surgiu foi proposta pelos **participantes Gabã e Zanatta**, que dizia que o gol para ser legítimo, a bola teria que passar pelos pés de todos os jogadores da equipe, indaguei o motivo da sugestão desta regra e o participante **Zanatta** disse: "É melhor assim professor, porque dessa forma todo mundo participa mais e sente importante no time" todos concordaram com a sugestão e a regra foi registrada. (DIIC8)

Podemos identificar na fala do **Zanatta** que a regra proposta por ele e Gabã sugeria engajamento ao projeto e preocupação sobre os/as colegas terem a oportunidade de vivenciar situações de protagonismo participando efetivamente dos jogos, transmitindo uma imagem de acolhimento com todos/as os/as participantes.

Consideramos de fundamental importância realizar os questionamentos durante o 1º Tempo porque, ao perguntarmos sobre o motivo da sugestão de alguma regra, os/as alunos/as terão a oportunidade de explicar e compartilhar com a turma a intenção por trás de cada regra proposta, como explicitado no trecho do excerto acima (DIIC8).

O diálogo estabelecido nesse momento e a possibilidade de todos/as terem oportunidades de discutir e construir as regras coletivamente foram fatores fundamentais para melhorar a qualidade de participação de todos/as, ou seja, todos/as estavam engajados/as e comprometidos/as com a satisfação e a inclusão dos/as colegas durante os jogos.

Outra manifestação dessa participação mais efetiva pode ser identificada no excerto abaixo:

O jogo prosseguiu e ficava nítida a diferença em relação a aula anterior, pois dessa vez todos estavam participando ativamente do jogo e se empenhando nas ações da equipe, o jogo foi prosseguindo e tanto eu quanto a pesquisadora MC percebemos as mudanças em relação a participação de todos e a preocupação em cumprir as regras estabelecidas. (DIIC10)

Identificamos, no excerto acima, que todos/as participavam ativamente do jogo, diferentemente do encontro anterior, e existia a preocupação e o cuidado de cumprir os acordos estabelecidos no 1º Tempo do jogo. Esse empenho de alguns alunos em fazer os companheiros participarem de forma satisfatória foi observado ao longo das intervenções. O diálogo proporcionado pela Metodologia e a construção coletiva das regras foram fundamentais para estabelecer essa relação de respeito e cuidado com o/a colega.

Essa relação estabelecida possibilitou, a nosso ver, que os/as colegas se colocassem no lugar do outro no momento de propor algumas regras e se engajassem para cumprir os acordos a fim de que todos/as pudessem participar efetivamente das ações do jogo. Compreendemos que nessa ação emergiu o processo educativo de cuidado e respeito com o próximo.

Dialogando com a literatura, Souza Júnior, Belmonte e Martins (2015) apontaram que o *Fútbol Callejero* permite redefinir coletivamente as regras do jogo para uma participação mais ativa, solidária e cooperativa dos participantes. Praticar o futebol permeado por esses acordos pode ser um mecanismo importante no tratamento didático dos saberes atitudinais, emergindo aprendizagens que anteriormente ficavam restritas ao currículo oculto.

Em outro trecho sobre a realização de uma partida de Voleibol *Callejero* no festival organizado pela turma, identificamos a sua compreensão acerca do pilar Cooperação e a proposição de transformação da regra do jogo com o objetivo de facilitar a participação dos/as colegas, como pode ser observado abaixo:

Algumas regras foram sendo criadas para a partida de Voleibol e a primeira regra proposta pela maioria do grupo foi que o saque poderia ser arremessado ou lançado da forma que quisessem e que o rodízio deveria ser obrigatório, questionados sobre o motivo da criação desta regra, eles foram enfáticos em afirmar que facilitaria a participação e oportunidades de todos jogarem. (DVIC40)

No excerto acima (DVIC40), extraído do sexto encontro, está nítido que, após a assimilação e compreensão dos pilares do *Fútbol Callejero*, os/as alunos/as transferiram para outra modalidade esportiva a proposta da Metodologia *Callejera*. O diálogo proporcionado pela Metodologia e a construção coletiva das regras foram fundamentais para estabelecer essa relação de respeito e cuidado com o/a colega, culminando com a efetiva participação de todos/as durante as práticas.

Neste sentido, dialogamos com Castro (2018) ao comunicarmos que a Metodologia *Callejera* pode contribuir para uma participação mais efetiva dos/as alunos/as, compartilhando com os demais estudantes todo o processo de ensino, estimulando-os a também participar ativamente das aulas.

Pelo registro acima, compreendemos que houve um processo de alteridade, pois, para proporem a criação de uma regra, os participantes tiveram que repensar suas ações e perceber os acontecimentos do jogo do ponto de vista do outro, desta forma podendo refletir sobre suas ações no jogo e se mobilizar para que todos pudessem participar de forma efetiva. Para que isso acontecesse foi necessário perceber que o outro existe e é diferente, uma diferença que precisa ser reconhecida e aceita. Segundo Boff (1999), a alteridade se mostra como uma importante ação para promover atitudes de cuidar.

Além disso, podemos observar (trecho DVIC40) a transformação nas regras do Voleibol, deixando facultativa a forma de realizar o saque para que todos/as pudessem ter êxito nas ações dos jogos. Neste registro compreendemos que os participantes foram capazes de refletir sobre os ajustes necessários nas regras do jogo para que todos/as fossem incluídos da melhor forma possível. Esse exercício de se colocar no lugar do próximo permite que todos/as possam enxergar as situações a partir da perspectiva do outro, manifestando atitudes de cuidado e respeito com o próximo.

Continuando com nossa análise, pudemos notar que alguns diálogos realizados na roda final de conversa consolidaram-se como um importante processo educativo relacionado à cooperação, favorecendo o respeito e as relações interpessoais entre os discentes, que puderam refletir sobre valores que não apareciam durante a prática do futebol tradicional, conforme destacado no excerto abaixo:

Também questionei as mudanças observadas em relação ao Futebol praticado no início da experiência e agora com a prática do *Fútbol Callejero*, **Rafaela** então disse: “Eles cooperam mais professor, tem mais respeito entre todos”, a **participante Thatá** também pediu a palavra e disse: “Jogar dessa forma é mais organizado professor, todos podem opinar e todos tem mais oportunidades de jogar” **Jana** então respondeu: “ Com o futebol tradicional só os meninos jogavam.” (DVIC49)

O excerto acima (DVIIC49) nos permite identificar a aceitação e satisfação da turma com a proposta do *Fútbol Callejero*, pois esta promoveu autonomia para que todos/as opinassem sobre as situações do jogo e participassem das vivências de forma democrática. Observamos na fala da **Thatá** a possibilidade de todos/as poderem participar da construção das regras, tornando o jogo mais atrativo e inclusivo, uma vez que as regras mais técnicas e relacionadas ao esporte de rendimento foram dando lugar às regras mais inclusivas, pensando justamente em propiciar maiores chances de sucesso aos alunos/as menos habilidosos/as e conseqüentemente aumentando a motivação durante as aulas.

Em relação a essa situação, encontramos na literatura Favin e Pedroso (2013) apontando que a falta de interesse e a desmotivação são marcantes na faixa etária envolvida em relação às aulas de Educação Física, sendo de fundamental importância mobilizar os estudantes a participarem ativamente das aulas, pois esse componente curricular tem revelado um cenário preocupante no tocante à não participação dos alunos/as.

Sobre a fala da **Rafaela**, compreendemos que o termo “Eles cooperam mais” refere-se aos meninos que, no início da unidade didática, jogavam de forma individualista, excluindo do jogo os/as colegas menos aptos/as para o futebol, e que, com a incorporação da proposta do *Fútbol Callejero*, passaram a jogar de forma coletiva, refletindo mais oportunidades para todos/as participarem. Com relação a: “tem mais respeito entre todos” comunicado pela **Rafaela**, essas palavras nos levam a crer que o ambiente acolhedor proporcionado pelos momentos dialógicos realizados no primeiro e terceiro tempo do jogo para deliberar e refletir sobre as situações do jogo foram fundamentais para promover reflexões em torno de valores como cooperação, respeito e solidariedade, propostos pela metodologia, que eram ausentes quando a turma praticava o futebol da forma convencional.

Em relação à fala da participante **Jana**: “Só os meninos jogavam” (DVIIC49), compreendemos que a participante caracterizou o futebol tradicional como uma reserva masculina, pois com o futebol praticado no início da unidade didática as meninas eram excluídas da prática ou pouco acionadas durante as jogadas. Com a proposta do *Fútbol Callejero* de ter necessariamente equipes mistas, recriando as regras de forma coletiva, tornou-se possível estabelecer uma

participação mais efetiva e menos desigual das meninas, contribuindo para uma relação igualitária entre os gêneros durante as aulas.

Em consonância com a literatura, Darido (2008) apontou que diversos aspectos da dimensão atitudinal podem ser trabalhados durante as aulas de Educação Física, entre os quais podemos destacar: cooperação, resolução dos conflitos através do diálogo, respeito, evitando atitudes preconceituosas em relação ao nível de habilidade, sexo, religião, entre outros.

Dando continuidade à análise dos nossos dados, a leitura dos diários permitiu identificar que os participantes compreenderam a proposta dos três pilares e demonstraram atitudes de Solidariedade com os/as colegas de equipe e também com colegas da equipe adversária, como podemos ver nos excertos a seguir:

O jogo prosseguiu de forma amigável e com alguns lances que protagonizavam ações de solidariedade, como o tombo da **Gabizela**, que foi prontamente auxiliada pelos colegas adversários e da própria equipe, também destaco a entrada de **Felipe** em **Tutu**, que gerou um pequeno conflito que ambos resolveram conversando e se desculparam um com o outro. (DVIC39)

No trecho acima (DVIC39), compreendemos que o tombo de **Gabizela** possibilitou uma expressão de solidariedade, pois, no momento da queda, a aluna, foi prontamente auxiliada pelos/as colegas da equipe adversária que estavam com a posse de bola, bem como por colegas da própria equipe. Nessa situação, entendemos que houve um afastamento da turma em relação às atitudes competitivas presentes nos encontros iniciais e uma aproximação para uma maneira de jogar mais amistosa, sem um clima competitivo, pois, no momento da queda da **Gabizela**, a equipe adversária estava com a posse de bola e poderia prosseguir com a jogada fazendo o gol, mas preferiram parar e auxiliar a colega imediatamente. Esse fato reforça a incorporação e assimilação da lógica de pontuação nos pilares do *Fútbol Callejero*, emergindo assim atitudes de Solidariedade durante o jogo.

Ainda no excerto acima, identificamos que a entrada que **Felipe** deu em **Tutu** causou um pequeno conflito durante o jogo, gerando uma insatisfação em **Tutu**; todavia, ao estabelecerem um diálogo, eles conseguiram chegar ao entendimento, desculparam-se e prosseguiram no jogo. Esse fato demonstra que, após a compreensão dos pilares do *Fútbol Callejero*, emergiram atitudes que refletem empatia e tolerância com os colegas.

Seguindo com nossa análise, encontramos, no excerto abaixo, sinais que demonstram essa incorporação dos valores propostos pelos pilares do *Fútbol Callejero* durante uma partida de Voleibol *Callejero* realizada no sexto encontro:

A equipe 3 foi muito solidária com a colega da equipe adversária **Stuchi** que apresentava dificuldades em realizar o saque e foi auxiliada por alguns integrantes da outra equipe a realizar o saque da melhor maneira possível, voltando por várias vezes até obter êxito. (DVIC42)

Identificamos nessa situação (DVIC42) extraída do sexto diário de aula que a **Stuchi** estava com dificuldades para realizar o saque e, mesmo não obtendo êxito, os colegas da equipe adversária prestavam apoio e ajudavam a colega a realizar o serviço da melhor forma possível. Compreendemos que essas ações dos/as colegas da outra equipe refletem uma apropriação dos pilares que permeiam a Metodologia *Callejera*, pautadas pelo Respeito, Solidariedade e Cooperação, ou seja, os/as alunos/as transferiram para o Voleibol os saberes aprendidos com a proposta dos três pilares na prática do *Fútbol Callejero*, possibilitando esse exercício de solidariedade, conforme nos mostra o excerto citado (DVIC42).

Ainda em relação à apropriação e ao entendimento da lógica de avaliação dos pilares do *Fútbol Callejero*, o excerto seguinte, extraído do diário do sexto encontro, traz elementos que refletem momentos emergentes de atitudes de respeito, solidariedade e empatia entre os participantes, e mostram a compreensão sobre a avaliação dos três pilares:

Outro fato que merece destaque é que após o erro de alguns colegas, não existia mais ofensas e nem reclamações, fato esse que era muito comum no início das intervenções e em aulas anteriores à experiência. Outro lance de destaque foi a cortada de **Dhiogão** que atingiu de mau jeito a mão de **Pedro**, o próprio **Dhiogão** se ausentou do jogo por iniciativa própria e foi buscar o gelo para dar ao colega. Outro ponto positivo observado foi a equipe 4 que aguardou pacientemente o **Dhiogão** voltar com o gelo para dar continuidade ao jogo. Esse fato nunca acontecia em aulas anteriores à pesquisa. Fiz um comentário com a pesquisadora MC que eles estavam visivelmente mais tolerantes, compreensivos e solidários com os colegas, fato também observado pela pesquisadora MC. (DVIC40).

Podemos perceber pela narrativa que, após o erro dos/as colegas, não houve mais registros de ofensas e nem reclamações; e, em nosso entendimento, isso se deve ao fato de problematizarmos nas rodas de conversa o sistema de

pontuação nos três pilares, refletindo atitudes de empatia, respeito e tolerância entre os participantes. A roda final de conversa se consolidou como um espaço privilegiado para problematizar a avaliação dos pilares. Outro momento que chamou atenção foi o cuidado do participante **Dhiogão** que, após acertar uma cortada e machucar o **Pedro**, se ausentou espontaneamente do jogo para buscar gelo e prestar auxílio ao colega, configurando um ato de solidariedade com o amigo.

Por esses registros podemos identificar avanços nos aspectos atitudinais, em relação ao início da intervenção, e destacamos que o processo ocorreu de forma gradual, com a apropriação e compreensão dos três pilares da Metodologia *Callejera*. Dialogando com a literatura, Zabala (1998) apontou que a melhor estratégia para identificar os avanços na aprendizagem dos conteúdos atitudinais é a observação sistemática do/a aluno/a nas atividades em grupo e nas práticas esportivas, quando podemos analisar, além das atitudes observadas, a cooperação entre os/as alunos/as, a compreensão em relação aos menos habilidosos e o respeito entre meninos e meninas. Para uma boa avaliação atitudinal, o professor necessita conhecer seu aluno/a; pelas situações ocorridas nas aulas, ele pode analisar suas atitudes dentro e fora da sala de aula.

Em nossa percepção sobre as causas que promoveram essas mudanças na turma, identificamos que o espaço aberto para o diálogo no 1º e no 3º Tempo proporcionados pela Metodologia foi fundamental para a incorporação dos valores propostos pelo *Fútbol Callejero*, pois promoveu autonomia na construção das regras que foram elaboradas e discutidas de forma coletiva e também reflexões e percepções sobre a participação de todos/as pautada pelos três pilares que foram problematizados no 3º Tempo da Metodologia. No início da intervenção, a turma demonstrava pouca autonomia, apresentando dificuldades para trabalhar coletivamente e dependência para a realização das atividades propostas.

De acordo com os PCNs (BRASIL, 1998), a autonomia configura-se como a capacidade de organizar-se, posicionar-se e participar cooperativamente dos projetos coletivos estabelecendo princípios éticos.

Dialogando com a literatura, Freire (2016) afirmou que o docente não é um transmissor de conteúdos, mas um mediador entre o seu conhecimento e o dos/as alunos/as, oferecendo oportunidades para que eles construam suas representações de mundo, contribuindo para a formação de um indivíduo autônomo.

Somado a essas características do *Fútbol Callejero*, que propicia esse espaço dialógico entre os discentes, consideramos também a mudança em nossa forma de atuação como fator fundamental para essa transformação na postura da turma investigada. Antes de ser sensibilizado pela característica da Metodologia *Callejera*, nossas práticas eram desprovidas de reflexão e os conflitos que surgiam eram julgados sem as devidas problematizações, num ensino verticalizado. Cremos que essa transformação em nossa atuação docente possibilitou problematizar, refletir e dialogar com os/as alunos/as sobre as situações da aula e sobre problemas sociais como violência, preconceito, ética, injustiça, de forma horizontal e democrática, colocando os educandos como elemento central no processo de aprendizagem, colaborando para a construção de relações mais humanitárias. Sobre isso, concordamos com Freire (2013), que se fundamenta na dialogicidade e coloca o estudante como ator principal na busca do conhecimento.

Cabe ao educador assumir o papel de mediador em sala de aula, abdicando de ser um mero transmissor de informações. Sem o diálogo não há comunicação e sem ela não há uma educação problematizadora, é através do diálogo que refletimos juntos sobre o que sabemos, atuando de forma crítica na sociedade, construindo uma ação conjunta de novos saberes (FREIRE, 2013).

Identificamos que, ao priorizar o desenvolvimento de atitudes solidárias na prática esportiva, foi-nos permitido refletir sobre como eles se tratavam anteriormente e como eram comuns atitudes desrespeitosas, como ofensas verbais, apelidos grosseiros e até agressões físicas, que resultavam em desmembramento da turma em ambientes fora do espaço da sala de aula. Aos poucos, com a incorporação dos valores desenvolvidos pela prática do *Fútbol Callejero*, o clima hostil foi dando lugar a um clima amigável, com relações respeitosas e de companheirismo entre os participantes.

De acordo com a literatura encontrada, dialogamos com Varotto et al. (2018), que sinalizaram o *Fútbol Callejero* como uma prática educativa, visto ser possível, pelas características dessa Metodologia, transformar os envolvidos de maneira dialógica, pois, jogando e dialogando, homens e mulheres se reinventam uns com os/as outros/as.

Também, com base em nossas observações e nas leituras dos registros dos diários de aula, pudemos notar que, mesmo o respeito sendo um dos

valores essenciais às relações humanas para uma convivência pacífica, saudável e respeitosa, só foi possível estabelecer um ambiente prazeroso e respeitoso após algumas vivências com o *Fútbol Callejero*. Com sucessivas intervenções e a assimilação dos elementos da Metodologia *Callejera*, ocorreu uma conscientização e mudança no comportamento e nas atitudes dos alunos/as, havendo ações respeitadas, empáticas e tolerantes com os/as colegas. Nos excertos abaixo, trazemos algumas divergências desta categoria, que foram observadas principalmente no início da experiência:

O terceiro jogo foi muito diferente dos dois primeiros jogos, havia uma vontade excessiva das duas equipes de vencer o jogo e aconteceram várias jogadas ríspidas. **K2** se irritou e ofendeu a colega **Ma** da própria equipe. Em outro momento o **Vitão** deu uma entrada mais forte em **K2** e ambos trocaram empurrões e ofensas. (DIIC25).

A participante **Lu** bastante irritada disse que esse terceiro jogo foi o pior de todos, pois ninguém tocava a bola para ninguém, tiveram várias discussões, ela levou vários empurrões durante o jogo e que o jogo anterior foi muito melhor, após esse diálogo, as equipes concordaram que não mereciam o ponto no pilar Solidariedade e Cooperação. (DIIC26).

Como podemos observar no primeiro excerto acima (DIIC25), houveram divergências considerando-se a intencionalidade desta categoria indo contra o desenvolvimento dos valores vinculados aos três pilares do *Fútbol Callejero*. Em nossa compreensão, essas divergências e esses atos desrespeitosos entre o **K2** e o **Vitão**, que quase se agrediram durante o jogo, ocorreram devido à incompreensão da proposta do *Fútbol Callejero*, justificada pelo fato de os dois alunos envolvidos nos atos de hostilidade não estarem presentes na aula anterior, quando foram apresentados os três pilares da Metodologia. No outro excerto acima citado (DIIC26), extraído do terceiro diário, a participante **Lu** afirma que o terceiro jogo foi o pior de todos, pois ela quase não recebeu bolas, sofreu vários empurrões, citando que os jogos anteriores foram melhores. Em nosso entendimento, no terceiro jogo não houve cumprimento dos três pilares e o jogo se desenhou de forma competitiva. Julgamos que isso se deve ao fato de que os alunos que estavam jogando naquele momento não haviam tido contato com o *Fútbol Callejero* na aula anterior e, portanto, que essa primeira aula vivenciando a Metodologia não foi suficiente para eles demonstrarem compreensão sobre o propósito desta prática.

Em consonância com nossas percepções e dialogando com a literatura, Fernandes e Muller (2009) haviam apontado que o processo de formação de valores demanda tempo e sucessivas intervenções com a intencionalidade de desenvolvê-los. No entanto, na escola, é evidente que esse discurso fica apenas na teoria e que, na veracidade do cotidiano escolar, delegar ao aluno o papel de protagonista, participando ativamente das decisões, ainda está longe de ser uma realidade.

Continuando com nossas análises, no excerto seguinte problematizamos a pontuação do pilar Solidariedade no 3º Tempo do jogo:

Educador: “Vocês acham que nesse ultimo jogo houve Solidariedade?”

Lu: “Não teve não professor, eu pedi para parar o lance por diversas vezes, ninguém parava”

Amandinha do grau: “O Biro Biro levou uma baita trombada do K2 e ninguém parou o lance”

Ma: “O Felipe saiu derrubando todo mundo, não respeitava as regras, não respeitava ninguém”

Felipe: “Eu exagerei em algumas jogadas, dei mancada”

Educador: “Pois é Felipe, você poderia ter machucado alguém, ou se machucado, pense melhor nos seus atos no próximo jogo” (RCIIIC28).

Como podemos observar no trecho acima, o 3º Tempo, no qual realizamos a mediação da roda de conversa, se configurou como um importante momento de reflexão sobre as atitudes e as relações que foram estabelecidas durante a partida. De acordo com a fala de **Felipe**, identificamos, através de sua comunicação: “Dei mancada”, que ele tomou consciência de que atuou de forma exagerada no jogo e que poderia ter machucado algum/a amigo/a, conseqüentemente prejudicando a sua equipe, que não pontuou no pilar Respeito e Solidariedade. Este registro permitiu compreender a importância de problematizar os conflitos e resolvê-los de forma compartilhada, pelo diálogo, envolvendo todos no processo, emergindo disso um processo educativo de resolução de conflitos. Dialogando com Souza Júnior, Belmonte e Martins (2015), estes sinalizaram que o 3º Tempo da Metodologia configura-se como um importante momento pedagógico e reflexivo em que os participantes podem expor suas opiniões, seus pontos de vista, expressando concordância ou divergência mediante a opinião do outro.

Compreendemos que o *Fútbol Callejero*, com sua característica peculiar de promover espaços para o diálogo no 1º e no 3º Tempo para construir coletivamente as regras e debater sobre as situações do jogo, possibilitou reflexões sobre conflitos que antes eram deixados de lado ou por nós resolvidos, mas agora são decididos de forma coletiva e democrática, com possíveis encaminhamentos para superar a situação que originou o conflito, fazendo assim emergir um processo educativo de compartilhamento de decisões.

De acordo com a literatura encontrada, vimos que Aquino (1996) apontou que é necessário refletir sobre questões que envolvam atitudes e valores, pois é um grande desafio para todos/as os envolvidos/as no processo educativo, se apresentando como um grande problema social. Além disso, os conflitos são constantes nas escolas, sendo um obstáculo para a prática pedagógica. No ambiente escolar, as relações deveriam ser pautadas pelo respeito, amizade, diálogo e integração entre as pessoas, mas o que se vê é a frequência de comportamentos agressivos entre os/as alunos/as, criando um clima desfavorável para a aprendizagem.

Diante dessas características, a presente experiência com o *Fútbol Callejero* buscou resgatar e desenvolver atitudes e valores mais humanitários entre a turma, e com as sucessivas intervenções foi possível observar atitudes mais solidárias, respeitadas, cooperativas, amigáveis, e tolerantes entre os/as colegas. É importante destacar que, por mais que as evidências sejam favoráveis, é necessário um trabalho contínuo e realizado em longo prazo para que, de fato, esses processos educativos presentes nas vivências com o *Fútbol Callejero* sejam incorporados e levados para outros contextos da vida dos estudantes envolvidos na experiência. Nos excertos abaixo, podemos ver alguns processos educativos que sinalizam positivamente com o objetivo pretendido após a experiência:

O segundo jogo ocorreu de forma tranquila e amigável, as equipes estavam bastante equilibradas e todos participavam ativamente das ações do jogo, vale destacar a trombada entre **Pedro** e **Milli**, que acabou paralisando a partida por alguns instantes, mas **Pedro** prontamente se desculpou e auxiliou a colega a voltar para o jogo. (DIVC35).

O segundo tempo do jogo ocorreu de forma cooperativa e amigável, não existia mais o clima de competição e rivalidade das aulas iniciais, importante destacar a mudança de atitude de alguns alunos que ficou muito perceptível, caso do aluno **Rafa da baixada**, que se mostrava mais solidário com os colegas, jogando de forma coletiva e respeitosa, fato que não

ocorria em aulas anteriores ao projeto. **Adevanildo** foi outro que apresentou mudanças significativas em seu comportamento, diferentemente do primeiro jogo no início do projeto, no qual xingava e não passava a bola para os companheiros, desta vez se mostrava cooperativo e tolerante com os erros dos companheiros de equipe. Vale destacar também a trombada entre **Vitão** e **Dhiogão**, ambos tiveram conflitos no início do projeto, e dessa vez se desculparam, ambos se ajudaram a levantar e seguiram abraçados para a continuidade do jogo. (DVIC37).

Observamos nos excertos acima que, após a compreensão dos pilares e da proposta do *Fútbol Callejero*, o clima competitivo das aulas iniciais deu lugar a um clima mais amistoso, lúdico e cooperativo. Havia muito mais risos e descontração durante as aulas, como podemos ver no trecho acima (DVIC37) em que os participantes **Vitão** e **Dhiogão** trombaram em um dos jogos do festival, mas ambos se desculparam, e tiveram solidariedade um com o outro, seguindo abraçados para a continuidade do jogo, demonstrando um exercício de solidariedade e resgatando alguns valores essenciais como tolerância e respeito com o próximo, estreitando os laços de amizade durante a intervenção. É importante sinalizar que esses dois alunos quase não se falavam no ano anterior e haviam se estranhado em outras ocasiões.

Ainda baseados no excerto acima (DVIC37) e dialogando com a literatura, podemos indicar que o *Fútbol Callejero* é uma prática da Educação Popular capaz de entender e conceituar o futebol como uma estratégia para criar processos de aprendizagem e inclusão social, impulsionando o desenvolvimento de lideranças, resgatando os valores humanos, gerando processos comunitários e de transformação (MOVIMIENTO DE FUTBOL CALLEJERO, 2019).

Continuando com nossas análises no próximo excerto acenamos com mais alguns elementos que denotam a incorporação dos pilares do *Fútbol Callejero* refletindo em atitudes condizentes com a proposta da Metodologia. O trecho foi retirado do oitavo diário de aula:

Vale destacar nesse jogo alguns lances que mostraram a mudança de comportamento de alguns alunos, como **K1** que demonstrava muito mais tolerância com os colegas que falhavam e também **Dhiogão** que procurava jogar de forma cooperativa, evitando decidir o jogo sozinho, como acontecia no ano passado. A partida prosseguiu de forma tranquila, e **Jack** que no início da aula não quis participar do aquecimento, já estava mais a vontade na partida de Voleibol. **Jack** é um aluno com deficiência intelectual e bastante introvertido, mas percebemos que a turma no decorrer do projeto estava mais solidária com ele, buscando inclui-lo da melhor forma em todas as atividades, ele contava com a ajuda de vários colegas, principalmente

Gabã, K1, K2, que nos anos anteriores pouco se aproximavam do colega. (DVIIIC52).

Com a leitura dos registros, identificamos que os participantes incorporaram essa intencionalidade do pilar da Solidariedade, direcionando ações generosas aos colegas adversários, como ajudar a se levantar, se desculpar, ter cuidado com o/a outro/a ou auxiliar o colega com menos habilidade e, principalmente, ações de tolerância com os demais, usando do diálogo para resolverem as situações do jogo. No trecho acima (DVIIIC52), podemos sinalizar que os alunos **Gabã, K1 e K2** demonstraram gestos de solidariedade, cuidado e cooperação com o amigo Jack, que apresenta uma personalidade introvertida e timidez durante as aulas. Com essa aproximação e auxílio dos colegas, Jack foi aproveitando melhor as vivências e estreitando laços de amizade com o restante da turma. Pudemos perceber pelo seu semblante a satisfação em fazer parte do grupo e jogar de igual para igual com todos/as durante as aulas.

Estes processos educativos que emergiram são decorrentes da peculiar Metodologia do *Fútbol Callejero*, que propicia o diálogo e autonomia para construir coletivamente os acordos do jogo, e também as reflexões que ocorrem no 3º Tempo com a mediação. De acordo com nossa percepção, temos Souza Júnior, Belmonte e Martins (2015) admitindo que o 3º Tempo da Metodologia configura-se como um importante momento pedagógico e reflexivo, em que os participantes podem expor suas opiniões, seus pontos de vista, expressando concordância ou divergência mediante a opinião do/a outro/a.

Posteriormente, por sugestão dos próprios alunos/as, a Metodologia do *Fútbol Callejero* foi transferida para outras modalidades como Voleibol e Queimada. Acreditamos que a Metodologia *Callejera* pode contribuir com novas possibilidades educativas no trato pedagógico, dado ao conteúdo esporte no ambiente escolar.

Caminhando para a finalização da Categoria C – “Com a prática do *Fútbol Callejero*, hoje todos estão mais unidos, não tem mais divisão, todos ficaram amigos” –, trouxemos as unidades de significado que retratam todo o processo vivido, em que os participantes comunicaram tudo que aprenderam e também puderam refletir sobre as diferenças entre o Futebol tradicional pautado pela perspectiva do alto rendimento e o *Fútbol Callejero*. De maneira mais detalhada,

apontamos os saberes que emergiram durante os diálogos da roda final de conversa do último encontro, conforme descrito nos trechos a seguir:

A partir daí questionei a turma sobre as diferenças entre o Futebol tradicional que eles estavam acostumados a jogar e o *Fútbol Callejero*, e a **participante Lu** disse: “A diferença principal são os três pilares, não adianta só jogar bem para vencer a partida, com os três pilares o jogo torna-se mais justo e todos tem chance de vencer independente do número de gols” (DVIIIC56).

Sobre a fala da participante **Lu**, entendemos que ela conseguiu assimilar a proposta da Metodologia *Callejera* e a intencionalidade dos três pilares, percebendo as diferenças entre o futebol de rendimento e o *Fútbol Callejero*. Através de experiências concretas vivenciando na prática os três pilares, a aluna foi capaz de associar o cumprimento dos três fundamentos (Respeito, Cooperação e Solidariedade) como elementos fundamentais para vencer a partida, independente do número de gols.

Com base em nossas percepções dialogamos com o artigo de Varotto, Gonçalves Junior e Lemos (2017), considerando que, ao longo das vivências, os participantes do estudo foram identificando as diferenças entre o futebol de rendimento e o *Fútbol Callejero*, valorizando a possibilidade de meninos e meninas jogarem juntos e também a importância de todos/as participarem, tensionando os valores do futebol de rendimento que busca a vitória a qualquer custo.

Prosseguindo com nossa análise, encontramos no excerto abaixo (DVIIIC57) elementos que apontam para esse estreitamento dos laços de amizade entre a turma e a mudança de atitude no decorrer do processo. Este excerto foi retirado do oitavo diário de aula e representa a última roda de conversa realizada:

Posteriormente questionei se com a Metodologia *Callejera* eles perceberam mudanças no comportamento da turma e todos afirmaram que sim. A **participante Gabizela** pediu a palavra e disse: “Sim professor uma coisa que reparei foi o fim dos xingamentos e as ofensas entre os colegas”. A **participante Lu** também solicitou a palavra e disse: “Melhorou a amizade do pessoal professor”. Então solicitei que explicasse melhor essa frase e ela reforçou: “Antes havia uns grupos separados, que não gostavam um do outro, e com a prática do *Fútbol Callejero*, hoje todos estão mais unidos, não tem mais essa divisão, todos ficaram amigos” (DVIIIC57).

Identificamos na fala da participante **Gabizela** que ela observou o fim das ofensas entre os colegas, fruto das problematizações dos conflitos no 3º Tempo do jogo e também da possibilidade de todos/as poderem expor seus pontos de vista. A fala da participante **Lu** também reforça essa percepção, pois, na visão dela, os laços de amizade da turma foram fortalecidos e a divisão da turma por questões de afinidade foi superada e hoje todos/as ficaram amigos/as. Fato também percebido enquanto docente, pois essa separação do grupo no ano anterior e a dificuldade de estabelecerem relações pautadas por valores como respeito, cooperação e tolerância, foram um obstáculo em nossa prática pedagógica. Creio que essa autonomia na construção das regras e as reflexões e problematizações realizadas no 3º Tempo proporcionadas pela Metodologia *Callejera* foram elementos fundamentais para promover essas mudanças, tanto em nós, como educador, como na turma que vivenciou todo o processo.

Colaborando com nossas afirmações, Freire (2005) sinalizou que é pelo diálogo que possibilitamos aos educandos uma educação crítica, reflexiva, questionadora, ausente de ideologia da classe dominante e elitista, despertando nos educandos a criticidade, o estímulo à pergunta, a criticidade, contrapondo-se a uma educação “bancária”, possibilitando que estes aprendam com aqueles.

Podemos perceber por essas unidades de significado que a turma foi enfática ao afirmar as mudanças ocorridas no decorrer do processo, e essa construção de valor tão necessária para criar um ambiente favorável de aprendizado só foi possível graças à abertura ao diálogo e ao respeito à opinião de todos e todas, fruto das características da Metodologia *Callejera*.

Consideramos de suma importância desenvolver atividades que favoreçam a autonomia e o potencial do aluno/a para ser um agente transformador. Importante destacarmos que o caminho não é fácil: há discussões, conflitos, divergências em todo o processo dialógico, no qual cada um pode expressar suas opiniões de modo coletivo, democrático, buscando-se um consenso, favorecendo uma reflexão crítica de todos/as os/as envolvidos/as no processo.

A roda de conversa final foi um momento ímpar para consolidar os processos educativos decorrentes desta experiência. Trouxemos unidades de significado em que os participantes sinalizaram com seus aprendizados e também como podem levar para a vida deles, fora do ambiente escolar, esses

conhecimentos e valores desenvolvidos com a prática do *Fútbol Callejero*, conforme destacamos abaixo:

O próximo questionamento feito por mim foi o seguinte: “Vocês conseguem levar para fora da escola os princípios da metodologia, ou seja, vocês irão utilizar no dia a dia de vocês o que aprenderam com a Metodologia *Callejera*?”.

Todos responderam que sim, de forma unânime, **K2** solicitou a palavra e disse: “Podemos levar os três pilares para tudo em nossa vida, podemos ser mais cooperativos um com o outro, começando pela casa da gente, ajudando pai e mãe”. O **participante Decário** então pediu a palavra e falou: “Em todos os momentos podemos levar os três pilares para fora daqui, começando em casa, ajudando nas tarefas e sendo solidário com o próximo, respeitando os mais velhos principalmente, ajudando quem precisa”. O **participante Dhiogão** solicitou a palavra e disse: “Hoje consigo ser mais tolerante professor e conversar para resolver meus problemas, principalmente em casa” (DVIIIC58).

Após esse momento fiz um comentário com o grupo sobre o **participante Gabã** em relação à evolução desse aluno ao longo do processo, fato reforçado pela pesquisadora MC, inclusive reforçado pela coordenadora da escola em nosso último encontro. Antes e no início das intervenções o aluno era extremamente competitivo, agressivo com os colegas menos habilidosos e não apresentava atitudes cooperativas. Após algumas semanas de intervenção o aluno era o mais cooperativo nas aulas, ajudava os colegas e por várias vezes resolvia os conflitos que ocorriam de forma amigável e através do diálogo. A sala toda concordou com essa afirmação. (DVIIIC59).

A **participante Giba** então pediu para falar e disse: “Após conhecer a Metodologia a sala passou a resolver as desavenças conversando e ouvindo ambas as partes, hoje conseguimos ser mais pacientes uns com os outros”. A **participante Ma** também pediu a palavra e disse: “Hoje percebi que o mais importante é participar e se divertir, respeitar os colegas, com o *Fútbol Callejero* não existe aquela preocupação de só querer ganhar, ganhar, ganhar”. A **participante Fer** também ergueu o braço para falar e comunicou: “Imagine se fossem as 16 aulas jogando o Futebol de antes, seria um querendo passar por cima do outro, se ofendendo, as meninas dificilmente iriam participar, e com o *Fútbol Callejero* tudo isso mudou, todos se respeitam e até quem não gostava de Futebol passou a gostar” (DVIIIC60).

Como podemos observar, houve muitas mudanças durante o percurso. Essas mudanças só foram perceptíveis depois da interiorização dos princípios fundantes da Metodologia *Callejera*. Isto só foi possível através de um percurso de 16 aulas, criando um ambiente de respeito mútuo entre educador e educandos, no qual o espaço aberto ao diálogo propiciado pela Metodologia colaborou para que os participantes se posicionassem de forma crítica, reflexiva, desconstruindo a imagem negativa do início da experiência, desenvolvendo valores e atitudes pautadas por respeito, solidariedade, empatia, cooperação, tolerância, atuando de forma

democrática e coletiva, transpondo, para além da quadra de esportes, os processos educativos vivenciados por eles durante a experiência.

De acordo com a fala da participante **Giba** no último excerto (DVIIIC60), identificamos que a participante aponta que, após o contato com a Metodologia *Callejera*, no qual o diálogo se mostrou fundamental, a turma desenvolveu o exercício de tolerância, ou seja, aceitou e tolerou as diferenças, e também estabeleceu empatia, projetando ações de se colocar no lugar de outra pessoa. Ainda no último excerto (DVIIIC60), compreendemos que a fala da participante **Lu** indica que o clima competitivo deu lugar a um jogar por prazer, ou seja, a ação de brincar e cooperar, sem a busca incessante pela vitória. Percebemos na fala da **Fer** uma comparação entre o futebol tradicional e o *Fútbol Callejero*, reafirmando o caráter seletivo e excludente do futebol tradicional, em que as meninas dificilmente participavam, e sinalizando que o *Fútbol Callejero* proporcionou mudanças positivas na relação de alguns alunos com o futebol. Colaborando com nossas reflexões, Castro (2018) afirmou que a Metodologia *Callejera* busca reunir pessoas para praticar o esporte pautado por princípios humanitários, entre eles está a Solidariedade. Para torná-la um hábito, é necessário compreender o outro e, muitas vezes, se doar em prol de todos.

Podemos dizer que nossa pesquisa se articulou com uma das dez competências gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), que é o documento que estabelece os direitos de aprendizagem de todos os/as alunos/as. A base possui dez competências gerais que devem ser desenvolvidas pelos estudantes ao longo das etapas de escolarização, e uma dessas competências é possibilitar aos educandos o exercício da empatia, do diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017).

Em consonância com essas afirmações, buscamos dialogar com Freire (2016) comunicando que o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando; é papel da escola o ensino de valores, normas e atitudes selecionados por diferentes componentes curriculares e que também devem ser aprendidos nas aulas de Educação Física.

Concluimos esta categoria e daremos início ao quinto tempo da presente Sistematização ou “pontos de chegada”, seguindo pela perspectiva de Jara-Holliday (2006), possibilitando o compartilhamento e comunicação de nossas experiências.

5- QUINTO TEMPO: “É muito mais que futebol”

Chegamos ao quinto tempo da nossa sistematização, caminhando para o final da nossa dissertação, direcionando os leitores para nossas considerações finais sobre a pesquisa. Segundo Jara-Holliday (2006), o quinto e último tempo da Sistematização refere-se aos “pontos de chegada”. Após um período de investigação, é possível refletir sobre a trajetória, formulando conclusões baseadas na reflexão interpretativa dos “tempos anteriores”, relacionando-os com os novos saberes e, sendo assim, as conclusões devem dar respostas aos objetivos propostos no início da sistematização. Por fim, é importante compartilhar a aprendizagem decorrente de todo o processo com outras pessoas (JARA-HOLLIDAY, 2006).

Esta pesquisa buscou reconstruir a nossa realidade vivida exercendo a dupla função de professor e pesquisador e trazendo uma experiência desenvolvida em uma escola pública estadual com o desenvolvimento de uma unidade didática com o *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental. O título deste quinto tempo remete ao potencial educativo proposto pela Metodologia *Callejera*, que vai além de uma estratégia para ensinar esporte.

O objetivo que moveu este trabalho foi analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais decorrentes do *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física. Uma de nossas principais preocupações durante o desenvolvimento da pesquisa foi apresentar detalhadamente as características do *Fútbol Callejero*, pois acreditamos que seu potencial educativo se encaixa perfeitamente na proposta do esporte no ambiente escolar. Nossa intenção com a escolha desta temática foi divulgar e motivar outros docentes a utilizarem a metodologia em seus respectivos contextos.

O caminho metodológico que orientou nossa pesquisa foi a Sistematização de Experiências recomendada por Jara-Holliday (2016), que propõe o desenvolvimento da pesquisa em cinco tempos. No primeiro tempo, referente ao nosso “ponto de partida” que denominamos “Encontro entre a Educação Física Escolar e o *Fútbol Callejero*”, podemos sintetizar que a pesquisa se constituiu em aplicar uma unidade didática com o *Fútbol Callejero* em uma turma de 9º ano nas

aulas de Educação Física de uma escola pública estadual, além de realizar uma revisão de literatura buscando aproximar a Educação Física Escolar e o *Fútbol Callejero*. A intervenção totalizou 16 aulas divididas por 8 encontros semanais, e o instrumento de coleta de dados utilizado foi o diário de aula.

No segundo tempo da Sistematização, denominado por Jara-Holliday (2006) como “Perguntas iniciais”, utilizamos a expressão “Processos educativos e saberes atitudinais do *Fútbol Callejero* como objeto de estudo” para apresentar nossa questão de pesquisa, que descreveremos a seguir: considerando os conflitos existentes nas aulas de Educação Física e a dificuldade de relacionamento interpessoal da turma durante a prática esportiva, o *Fútbol Callejero* poderia ser uma estratégia para promover espaços de relações humanizadas pautadas por valores como respeito, solidariedade, cooperação e diálogo? Neste segundo tempo, também apresentamos nosso objetivo principal já citado anteriormente neste “Ponto de chegada” e os aspectos centrais da experiência que queremos sistematizar.

No terceiro tempo da Sistematização, denominado por nós como: “O desenrolar da experiência com o *Fútbol Callejero*”, consultamos os nossos registros e buscamos reconstruir a história de uma forma global, descrevendo os acontecimentos que se sucederam ao longo da experiência de forma cronológica.

Em relação ao quarto tempo da Sistematização, que nomeamos como: “Juntos somos mais fortes”, fizemos a interpretação crítica de todo o processo indo além do descritivo. No processo de análise dos dados da pesquisa emergiram três categorias de análise A- **“Com o Fútbol Callejero as meninas podem jogar de igual para igual”**; B- **“Eles escolhem só os bons, só os caras”**; C- **“Com a prática do Fútbol Callejero, hoje todos estão mais unidos, não tem divisão, todos ficaram amigos”**.

Na categoria A, “Com o *Fútbol Callejero* as meninas podem jogar de igual para igual”, foi possível identificar situações em que as meninas se sentiam excluídas no início da intervenção. De forma gradual, com as problematizações e reflexões propiciadas no 1º e no 3º Tempo da Metodologia, foi possível sensibilizar a turma em relação à igualdade de gênero. A característica do *Fútbol Callejero* de propor equipes necessariamente mistas contribuiu para que as meninas se posicionassem de maneira efetiva perante o descontentamento quanto a pouca participação no jogo.

Também podemos destacar um “empoderamento” das meninas refletido em situações fora do contexto escolar, ocupando espaços monopolizados pelos meninos, como o campo de futebol da praça ao redor da escola. Identificamos nessa categoria o processo educativo para as relações de gênero, explicitada nos diálogos realizados no 3º Tempo da Metodologia.

Na categoria B – “Eles escolhem só os bons, só os caras” –, foi possível identificar que a exclusão não era direcionada somente às meninas, mas também aos meninos considerados menos aptos para a prática futebolística. Pudemos destacar o clima competitivo que estava presente no início das intervenções e a dificuldade dos/as alunos/as em compreender a Metodologia e seus três pilares, o que foi gradualmente resolvida ao longo das intervenções. Destacamos nesta categoria a capacidade de resolver os conflitos por meio do diálogo como um dos processos educativos que emergiram ao longo da pesquisa. Entendemos que a mediação ocorrida no 3º Tempo possibilita a reflexão sobre as situações do jogo, em que cada um pode se expressar e ouvir o ponto de vista do outro, definindo soluções de modo coletivo e democrático pautados pelo debate.

A experiência nova com o *Fútbol Callejero* ajudou a desconstruir o preconceito de se jogar com alguém do sexo oposto e com as modificações das regras foi possível democratizar a participação de todos/as. À medida que a turma se apropriou dos pilares da Metodologia, as meninas e alguns meninos considerados menos habilidosos se posicionaram de maneira crítica e assumiram o protagonismo durante os jogos, evidenciando o caráter inclusivo e democrático da proposta do *Fútbol Callejero*.

Em relação à categoria C – “Com a prática do *Fútbol Callejero*, hoje todos estão mais unidos, não tem divisão, todos ficaram amigos” – compreendemos que a autonomia na construção das regras e o espaço aberto ao diálogo foram essenciais para promover as mudanças observadas em relação aos aspectos atitudinais, como cooperação, respeito, solidariedade, empatia, tolerância. A ausência de um agente externo para mediar os conflitos e situações de jogo proporcionou o exercício da autonomia e o protagonismo dos seus participantes, dialogando com Freire (2016) ao afirmar que o docente deve oferecer oportunidades para que os/as alunos/as construam suas representações de mundo, contribuindo para a formação de um indivíduo autônomo.

Podemos destacar que fomos sensibilizados pela Metodologia. Desenvolver essa experiência foi enriquecedor, possibilitando novas maneiras de atuar, de forma acolhedora e democrática, abandonando a prática de ensino verticalizada na qual éramos detentor exclusivo do saber para uma prática horizontalizada, sabendo ouvir e reconhecer o/a aluno/a como um agente transformador. Identificamos esse momento dialógico como um processo educativo de compartilhamento de decisões estimulando a autonomia e a reflexão crítica dos estudantes.

Outro apontamento sinalizando nossos “pontos de chegada” e que respondem positivamente à nossa questão de pesquisa foi em relação ao desenvolvimento de saberes atitudinais ao longo da intervenção. Com a assimilação da proposta dos três pilares, observamos atitudes mais solidárias, cooperativas e respeitadas entre a turma. Pelas sucessivas intervenções que buscaram resgatar valores humanitários se tornou possível identificar processos educativos de empatia e tolerância, no qual se colocar no lugar do outro, tornou-se um exercício constante.

No dia a dia das intervenções, fomos percebendo que os participantes percebiam as diferenças entre o futebol de rendimento e o *Fútbol Callejero*. O clima competitivo, as ofensas e os conflitos existentes no início da pesquisa foram sendo superados. O ambiente se tornou agradável e existia um prazer de jogar por jogar de forma amistosa, privilegiando o brincar em detrimento da competição, estreitando os laços de amizade da turma.

A assimilação dos três pilares promoveu regras inclusivas, substituindo as regras mais técnicas proposta pelo esporte de rendimento. Isto foi fundamental para melhorar a qualidade de participação dos estudantes durante as aulas, ou seja, transformando as regras do jogo com a intenção de incluir os/as colegas. Esse movimento de se colocar no lugar do outro possibilitou o exercício que denominamos de cuidado com o outro.

A Solidariedade também esteve presente nesta última categoria, refletida em gestos de cuidado e generosidade com o outro, e estas atitudes solidárias e respeitadas demonstradas no final da pesquisa nos permitiram refletir sobre a forma como os alunos se relacionavam no ano anterior e no início das intervenções, destacando que o clima hostil que predominava deu lugar a um ambiente agradável e respeitoso, motivando o nome da presente categoria.

Consideramos, pelos dados obtidos respondendo positivamente à nossa questão de pesquisa, que a prática do *Fútbol Callejero* promoveu espaços de relações humanizadas pautados pelo diálogo, fez emergir ações de cuidado, respeito, cooperação, solidariedade e tolerância com o próximo, mostrando ser uma interessante estratégia para abordar o esporte no ambiente escolar.

Finalizamos este estudo satisfeito e com a sensação de que o contato com a Metodologia *Callejera* foi um divisor de águas em nossa prática pedagógica. Apesar do breve tempo de intervenção, os dados revelados foram relevantes e nos motivam a compartilhar a experiência com outros docentes. Exercer a tarefa de professor e pesquisador foi uma missão árdua, porém gratificante. Encerramos aqui nossa sistematização de experiência e esperamos ter deixado nossa contribuição para futuras pesquisas envolvendo a Metodologia *Callejera*.

Por fim, cabe ainda ressaltar, que além desta dissertação, a pesquisa resultou também em um Produto Educacional no formato digital que é uma animação do tipo *whiteboard* que pode ser acessada pela plataforma YouTube conforme referenciado no Apêndice E.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998. 111f. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação. Belo Horizonte; Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.

AQUINO, J. G. (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 4. Ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

BARROSO, A. L. R. **Inquietações no tratamento do esporte na Educação Física escolar**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF-Disciplina: Problemáticas da Educação Física. 2018.

BARROSO, A.L.R; DARIDO, S.C. A Pedagogia do Esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 20, n. 2, p.281-289, 2. Trim, 2009.

BELMONTE, M. M. **Futebol Callejero: processos decorrentes de uma motricidade emergente**. 2019. 523 f. Tese (doutorado) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), campus São Carlos, São Carlos, 2019.

BELMONTE, M. M.; GONÇALVES JUNIOR, L. Futebol callejero: nascido e criado no Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 116, setembro 2018: 155-178.

BELMONTE, M. M.; GONÇALVES JUNIOR, L.; SOUZA JÚNIOR; O. M. de. Futebol callejero e educação das relações de gênero. In: SALDANHA, D. F.; GONZALEZ, R. H. (Orgs.). **Projetos sociais para crianças e adolescentes**. 1ª ed., Juiz de Fora, MG. Editora Garcia, 2018.

BELMONTE, M. M.; SOUZA JÚNIOR, O. M.; MARTINS, M. Z. *Futebol Callejero: o jogo como espaço de formação para o diálogo*. In 67ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: Luz, Ciência e Ação. São Carlos-SP. **Anais...** São Carlos-SP, 2015.

BERTH, J. **O que é empoderamento?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. Notas de campo. In: **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994, p. 150-175.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno Cedes**, Campinas, ano19, n. 48. P. 69-89, ago. 1999.

BRACHT, V. **Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in) feliz**. 1. Ed. Ijuí: Unijuí, 1999.

BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem social**. 2 ed. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRANDÃO, C. R. **O que é Método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>, 2017. Acesso em: 04/02/2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: Mec/ Sef, 1998.

CASTRO, L. E. de. **A construção de valores orientada pela Metodologia Callejera na Educação Física Escolar**. 2018. 133f. Dissertação - (Mestrado Profissional) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2018.

DAMO, A. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS/PPGAS, 2005. Disponível em: <http://www.biblioteca.ufrgs.br/Bibliotecadigital>>.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In: ROMERO, E. (Org). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995. P. 99-108.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da Educação Física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 64– 79, 2008.

DARIDO, S. C.; RANGEL-BETTI, I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; MOTA e SILVA, E. V.; RODRIGUES, L. H.; SAN-CHES, L.; PONTES, G.; CUNHA, F. A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 15, n.1, p. 17-32, jan/jun, 2001.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. de S. **Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola**. 6.ed. Campinas – SP: Editora Papyrus, 2010.

DARIDO, S. C; GONZÁLEZ, F. J; GINCIENE, G. **O afastamento e a indisciplina dos alunos nas aulas de Educação Física escolar**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF- Disciplina: Problemáticas da Educação Física. 2018.

DARIDO, S. C; **Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF- Disciplina: Problemáticas da Educação Física. 2018.

DI-GIANO, Roberto. Un puente entre la educación y el fútbol: el fútbol callejero. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 118, n. 12, p. 1-6, 2008.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FAVIN, G. P.; PEDROSO, M. L. A não participação nas aulas de Educação Física pelos alunos do Ensino Médio. **Revista Digital**. FIEP BULLETIM – v. 83 – Special Edition- Article-2013. Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/298>. Acesso em 30 de dezembro de 2019.

FERNANDES, L. P.; MÜLLER, V. R. **Exclusão e Inclusão Social**: contribuições e experiências Inclusivas na educação física. Curitiba: SEED/PR, 2009. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_lucia_ne_pereira_fernandes.pdf Acesso em: 3 de janeiro de 2020.

FRAGA, A. B. **Corpo, Identidade e Bom-Mocismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54^o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GALATTI, L. R. **Pedagogia do esporte**: o livro didático como mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. 2006, 131f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar**: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF- Disciplina Problemáticas da Educação Física. 2018.

GONZÁLEZ, F.J; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da Educação Física escolar. **Cadernos de Formação Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis-SC, v. 1, n. 1, p. 9-24, set/2009. Disponível em: <https://goo.gl/CVgx6H>>. Acesso em: 16 out .2018.

HOROCHOVSKI, R. R; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. In: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 2., 2007, **Anais...** Florianópolis: UFSC, p. 485-506, 2007.

JARA-HOLLIDAY. O. **Para sistematizar experiências**. 2^oEd. Brasília: MMA. 2006 (Série Monitoramento e Avaliação, 2).

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LA TAYLLE, Y. de. **O sentimento de vergonha e suas Relações com a Moralidade**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 15, n. 1, p. 13-25, 2002.

MARTINS, C.D.; FREIRE, E.S. Conteúdos atitudinais nas aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Volume 7, número 3, 2008.

MEJÍA, M. R. **Sistematización**: una forma de investigar las practicas y de producción de saberes y conocimientos. La Paz: Ministério de Educación, 2012.

MORIN, A. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**: uma antropopedagogia renovada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOVIMIENTO DE FUTBOL CALLEJERO. **Movimiento de Futbol Callejero**. Disponível em: <http://movimientodefutbolcallejero.org/futbol-callejero/historia/>. Acesso em 29 dez. 2019

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In; Molina Neto, Vicente; Triviños, Augusto N.S. (orgs). **A pesquisa qualitativa na educação física**: Alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS/Sulina, 1999, p.61-93.

ROSSINI, L.; SERRANI, E.; WEIBEL, M.; WAINFELD, M. **Fútbol Callejero**: juventud, liderazgo y participación - trayectorias juveniles em organizaciones sociales de América Latina. Buenos Aires: FUDE, 2012.

SAMPAIO, J.; SANTOS, G. C.; AGOSTINI, M.; SALVADOR, A. S. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Rev. Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1299-1311, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601299>.

Acesso em: 14 set. 2018.

SARAIVA, M. C. Do. **Co-educação Física e Esportes**: quando a diferença é mito. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SILVA, I. C. S. da. **Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. 2016. 130 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, K. R. X; SALGADO, S. S. Construindo culturas de inclusão nas aulas de Educação Física numa perspectiva humanista. **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 45-53, jan./jun. 2005.

SOARES, C. L; TAFFAREL, C. N. Z; VARJAL, M.M.P; CASTELANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O; BRACHT, V. **Metodologia do Ensino da Educação Física**- Coletivo de Autores. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JUNIOR, O. D. A disciplina rítmica no processo de formação dos alunos do curso de Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v.1, n.1, p.56-59, 2002.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; BELMONTE, M. M.; MARTINS, M. Z. **Futebol Callejero**: desafios e potencialidades de uma metodologia de Educação Popular. In: IX Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XV Simpósio Paulista de Educação Física. Rio Claro-SP. Anais... Rio Claro-SP, 2015.

SOUZA JÚNIOR, O. M. **Educação Física escolar e a questão de gênero**. Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF- Disciplina: Problemáticas da Educação Física. 2018.

VAROTTO, N. R.; GONÇALVES JÚNIOR, L.; LEMOS, F. R. M. Futebol Callejero: processos educativos emergentes da prática da mediação. **Kinesis**. Santa Maria, v.35, n. 3, p. 91-100, 2017.

VAROTTO, N.R.; GONÇALVES JÚNIOR, L.; LEMOS, F.R.M.; MORAES, F. Futebol Callejero na Educação Física Escolar: processos educativos emergentes de uma intervenção. **Revista Brasileira de Iniciação Científica (RBIC)**, Itapetininga, v.5, n.5, p. 104-120, out./dez.; 2018.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Trad. Ernani Rosa – Porto Alegre: Artmed, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Rodas de conversa

Roda de Conversa 1º encontro 15/03/2019

Duração: 13 minutos

Educador: "O que vocês acharam do jogo?"

Ni: "Não teve solidariedade porque muitas meninas nem pegaram na bola". (f)

Educador: "É verdade isso meninas"?

Fer: "Poucas meninas pegaram na bola, a Mari por exemplo quase nem tocou na bola" (f)

Lu: "Algumas pegaram sim, mas faltou elas correrem atrás da bola". (f)

Educador: "O que vocês observaram no momento de escolhas dos times?"

Participantes: [silencio total]

Educador: "Quem escolheu os times no inicio dos jogos?"

Participantes: [Gaban e Rafa da Baixada]

Educador: "Quem eles escolheram primeiro"?

Participantes: [Os meninos]

Educador: "E o restante que não foi escolhido, o que iria acontecer com eles"?

Fer: "Iriam ficar sem jogar" (f)

Educador: "E isso é legal"?

Participantes: [Não]

Educador: "Então isso é uma coisa para a gente pensar na próxima vez que escolherem os times"

Educador: "As meninas que não participaram, qual o motivo para vocês não jogarem?"

Teltel: "Porque eu sou ruim" (f)

Gabizela: "Porque eu sou péssima e os meninos reclamam muito" (f)

Ni: "Eu também sou ruim professor e os meninos xingam muito quando eu erro"

Gabizela: “Na minha opinião os meninos querem ser os bam bam bam e pouco tocavam a bola”

Luana: “Eu também sou ruim, mas sempre participo, não sei porque vocês não participam” (f)

Gaban: “A Educação Física é para todo mundo participar e brincar, vocês deveriam ter participado” (m)

Educador: “Para os meninos que escolheram os times, quais os critérios vocês usaram para a escolha dos times”?

Fer: “Eles escolhem só os bons, só os caras” (f)

Rafa da baixada: “Eu escolhi os que jogam bem primeiro” (m)

Mari: “É obvio que eles iam escolher só os bons primeiro” (f)

Educador: “Para as meninas, vocês acham que os meninos tocavam a bola normalmente para vocês”?

Participantes: [foram unânimes em dizer não.]

Fer: “Só o Adevanildo tocava de vez em quando” (f)

Ni: “Poucos meninos que tocavam a bola, eu estava de fora e vi” (f)

Gabisela: “Na minha opinião os meninos querem ser os bam bam bam e pouco tocavam a bola”. (f)

Educador: “Vocês acham que no futebol profissional, homens e mulheres poderiam jogar juntos”?

Participantes: [Turma dividida, uns falaram que sim, outros falaram que não, houve um certo tumulto e eu pedi para que quem fosse falar erguesse a mão e falasse um por vez.]

Fer: “Daria sim, mas as mulheres tem menos habilidade que os homens pois quase não tem oportunidade de jogar futebol”. (f)

Lu: “Eles poderiam jogar juntos sim, mas os homens não poderiam ser tão agressivos” (f)

Decário: “É o que eu estava falando para o K1, a Marta poderia jogar junto com os homens sim”. (m)

Ma: “Sim porque ela já pratica” (f)

K1: “Eu acho que não daria certo não, porque se os homens dessem uma entrada forte poderia machucar”. (m)

Lu: “Mas se a gente praticasse que nem vocês, daria para jogar juntos sim” (f)

Decário: “Sim, se for mulheres que já jogam futebol, daria certo sim” (m)

Educador: “Em relação a participação dos que tem menos habilidade no Futebol, eles tiveram oportunidades de participar ativamente do jogo”?

Participantes: De forma unanime disseram que não

Decário: “Eu não recebi bolas, eu quase não jogo futebol, não pratico”.

Mari: “Então professor, teve gente que atravessava a quadra toda com a bola e não passava para a gente” apontando para o participante Gabã.

Tutu: “Quem não recebe bola tem que abrir a boca, eles ficam isolados na quadra”

K1: “A gente procura tocar, mas se ficar isolado e não pedir, fica difícil” (m)

Educador: “Alguém se sentiu excluído do jogo”?

Participantes: [Ouve um murmurinho geral, mas todos concordaram em dizer que não se sentiram excluídos, e alguns participantes relataram que participaram pouco do jogo, mas não se sentiram excluídos.]

Lu: “Mas quem acha que se sentiu excluído, tem que correr atrás da bola e não ficar esperando ela chegar no pé” (f)

Educador: “Como vocês decidiam os lances duvidosos que surgiam no decorrer dos jogos”?

Lu: “Olhava um para o outro e decidia na hora” (f)

Dhiogão: “Era pediu parou” (m)

Educador: “Percebi muita dificuldade para vocês resolverem as situações do jogo, vocês acham que precisa de árbitro para jogar?”.

Mari: “Não precisa”

K1: “Se todo mundo respeitar as regras não precisa de árbitros”

Fer: “Mas você acha que todo mundo vai ser honesto de falar se foi ou não falta?”.

K1: “Ai vai de pessoa para pessoa”

Educador: “E qual regras vocês seguiram para jogar”?

K1: “As regras da Fifa” (m)

Educador: “E porque essas regras”?

Fer: “É porque são regras que todo mundo conhece e já estão acostumados”? (f)

Educador: “Aqui nós podemos combinar as próprias regras, o que vocês acham”?

Participantes: [Todos gostaram da ideia e responderam positivamente.]

K2: “É melhor, porque hoje foi uma várzea”. (m)

Rafa da baixada: “É hoje foi um futebol de várzea” (m)

Educador: “E as meninas que participaram, teve alguma menina que fez gol”?

Jana: “Eu fiz um gol” erguendo os braços e recebendo aplausos das colegas. (f)

Ma: “Eu também fiz um professor”, gerando mais aplausos e euforia das colegas. (f)

Educador para a Jana: “E você acha que os meninos tocavam a bola normalmente para você?”

Jana: “O Rafa da baixada e o Adevanildo não tocavam não, a Mari toda hora estava livre e eles não tocavam” (f)

Mari: “Dava uma raiva, esses meninos vinham com tudo e dá uma raiva de alguns meninos, da vontade de chegar com os dois pés no peito, eles não tocam”. (f)

Educador: “E vocês acharam melhor o jogo misto, ou jogo separado (meninos e meninas)”?

Participantes: [Foram unânimes em dizer que preferem o jogo misto.]

Mari: “Misto é melhor porque interage mais” (f)

Lu: “É melhor misto porque senão só os meninos vão jogar e nós vamos ficar lá fora só olhando” (f)

K2: “A questão não é nem ser misto ou separado, o que importa é quem for jogar trabalhar em equipe”. (m)

[Essa fala arrancou aplausos dos colegas]

Educador: E aí turma, vocês preferem o jogo misto ou separado?

Participante Mari: “Misto é melhor porque interage mais”

Participante K2: “É melhor misto porque todos podem se divertir igualmente”

Educador: “É isso aí, trabalho em equipe é fundamental nos esportes coletivos.”

Educador: “E vocês acham que precisava de árbitro para jogar”?

Participantes: [A turma ficou dividida, uns acham que sim, outros acham que não, houve um princípio de tumulto e o educador precisou intervir para poder organizar as falas e restabelecer o diálogo].

Lú: “Eu acho que não precisa ser o professor apitando, pega um aluno para apitar que dá certo também” (f)

Mari: “Não precisa” (f)

K1: “Não precisa, todo mundo já sabe as regras” (m)

K1: “Se todo mundo respeitar as regras não precisa de árbitro” (m)

Fer para K1: “E quem não conhece as regras”? (f)

K1 para Fer: “Na dúvida eu explico as regras para você” (m)

Fer para K1: “Mas você acha que todo mundo vai ser honesto de falar se foi ou não falta”? (f)

K1 “Ai vai da pessoa” (m)

Educador: “Vocês acham que os jogadores profissionais seriam honestos em falar a verdade em algum lance duvidoso”?

Participantes: [Foram unânimes em dizer que não.]

Gabã: “Lógico que não, para eles o que importa é a vitória” (m)

Mari: “Então professor, teve gente que atravessava a quadra toda com a bola e não passava para a gente” apontando para o participante Gabã. (f)

Dhiogão: “Eu acho que precisa do árbitro, pois ele coloca ordem no jogo” (m)

Educador: “E as meninas foram respeitadas durante o jogo”?

Participantes: [Sim, menos a participante Ma. A maioria da turma gargalhou].

Educador: “Eu vi que deram um carrinho na participante Ma”.

Ma: “Sim, o Dhiogão veio tomar a bola de mim e me derrubou com tudo” (f)

Fer: “Professor mostra esse vídeo na formatura”, a turma toda gargalhou. (f)

Educador: “Bom turma, hoje vocês jogaram o futebol de forma tradicional que estão acostumados a jogar, semana que vem vamos jogar o Fútbol Callejero que possui algumas características específicas, mas que também é um jogo de futebol. Alguém quer fazer alguma pergunta”?

Participantes: [Eles pediram para jogar mais um pouco.]

Educador: “Podem jogar mais 10 minutos e depois retornamos para a sala”.

Roda de conversa – 2º encontro 22/03/2019

Duração: 8 minutos

Educador: “Sobre a pontuação no pilar respeito vocês acham que todos merecem o ponto ? Todos cumpriram? Todos respeitaram as regras propostas?”

Participantes [responderam de forma unânime que sim]

Lu: “Sim, tanto nós quanto eles respeitamos, todos colaboraram” (f)

K1: “Sim, todos respeitaram e respeitaram um ao outro” (m)

Educador: “Todos concordam?”

Participantes: [sim]

Educador: Então ganha 1 ponto de respeito cada equipe.

Educador: Sobre o pilar cooperação, todos merecem o ponto?

Stuchi: “Eles não merecem pois pro Jack(m) ninguém passava” (f)

Mari: “Passava sim, ele recebeu menos, mas passávamos sim”

Lu: “Não concordo, passávamos sim, varias vezes cobrávamos falta e tocávamos para ele sempre”

K1: “Vitor a gente não tocava para você durante o jogo?”

Pedro: “Deixa o próprio Jack(m) falar então”

Jack: “Vocês passavam sim, eu tava correndo pouco pois tava de calça, mas eles tocavam sim”. (m)

Stuchi: Mas ele recebeu menos”

Lu: “Mas é normal, alguns recebem menos porque correm menos”

Educador: ” E aí pessoal, como resolvemos o ponto de cooperação”?

Participantes: [os dois times merecem]

Educador: “Todos concordam?”

Participantes: [sim]

Educador: Sobre o pilar solidariedade, os dois times merecem o ponto? Tiveram solidariedade em alguma parte do jogo?

Participantes [silêncio geral, aí depois todos unânimes em dizer que sim]

Educador: “Pessoal, solidariedade são as ações que você faz em benefício do adversário, por exemplo um gesto de gentileza”

Lu: “Sim, o Dhiogão trombou com o Gabã e prontamente ajudou ele a se levantar”

Dhiogão: “Sim o Tutu(m) acertou uma bolada em Mari (f) e se desculpou”

K1: “Eu até parei a jogada e esperei a Mari se recuperar”

Educador: ”Então os dois times merecem o ponto de solidariedade”?

Participantes: [sim, de forma unânime]

Educador: “Houve dificuldade em cumprir os 3 pilares”?

Participantes: [Não, de forma unânime]

K1: “Foi fácil porque todos já sabiam das regras e da importância do jogo coletivo”

Lu: “Foi bem exato as regras, e ficou bom porque uma equipe ficava de olho na outra”

Lu: “As regras foram bem elaboradas e não foi difícil cumprir”

Educador: “Na opinião de vocês o que mudou em relação ao futebol que jogamos na aula passada?”

Lu: “As regras principalmente”

Pedro: “Teve muito mais participação de todos”

Mari: “Acho que todo mundo participou mais do jogo”

Zanatta: “Eu mesmo quase não peguei na bola na aula passada, nesse eu participei muito mais” (m)

K1: “Nesse teve mais solidariedade, todo mundo se respeitou mais, no outro da semana passada não estava assim”

Tutu: “No outro teve muita reclamação, muitos que queriam jogar sozinho, nesse todo mundo tocou, ficou bem melhor” (m)

Educador: “Na opinião de vocês quais os aspectos positivos e negativos em relação ao jogo da semana passada?”

Mari: “Esse foi muito mais gostoso, todo mundo conseguiu jogar”

Lu: “Houve mais respeito entre todos”

Lu: “E todos respeitavam as regras e os pilares, pois vale pontos, e ninguém que fazer cagada para perder os pontos”

Educador: “Vocês gostaram mais do jogo de hoje ou da semana passada?”

Participantes: [do jogo de hoje]

Pedro: “O futebol de hoje foi muito mais participativo”

Educador: “E o que você acharam de jogar sem árbitros?”

K1: “Foi diferente, mas eu gostei”

Lu: “A gente conversava e se decidia”

Dhiogão: “Ficou parecendo futebol de rua, que também não tem juiz”

Educador: “Pessoal, vocês acham que precisa de árbitro para jogar?”

Participantes: [não]

K1: “Não precisa porque todo mundo já sabe os combinados antes do jogo”

Lu: “Não precisa pois nós mesmos resolvemos ali na hora do lance”

Educador: Então vocês gostaram mais do jogo de hoje do que o da semana passada?

Participantes: [sim, de forma unânime]

Educador: “Bom á partida final terminou empatada em 3,5 x 3,5, todos concordam?”

Participantes: [Sim, e solicitaram jogar mais um pouco para desempatar a partida].

Roda de conversa – 3º encontro 29/03/2019

Duração: 13 minutos

Educador: Vocês acharam que nesse ultimo jogo teve respeito as regras?

Lu: “Não teve não professor, eu pedi para parar o lance, ninguém parou” (f)

Albino: “Eu discordo, era seu time que tava com a bola, seu time que não parou, conversa com seu time” (m)

Amandinha do grau: “ O Biro Biro levou a maior trombada do K2 e ninguém parou o lance” (f)

Ma: “O Felipe saiu derrubando todo mundo, não respeitava ninguém” (f)

Giba: “Eu acho que nesse jogo ninguém merece o ponto de respeito, foi bem diferente dos dois primeiros jogos” (f)

Educador:[Após breve dialogo e alguns bate bocas entre os participantes, ficou combinado que ninguém ganharia o ponto de respeito]

Educador: “Vocês acham que nesse jogo as equipes merecem o ponto de cooperação”?

Lu: (visivelmente irritada) “De jeito nenhum”

Fer: “Não, o Albino não passava a bola para nós”

Albino: “Eu prefiro não tocar para alguns”

Fer: “Mas você tem que tocar, senão não pontuamos na cooperação”

Educador: “E você Albino acha legal essa sua atitude de não tocar para o colega”? Como você se sentiria se fosse ao contrário?

Albino: Ficou em silencio por um instante e concordou que estava errado agindo dessa forma.

Albino: “Tá certo Fer, eu nem tinha me tocado que podia prejudicar a equipe”

Fer: “No próximo jogo toque mais a bola então”

Educador: “Então pessoal, para pontuar no pilar cooperação é necessário que vocês joguem cooperativamente, que todos participem ativamente do jogo e não se sintam excluídos”

Educador: “Vocês acham que nesse ultimo jogo houve solidariedade”?

Lu: “Não teve não professor, eu pedi para parar o lance por diversas vezes, ninguém parava”.

Amandinha do grau: “O Biro Biro levou uma baita trombada do K2 e ninguém parou o lance”

Ma: “O Felipe saiu derrubando todo mundo, não respeitava as regras, não respeitava ninguém”

Felipe: “Eu exagerei em algumas jogadas, dei mancada”

Educador: “Pois é Felipe, você poderia ter machucado alguém, ou se machucado, pense melhor nos seus atos no próximo jogo”

Educador: E sobre o pilar solidariedade, as duas equipes pontuam?

Participantes: [Não, de forma unânime]

Mili: “Teve gente que chutou o colega sem bola, pedia para parar não parava e atropelava todo mundo e nem se desculpava” (f)

Lukinha da massa: “O Biro Biro caiu perto de mim e ele não quis ajuda nem pediu para parar” (m)

Gabizela: “Esse foi o pior jogo, ninguém estava respeitando, todos queriam só ganhar”

K2: “Mas eu acho que quem tá na jogada que deve pedir para parar”

Lu: “Nada haver, se alguém da equipe achar que deve parar, pode pedir também”

Rafa da baixada: “É quem sofre a falta que deve pedir” (m)

Albino: “Eu mesmo dei vários carrinhos, ninguém falou nada que não podia”

Educador para Albino: “Mas você poderia ter machucado alguém, pense melhor nas suas atitudes durante o jogo”

Lu: “Olha a diferença do primeiro jogo para esse”

Educador: “Então nos próximos jogos vamos combinar antes, pois quem tiver na jogada e achar que foi falta pode pedir para parar”

Mili: “Mas professor se alguém pede para parar e tá longe do lance, vai dar confusão, é melhor o professor apitar”

Educador: “Não existe árbitros no Fútbol Callejero, apenas o mediador que observa os lances e são vocês que combinam e decidem as regras e os lances durante os jogos”

Gabã: “Não tem árbitros, são nós mesmos que temos que conversar e decidir, o mediador não pode intervir no jogo” (m)

Lu: “O Albino tava muito agressivo, se ele chutou a canela do Tutu e já machucou, imagine se chuta a canela de alguma menina”

Lu: “O time dele tinha uma menina apenas, o nosso tinha três, nós quase não conseguimos jogar, eles vinham que nem uns cavalos”

Educador: “Diante de todos esses fatos relatados por vocês nenhuma equipe merece o ponto de solidariedade, todos estão de acordo?”

Participantes: [Sim, de forma unânime]

Educador: “Então somando a pontuação desses três jogos, a partida terminou empatado em 9x9, todos de acordo?”

Participantes: [Sim de forma unanime e aplausos].

Educador: “Vocês acham que houve dificuldade para cumprir os três pilares nesse terceiro jogo?”

Lu: “Nesse terceiro jogo teve, nós meninas quase nem pegamos na bola”

Milli: “Nesse terceiro jogo ninguém estava respeitando os combinados”

K2: “Esse terceiro jogo tava uma várzea professor”

Lu: “Nesse ultimo jogo teve, nós meninas quase não pegamos na bola”

Mili: “Nos dois primeiros jogos não teve, mas nesse ultimo teve sim professor, ninguém tava respeitando os combinados”

K1: “Nesse ultimo jogo teve professor”

Educador: “Porque nesse ultimo jogo teve dificuldade?”

Gabã: “Ninguém tava procurando jogar em equipe, os meninos da outra equipe só queriam tentar fazer o gol a toda hora”

Educador: “Será que é porque a maioria que estava em quadra nesse ultimo jogo, ainda não conhece direito a metodologia pois é a primeira vez que joga?”

Lu: “Não acho. O respeito deve ter a qualquer momento, não importa o jogo”

Tutu: “Acho que sim, O Albino não jogou semana passada e toda hora me mandava calar a boca durante o jogo”

Albino: “Você pede falta por qualquer coisa”

Lu: “Olha que diferença do jogo da semana passada e dos dois primeiros jogos para esse último, semana passada tinha pouca gente e todos entenderam e respeitaram as regras”

Participantes: [pequeno conflito e bate boca entre alguns alunos]

Educador: “Calma pessoal, um de cada vez para falar e sem ofensas aos colegas, pois vocês estão fugindo do propósito do jogo que é respeitar os 3 pilares”

Fer: “Semana passada foi melhor porque tinha menos pessoas e ficou mais fácil do pessoal entender, muitos que jogaram esse terceiro jogo nunca tinham jogado”

Mili :“Mas não importa o número de pessoas Fer, é uma das regras o respeito”

Lu: “Eu acho que esse terceiro jogo faltou equilibrar mais os times, um ficou com 3 meninas e o outro só tinha uma menina”

Giba: “Nosso time no segundo jogo também tinha 3 meninas em quadra e o jogo ocorreu normalmente”

Lu: “Nesse ultimo jogo a bola nem chegava em nós”

Educador: “Pessoal na minha visão nos dois primeiros jogos vocês conseguiram respeitar e cumprir os 3 pilares tranquilamente, nesse ultimo jogo vocês não cumpriram, estava parecendo futebol profissional, carrinho, pancada, todo mundo querendo vencer a qualquer custo, fugindo do propósito da Metodologia Callejera, vocês devem refletir sobre isso para os próximos jogos”

Lu: “Esse ultimo jogo estava muito desequilibrado, três meninas em um time contra três meninos no outro time, nós não conseguíamos nem encostar na bola”

Educador: “Em relação ao futebol convencional e o fútbol callejero, qual vocês gostaram mais de praticar”?

Participantes: [O fútbol callejero é melhor, responderam de forma unânime]

Educador: “Porque”?

K1: “É mais participativo”

Gabizinha: “O Fútbol Callejero é melhor porque tem mais respeito, porque temos que ter respeito para ganhar o ponto e todos da equipe querem ganhar o ponto, e nesse tem mais educação, os meninos passam mais a bola, não tem ofensas”

Educador: “E o que vocês acharam de jogar sem árbitros”? Dá certo?

Lu: Não

K1: Dá sim é só seguir as regras combinadas

Rafa da Baixada: “Dá sim, semana passada e nos dois primeiros jogos de hoje jogamos sem problemas”

Tutu: “Dá sim, as regras são combinadas antes, e é só cumprir”

K2: “Dá sim basta ter respeito”

Roda de conversa – 4º encontro 05/04/2019

Duração: 05 minutos (somente com os mediadores)

Educador: “O que vocês acharam de ser mediadoras”?

Rafaela: “Eu gostei”.

Educador: “Por quê”?

Rafaela: “O mediador observa melhor o jogo, percebe melhor os lances e consegue enxergar de outra forma”.

Giba: “O mediador tem uma visão melhor do jogo”. (f)

Educador: “Porque vocês quiseram ser mediadoras”?

Rafaela: “Na semana passada eu joguei, e dessa vez eu escolhi ser mediadora para ver como é que seria ficar observando”.

Stuchi: “Eu prefiro ser mediadora do que jogar, pois consigo entender melhor o jogo.” (f)

Educador: ” Qual a maior dificuldade de ser mediador?”

Stuchi: “A maior dificuldade é você esta observando tudo o que acontece no jogo e as pessoas que estão jogando não concordarem e reclamarem.”

Stuchi: Eu não tenho paciência para esse tipo de situação

Gabi: “Mas você tem que ter, você é mediadora”.

Educador: ” Vocês acham que todos foram ouvidos na hora de decidir as regras?”

Participantes: [foram unânimes em dizer que sim]

Jana: “Sim, mas o pessoal tem que entender que devem falar tudo que acontece na roda do terceiro tempo, senão fica essa fofoca depois do jogo” (f)

Giba: “Sim, e faltou no início dos jogos a gente confirmar as regras, para ninguém discordar depois”.

Stuchi:” Sim, ouvimos todos, mas eles devem falar os fatos no terceiro tempo e não depois que volta para a sala”.

APÊNDICE B – Diários de aula

Diário I – 15/03/2018

Participantes: Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biru Biru, Pedro, Jack, Decario, Mari, Felipe, Leticia, Gabizela, Thatá, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, Adevanildo, K2, Rafa da baixada, Ny, dicionário, tutu, Ka7.

Visitante: Pesquisadora Maria

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni), Pesquisadora (Maria).

Total de alunos participantes: 29 (16 meninos e 13 meninas).

Sexta Feira primeiro encontro de duas aulas com o 9º ano B, de um total de 8 encontros, cada encontro correspondente a duas aulas de 50 minutos. Iniciei minha jornada neste dia indo ao encontro da pesquisadora Maria que pontualmente às 7h já me esperava na entrada da escola. Seguimos para a sala de aula, com uma grande expectativa em relação á recepção da turma para conosco. Em um primeiro momento apresentei a Maria para a turma, explicando que ela estaria conosco nas próximas 8 semanas e que faria parte da pesquisa que iríamos iniciar. Os alunos foram receptivos e deram as boas vindas para a pesquisadora. Orientei os alunos sobre como seria desenvolvida a aula de hoje, e quais atividades iríamos fazer, todos se empolgaram e ficaram motivados com a prática do Futsal, em seguida orientei para que todos fossem a quadra, enquanto fui buscar os materiais que seriam utilizados na aula (bolas e coletes).

Chegando á quadra, realizamos um breve aquecimento, através de alongamentos para os membros inferiores, e expliquei que eles praticariam o futsal livremente e que eles próprios se organizassem da maneira que estavam acostumados a jogar fora da escola. Deixei a bola no centro da quadra e propus que eles se organizassem da forma que quisessem para iniciar os jogos. Inicialmente dois alunos se propuseram a escolher os times, foram eles: *Gabã* e *Rafa da baixada*.

Decidiram no par ou ímpar e iniciaram a escolha dos times. Apenas os meninos, os mais habilidosos e os que tinham maior proximidade com o futebol fora do ambiente escolar foram escolhidos primeiramente. Foram montados apenas 2 times e os 10 primeiros escolhidos estavam prontos para iniciar o jogo, quando eu questionei o que faziam os outros alunos que estavam sem time, e também as meninas que estavam ali para participarem. Houve um momento de reflexão, então o aluno *K2* sugeriu que se montassem mais 2 times devido ao grande número de alunos. Pude notar que no primeiro momento nenhuma menina havia sido escolhida, e o aluno *Gabã* perguntou se as meninas poderiam jogar com os meninos, eu apenas respondi que eram eles que deviam decidir as regras e que eu apenas iria observar. De comum acordo decidiram que iriam jogar conjuntamente e de forma mista. Após esse momento de discussão, foram definidos 4 alunos para escolher as equipes: *Gabã*, *Rafa da Baixada*, *k1* e *Vitão*. As equipes foram organizadas de forma mista e algumas meninas se recusaram a participar da atividade (*Gabisela*, *Teltel*, *Ni*, *Thata*, *Rafaela* e *Leticia*) que ficaram apenas observando o andamento dos jogos. Ficou combinado que os jogos seriam de 7 minutos e após os quatro times jogarem, os perdedores jogariam e posteriormente os vencedores. Questionei as

alunas do porque não estarem participando e a aluna Teltel foi enfática em dizer: “sou muito ruim professor e os meninos me xingam pois não aceitam que eu erre as jogadas”. As demais colegas concordaram com Teltel e foram unânimes em dizer, que não tinham afinidade com a bola nos pés, que os meninos eram competitivos, que brigavam e ficavam bravos quando elas erravam alguma jogada e por isso preferiam apenas assistir e que iriam torcer pelas meninas que estivessem jogando.

Depois de realizado um sorteio foi iniciado o primeiro jogo, no qual ficou nítido que os alunos *Adevanildo* e *Rafa da baixada* monopolizavam as ações do jogo, não trocavam passes com outros companheiros e mesmo tendo um companheiro desmarcado, eles preferiam jogar individualmente, buscando o gol e a vitória a qualquer custo. O participante *Jack* reclamou e criticou o companheiro de time *Zanatta*, que por vezes desanimava das jogadas, e que pouco recebia a bola. No decorrer da primeira partida o aluno *K1* pediu para apitar a partida, e assim o fez. Um detalhe observado foi que as meninas que não estavam participando, estavam torcendo e incentivando as meninas que estavam jogando e que por várias vezes a aluna *Ni* criticava os meninos que não passavam a bola para as meninas e o jogo teve vitória da equipe sem colete por 3x1. No segundo jogo o participante *Felipe* foi quem monopolizou as ações do jogo, tentando decidir o jogo sozinho e tocando apenas a bola para o participante *Gabã*, como se os demais colegas fossem invisíveis. Houve também um lance faltoso no qual o participante *Dhiogão* que se mostrava muito competitivo deu um carrinho derrubando a aluna *Má*, e que gerou um pequeno conflito sobre ter ou não ocorrido a falta, eles entraram em comum acordo e o jogo prosseguiu sem a falta ser marcada. Nessa partida houve um pouco mais de equilíbrio pois contava com 5 meninas em quadra jogando e o jogo prosseguiu sem maiores problemas e a equipe de colete vencendo por 1 a 0 com o gol da participante *Lu*, o que causou um entusiasmo e euforia nas amigas que estavam do lado de fora e não estavam participando das vivências. Os dois times ganhadores jogaram entre si, e o jogo prosseguiu monopolizado por alguns alunos, houve algumas jogadas mais ríspidas e algumas discussões, o jogo prosseguiu e terminou empatado em 1x1. De um modo geral prosseguimos com mais dois jogos, no qual as ações estavam monopolizadas com os mais habilidosos que raramente tocavam a bola para os companheiros desmarcados e para as meninas. Após a realização desses jogos iniciais, formei uma roda de conversa e algumas questões foram levantadas, tais como havia sido a participação das meninas, a participante *Ni*, argumentou dizendo: ‘que não houve solidariedade e que várias meninas nem relavam na bola’. Indaguei se aquela afirmação era verdadeira e as meninas concordaram com a amiga e afirmaram que no primeiro jogo apenas um ou outro colega que tocava a bola. Problematizei com eles sobre o critério de escolhas, eles argumentaram que escolhiam primeiro os melhores, e o participante *K1* disse que escolheu o amigo que “chutava mais forte”, argumentei que eles deviam refletir se estava correta aquela forma de escolher os times e como se sentiriam os que ficassem por últimos na escolha dos times. Perguntei sobre a escolha das meninas, se elas foram escolhidas por critério de habilidade, quando nesse momento a participante *Lu*, disse que “só a participante *Má* tinha maior contato com o futebol e que praticava fora da escola, por isso foi escolhida antes das outras meninas, e ambas foram unânimes em dizer que devido a esse fator elas seriam as últimas a serem escolhidas. Questionei se os meninos tocavam a bola para elas, a participante *Jana* disse que: “os meninos queriam ser os bam bam bam e que pouco tocavam a bola para elas, exceto o participante *Felipe*, que tocava a bola com mais frequência”

O participante *Decário* disse que: “fiquei chateado porque não levo o menor jeito para jogar futebol pois quase não jogo, e por isso quase não recebo bolas dos meus colegas durante o jogo”.

Questionei a turma, perguntando se era possível o futebol de rendimento ser praticado de forma mista e isso acabou levantando certa polêmica, após algumas discussões a participante *Lu* argumentou dizendo que: “poderia sim, porque que as mulheres têm menos chance de praticar esportes e que por isso são menos habilidosas que os homens”.

Outra questão levantada por mim foi sobre como eles decidiam os lances duvidosos que surgiam nos jogos. Ambos concordaram que eles seguiam as regras da Fifa e que a figura do árbitro não se fazia necessário. Somente o participante *Dhiogão* disse que sentia falta da presença do arbitro, pois: “o arbitro coloca mais ordem no jogo” e que era a favor da presença do mesmo. Então questionei se os jogadores de alto rendimento seriam honestos em falar a verdade sobre um lance duvidoso, todos foram unânimes em dizer que não, pois eles buscavam a vitória a qualquer custo e dificilmente fariam a verdade em um lance duvidoso. E a turma ficou dividida sobre a importância ou não do árbitro. Após as discussões a respeito dessa temática chegamos a conclusão de que o grupo poderia combinar as regras que quisessem pois ali naquele espaço da aula, eles seriam os protagonistas e não precisavam seguir à risca as regras impostas pela FIFA. A próxima questão problematizada por mim foi sobre a preferência deles em jogar de forma mista ou separado, e foi unânime a resposta da turma em afirmar que prefere jogo misto, o participante *K1* solicitou a palavra e disse que “prefere participar de jogos mistos pois” o importante ali para eles era se divertirem e todos participarem”. A última questão por mim levantada foi sobre o respeito com as meninas durante os jogos, ambas disseram que houve respeito exceto em alguns lances, quando a participante *Ma* disse que recebeu um carrinho do participante *Dhiogão* e que ficou chateada por isso, ambos concordaram que devem tomar cuidado com lances desse tipo para evitar machucar o colega.

Finalizei a roda de conversa dizendo que iríamos voltar para a sala e iria falar sobre os nomes fictícios, sobre a pesquisa e coleta de dados do Mestrado Profissional, quando eles solicitaram jogar mais um pouquinho, eu concordei e deixei eles se organizarem novamente. Nesse segundo momento as participantes *Lu* e *Ma* se dispuseram a escolher os times, e os times estavam sendo formado sem o critério de habilidade ou de gênero, outro fato que merece destaque é que após essa primeira roda de conversa, 4 das 6 meninas que não participaram dos jogos iniciais, se propuseram a jogar e se mostravam mais motivadas. Os jogos recomeçaram e já era perceptível um clima mais harmônico, solidário e menos competitivo entre eles. Após um lance ríspido o participante *Biro Biro* se desculpou com a colega *Fer* que rapidamente se levantou com a ajuda de *Biro Biro*. Logo após retornamos para a sala de aula, onde expliquei sobre os nomes fictícios a serem utilizados na pesquisa e sobre as características do Mestrado Profissional. Solicitei como lição de casa para a aula seguinte que eles fizessem uma redação sobre a relação deles como o futebol, como eles entendem o futebol (se praticam, se assistem, se gostam, se não gostam) e que debateríamos sobre isso no próximo encontro.

Diário de Aula 2 – 2º encontro – 22/03/2019

Participantes: Dhiogão, Zanatta, Stuchi, Rafa da Baixada, Lu, Tutu, Gaban, K1, Mari, Pedro, Jack, Biro-Biro.

Total: 12 participantes

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni). Maria (pesquisadora visitante)

Cheguei na escola o relógio apontava 06h55 e a pesquisadora Maria me aguardava na portaria, notamos o pequeno número de alunos na escola, devido a paralisação geral dos professores. Enquanto caminhávamos até a sala do 9ºB, fomos abordados por alunos de várias turmas, que sugeriam juntar todos em uma mesma sala.

Entramos na sala do 9ºB e para nossa surpresa era a sala que estava mais cheia, tendo 12 alunos presentes (9 meninos e 3 meninas). Após realizar a chamada solicitei que entregassem a lição de casa que foi pedida na aula anterior, apenas 4 alunos entregaram. Iniciei a aula explicando que iríamos conhecer e aprender sobre o Fútbol Callejero e que o vídeo que estava previsto para a aula de hoje, ficaria para semana com a turma toda presente.

Expliquei a origem do Fútbol Callejero, que foi criado na Argentina por Fábian Ferraro, em um contexto de grave crise que assolava o país naquele momento. Coloquei na lousa alguns conceitos e pedi para os alunos registrarem no caderno, expliquei que o Fútbol Callejero é um jogo praticado em 3 tempos, com equipes obrigatoriamente mistas e sem a presença de um árbitro, contando apenas com o auxílio do mediador que anota as regras acordadas no 1º tempo, observa o andamento do jogo e conduz o diálogo no 3º tempo de jogo.

Problematizei os 3 pilares (Respeito, Cooperação e Solidariedade) e expliquei como se dava a pontuação em cada um deles, falei também que nem sempre quem faz mais gols vence a partida, pois as pontuações nos 3 pilares são importantes e somam pontos da mesma forma, portanto a equipe que perde no 2º tempo de jogo pode virar a partida através da argumentação no 3º tempo. Esclareci que nas primeiras aulas com a Metodologia eu fazia a mediação durante os jogos, mas nas aulas seguintes eles também poderiam atuar como mediadores, todos gostaram da ideia e eu reforcei para observarem a função do mediador. Chegando quadra iniciamos a escolha dos times e para minha surpresa e da pesquisadora Maria, duas meninas (Mari e Lu) se prontificaram a escolher os times e todos concordaram. A equipe de Mari ficou com o colete laranja e fazia parte do time: Mari, Biro-Biro, Gaban, Pedro, Tutu e Stuch. A equipe da participante Lu ficou com o colete azul e participaram do seu time: Lu, Dhiogão, K1, Zanatta, Jack e Rafa da Baixada.

Após a divisão das equipes iniciamos o 1º tempo de jogo, no qual iríamos combinar as regras, a primeira regra proposta foi do participante Gaban que propôs o “pediu parou”, que não linguagem do futebol significa que quem sofre alguma falta tem que pedir para parar o lance. Eu questionei o porque daquela regra e o participante Gaban disse: “Como não tem árbitro acho que é melhor jogar dessa forma”, todos concordaram e a regra foi registrada. A próxima regra combinada foi

sugerida pelos participantes K1, Tutu e Rafa da baixada, a regra era que gol de menina valesse 3 pontos, as meninas presentes gostaram da ideia e sentiram se privilegiadas. Como de praxe eu questionei o porquê de criarem essa regra, e eles disseram que por ter menos meninas no jogo, elas teriam menos chance de marcar gols e que essa regra seria boa. Após todos concordarem a regra foi registrada. Uma regra que surgiu foi proposta pelos participantes Gabã e Zanatta, que dizia que o gol para ser legítimo, a bola teria que passar pelos pés de todos os jogadores da equipe, indaguei o motivo da sugestão desta regra e o participante **Zanatta** disse: "É melhor assim professor, porque dessa forma todo mundo participa mais e sente importante no time" todos concordaram com a sugestão e a regra foi registrada. Outra regra proposta foi sugerida pela participante Mari que propôs que a equipe que levasse um gol deveria dar a saída de bola na quina do escanteio, questionada sobre o porquê dessa regra a participante Mari disse: " Eu acho que torna o jogo mais dinâmico e divertido."

A última regra proposta foi sugerida pelos participantes Gabã, Tutu e Rafa da baixada que sugeriam que o gol feito atrás da linha de meia quadra devia valer 3 pontos. Questionados a respeito do porque dessa regra, eles foram unânimes em dizer que é um gol difícil de fazer e que por isso deve valer mais. Eu problematizei sobre essa situação, sobre esses chutes de longe acertarem o rosto de alguém e o participante Tutu respondeu: "Pode acontecer em qualquer momento do jogo professor, não só nos chutes lá do fundo da quadra e que se acontecesse ele iria se desculpar".

O jogo iniciou e já foi perceptível tanto para mim como para a pesquisadora Maria, a preocupação em cumprir as regras e o cuidado com os colegas. O participante Tutu arriscou um chute e acertou a barriga da Mari, e prontamente se desculpou com a colega. As duas equipes tocavam bastante a bola e todos estavam participando ativamente, exceto o participante Jack que estava um pouco isolado na ponta direita, mas que também recebia bolas dos companheiros, mas por não se movimentar tanto, tocava menos na bola. O time laranja fez o primeiro gol e a bola passou por todos da equipe, sendo validado o gol. A equipe azul empatou com o participante K1 e o mesmo disse: "Valeu o gol professor, todo mundo participou da jogada". Em um certo momento do jogo o participante Gaban foi derrubado na entrada da área, gerando uma dúvida se havia ou não ocorrido dentro da área, após um breve tumulto e um diálogo entre todos, o participante K1 assumiu que fez a falta e que foi dentro da área, portanto o pênalti foi marcado. Para minha surpresa a equipe laranja pediu para Mari cobrar o pênalti, ela assim o fez e acabou chutando para fora. Esse fato merece destaque porque nunca aconteceu em outros jogos de futsal realizados na escola. O jogo prosseguiu e ficava nítida a diferença em relação à aula anterior, pois dessa vez todos estavam participando ativamente do jogo e se empenhando nas ações da equipe, o jogo foi prosseguindo e tanto eu quanto a pesquisadora MC percebemos as mudanças em relação a participação de todos e a preocupação em cumprir as regras estabelecidas. Outro lance polêmico ocorreu no final da partida, quando o participante Biro-Biro chutou uma bola para o gol e a participante Lu colocou a mão dentro da área evitando que a bola acertasse seu rosto, houve um pequeno conflito e algumas divergências entre ter ocorrido ou não a penalidade, após dialogarem chegaram a um consenso de que a participante Lu estava protegendo o rosto e que não teria ocorrido a penalidade. Outro fato que merece destaque é a tomada de consciência dos participantes Gabã e Rafa da baixada que diferentemente da aula anterior onde monopolizavam todas as ações

do jogo, dessa vez estavam mais cooperativos, tocando a bola para todos da equipe e não reclamando dos colegas. A equipe laranja fez mais um gol com Gabã e logo em seguida a equipe azul empatou com Rafa da baixada. O jogo prosseguiu sem maiores problemas e terminou empatado em 2x2. Após o término da partida o participante Zanatta veio até mim e disse: “Professor eu não gostava de futebol, achava que não levava jeito e da forma que estamos jogando eu estou me divertindo muito e aprendendo a jogar”. Após todos tomarem água formamos uma roda e iniciamos os diálogos do 3º tempo.

Iniciei o 3º tempo falando que o placar ficou 2x2 e que cada equipe ganharia 0,5 pontos, e prontamente todos concordaram. Perguntei se as duas equipes mereciam pontuar no pilar Respeito e ambos disseram que sim, a participante Lu disse: “Essa forma de jogar faz com que uma equipe fiscalize a outra e se alguém não cumprir poderemos falar no final do jogo” O participante k1 também complementou dizendo: “Sim todas as regras foram seguidas”, ambos concordaram e foi computado um ponto de respeito para cada equipe.

Sobre o pilar de cooperação, a equipe laranja disse que merecia o ponto pois todos participaram ativamente do jogo e a participante Stuchi disse: “ O time azul não merece o ponto de cooperação, pois não tocaram para o Jack”. A participante Lu argumentou dizendo que: “Tocamos sim, é que ele ficava parado na ponta direita e recebia menos as bolas”. Após breve conflito e indecisão na pontuação de cooperação, todos acordaram que deveriam deixar o Jack falar. Jack disse que: “Eles tocavam sim, é que eu to de calça jeans e não corri muito, mas eu recebia bolas sim”. Após o diálogo, todos concordaram que ambas as equipes mereciam o ponto de cooperação.

Em relação a pontuação no pilar Solidariedade, questionei se ambas as equipes mereciam o ponto, e o participante Tutu disse que: “ Meu time merece sim professor, eu trombei na Lu e parei na jogada para ajuda-la a se levantar”, pela equipe azul o participante K1 disse que: “A gente também merece, pois fomos solidários com a Mari quando ela recebeu uma bolada do Tutu e esperamos ela tomar um folego e voltar pro jogo”.

Ambos concordaram que mereciam o ponto de solidariedade e o jogo terminou empatado em 3,5 x 3,5. Questionei sobre as dificuldades em cumprir os 3 pilares e ambos disseram que não. A participante Lu disse que: “As equipes se fiscalizam durante o jogo”. Também foi questionado sobre o que mudou em relação a aula passada, e todos foram unânimes em dizer que teve mais respeito e sinceridade entre os participantes. A participante Lu disse que: “Gostei do Fútbol Callejero pois a gente participa mais e os colegas respeitam mais a gente”. O participante Tutu disse que: “O jogo hoje foi mais divertido e mais participativo, todos saíram suados” O participante Dhiogão disse que: “É igual futebol caixão na rua, tudo é resolvido entre os jogadores”. Problematizei sobre o que acharam de jogar sem árbitros e a turma foi unanime em dizer que não precisa de árbitros, pois as regras são combinadas antes e ficam claras para todos e o que acontece é decidido em acordo entre os jogadores.

Após a roda de conversa, os alunos solicitaram para jogar mais um pouco, e outra regra foi criada (o lateral poderia ser feito com as mãos e pés), todos concordaram com a regra e o motivo que eles deram para criar essa regra foi que deixaria o jogo mais dinâmico. Um fato que pude observar foi na saída de bola,

quando a participante Mari gentilmente cedeu á posse de bola para a equipe adversária e disse para a participante Lu da equipe contrária: “Pode sair com a bola, no jogo passado nós que saímos com a bola”. Esse fato merece destaque porque raramente ocorria em jogos de futebol que eles estavam acostumados a jogar, o jogo prosseguiu com um clima menos competitivo que o da aula anterior.

Diário III – 3º encontro 29/03/2019

Participantes: Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Gabizela, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Ny, dicionário, Tutu, Giba, Mili, Albino, Amandinha do Grau, Gabizinha, Luquinhas da massa, Marcola.

Visitante: Pesquisadora Maria

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni), Pesquisadora (Maria)

Total de alunos participantes: 32 (16 meninos e 16 meninas).

Pontualmente as 6h55 a pesquisadora Maria me aguardava na portaria da escola, fomos recebidos pela coordenadora e prontamente nos dirigimos á sala do 9ºB, estavam presentes 32 alunos, sendo 16 meninas e 16 meninos, após realizar a chamada, solicitei que entregassem a lição de casa solicitada no primeiro encontro, 29 alunos entregaram e mais 4 que entregaram na aula anterior, totalizando 33 redações entregues.

Expliquei como seria o encontro de hoje e iniciei explicando a Metodologia do *Fútbol Callejero*, sua origem na Argentina, os 3 pilares, o sistema de pontuação e problematizando a figura do mediador, solicitei que os alunos registrassem alguns conceitos que considero importante no caderno do aluno. Após a aula expositiva sobre o *Fútbol Callejero* exibi um vídeo sobre a metodologia e outro sobre o Mundial de *Fútbol Callejero* realizado em São Paulo no ano de 2014. A princípio não houve questionamentos por parte dos alunos e todos disseram que compreenderam bem a proposta do FC.

Expliquei que iríamos dividir a turma em 2 equipes de 16 alunos e que posteriormente seria criado mais 3 equipes entre os 16 alunos para realizar 3 jogos de *Fútbol Callejero*, os alunos demonstraram entusiasmo e solicitei para que fossem á quadra, enquanto eu buscava os materiais que seriam utilizados.

Chegando á quadra, os alunos Lu (f) e Gabã (m) pediram para escolher as equipes, eu sinalizei positivamente e iniciaram a escolha dos times, a equipe do Gaban ficou sem colete e a equipe da Lu ficou com o colete laranja. As equipes foram assim divididas: Equipe sem colete (Gabã, Rafa da Baixada, Marcola, Gabizinha, Mili, Luquinha da massa, K2, Felipe, Albino, Pedro, Jack, Gabizela, Ny, Fer, Teltel e Leticia), já a equipe de colete laranja ficou assim dividida (Lu, Mari, Giba, Ma, K1, Vitão, Stuchi, Kalil, Biro-Biro, Zanatta, Dicionário, Tutu, Amandinha do grau, Jana, Dhiogão, Rafaela).

Divididos os times, expliquei que iríamos realizar o 1º tempo do jogo com todo mundo junto, e as regras serviriam para balizar os 3 jogos, a pontuação

seria computada ao final de cada jogo e o 3º tempo do último jogo seria a roda de conversa final e a soma dos pontos dos 3 jogos.

Iniciamos o 1º tempo e a primeira regra sugerida veio do Gaban (m), que sugeriu que para valer o gol todos da equipe teriam que tocar na bola, questionei o porque dessa regra e ele disse que era para todos participarem mais do jogo e pontuando no pilar Cooperação. Todos concordaram e a regra foi registrada. Outra regra que surgiu, foi da Mari (f) que propôs que se uma equipe levasse gol, a bola sairia da quina do escanteio. Perguntei o porque da regra e ela argumentou dizendo que deixaria o jogo mais dinâmico. Os participantes Rafa da Baixada, Marcola, Tutu e Gabizela discordaram e disse que dificultaria o andamento do jogo. Após dialogarem o grupo chegou a um acordo e a equipe que levasse o gol, daria saída de bola com o goleiro. Todos concordaram e a regra foi registrada. Uma regra proposta pelos participantes Rafa da Baixada, K1 e Gabã foi de que gol de menina valesse 3 pontos, questionei o porquê dessa regra e eles disseram que era para prestigiar as meninas e incentiva-las a buscar mais o gol. As participantes Lú, Mari, Gabizela, Ny e Leticia, reforçaram que era bacana essa regra, e que motivaria mais as meninas e o grupo todo aceitou. A regra foi registrada pelos mediadores. Outra regra de comum acordo de todos os participantes era o “pediu parou”, e eles propuseram essa regra porque como não tem árbitro, seria melhor dessa forma para decidirem os lances duvidosos durante o jogo. A participante Fer (f) sugeriu a uma regra que quando uma menina estiver jogando de goleira, não valerá gol dentro da área. Houve um pequeno conflito na roda, alguns concordavam, outros não. Questionei o porque dessa regra e a Fer disse que era para as meninas terem mais chance de defesa, pois não estão acostumadas a jogar no gol. Após breve diálogo entre os participantes, todos concordaram com a regra e ela foi registrada pelos mediadores. A última regra proposta foi feita por Mari e Lu (f) que solicitaram para cobrar o lateral com a mão e com os pés, elas argumentaram dizendo que essa regra deixaria o jogo mais dinâmico e facilitaria para elas puxarem o contra-ataque. Todos os participantes concordaram e a regra foi registrada.

Vale destacar que os mediadores dos 3 jogos foram eu (pesquisador), a Stuchi (f) que fazia parte de uma equipe mas não iria jogar pois estava de sandália e com uma unha inflamada e enfaixada. E a Mili (f) que alegou cólicas e dores de cabeça e também preferia ser mediadora.

O primeiro jogo transcorreu de forma tranquila e a maioria que estava em quadra já conhecia a metodologia, pois jogou na aula passada, os fatos que merecem destaque são os seguintes: o K1(m) tropeçou e caiu sozinho e o Pedro (m) parou a jogada e ajudou K1 a se levantar e só continuou a jogar depois do colega se reestabelecer. A bola tocou a mão de TelTel próximo da área e ela assumiu que tocou na mão dela e realmente havia ocorrido a falta. Outro ponto que merece destaque é a atitude do participante Gabã (m) que tocava bastante a bola, chamava e incentivava os colegas com menos habilidade, e incentivou o participante Jack(m) a cobrar uma falta. Era visível a mudança dele em relação ao primeiro encontro, no qual monopolizava as ações do jogo e reclamava muito dos colegas, as vezes até ofendendo-os.

O primeiro jogo prosseguiu sem maiores problemas e a equipe sem colete venceu por 1x0 com gol do Pedro (m) que comemorou muito esse gol dizendo que nunca havia feito um gol nas aulas de Educação Física.

No 3º tempo fizemos a mediação da roda de conversa e sobre o jogo que ficou 1 x0, a equipe sem colete ficou com 1 ponto, em relação ao pilar respeito, todos concordaram que ambas as equipes mereceriam o ponto pois cumpriram

todas as regras, então computamos 1 ponto para cada equipe. Sobre o pilar cooperação, observamos que todos participaram ativamente e eles argumentaram que ambos mereciam o ponto de cooperação, pois jogaram coletivamente. E para o pilar solidariedade a equipe laranja argumentou que merecia o ponto pois a Mari (m) ajudou a Fer a se recuperar de uma queda durante o jogo, já a equipe sem colete disse que também foi solidária com K1 no momento da sua queda, sendo prontamente ajudado por Pedro e todos pararam para prosseguir a jogada. Dessa forma o ponto de solidariedade foi computado para as duas equipes e o placar estava 4 para a equipe sem colete e 3 para a equipe laranja.

O segundo jogo iniciou de forma tranquila com um clima harmônico e amigável entre os participantes, os fatos que merecem destaque foram: o carrinho que o participante Dicionário (m) deu no colega Rafa da baixada, mas Dicionário prontamente se desculpou e não teve a intenção de derrubar Rafa da baixada, que aceitou o pedido de desculpas e acenou positivamente para o colega. A equipe laranja venceu por 1x0 com o gol do Kalil (m) e teve outros dois gols anulados, pois não cumpriram a regra de passar pelo pé de todos os jogadores para validar o gol. Na roda de conversa do 3º tempo do jogo, foi dito que a equipe laranja venceu por 1x0 e ficaria com um ponto, em relação aos 3 pilares as duas equipes concordaram que mereciam o ponto pois agiram de forma respeitosa, cooperativa e solidária. Portanto o placar estava 7x7 e o terceiro jogo que definiria o resultado final.

O terceiro jogo foi muito diferente dos primeiros, havia muitas ofensas e uma vontade excessiva por parte de alguns meninos, o participante Albino não tocava a bola para as meninas, e discutiu com o participante K2 que insistia que ele devia passar a bola para todos para o gol ser válido, mesmo com a observação do colega o jogo prosseguiu com várias ofensas entre os participantes e o individualismo do participante Albino. O terceiro jogo foi muito diferente dos dois primeiros jogos, havia uma vontade excessiva das duas equipes de vencer o jogo e aconteceram várias jogadas ríspidas. K2 se irritou e ofendeu a colega Ma da própria equipe. Em outro momento o Vitão deu uma entrada mais forte em K2 e ambos trocaram empurrões e ofensas. K2 se irritou e ofendeu a colega Ma (f), vale destacar a atitude do participante Zanatta que prontamente encerrou a discussão e disse que dessa forma não iriam pontuar nos três pilares. O participante Albino insistia em jogar individualmente e fazer gols sem tocar para os colegas, descumprindo uma das regras estipuladas. O terceiro jogo disputado estava em um clima muito competitivo e com várias jogadas individuais, não estava prevalecendo o trabalho em equipe, o participante Albino insistia em jogar individualmente e evitava tocar para os colegas com menor afinidade com o futebol, ou para as meninas, descumprindo uma das regras para pontuar no pilar cooperação. A equipe sem colete fez outro gol, dessa vez de forma válida, pois todos tocaram na bola. A equipe laranja estava descontrolada e em certos momentos do jogo brigavam entre si. O jogo prosseguiu e terminou com 2x0 para a equipe sem colete.

Após esse jogo reunimos todos os participantes fizemos a roda final de conversa, como o jogo foi 2x0 para a equipe sem colete e seria pontuado um ponto pela vitória no jogo. Sobre o pilar respeito, todos concordaram que nenhuma equipe merecia, pois descumpriram as regras em vários momentos, sobre o pilar cooperação, a equipe laranja disse que merecia o ponto, pois estava tocando bastante a bola, a mediadora Stuchi(f) questionou e disse que não foi isso que ela observou, pois o Albino (m) várias vezes queria decidir o jogo sozinho. Após o diálogo chegou se ao comum acordo de que ninguém pontuaria nesse pilar também. A **participante Lu** bastante irritada disse que esse terceiro jogo foi o pior de todos,

pois ninguém tocava a bola para ninguém, tiveram várias discussões, ela levou vários empurrões durante o jogo e que o jogo anterior foi muito melhor, após esse diálogo, as equipes concordaram que não mereciam o ponto no pilar solidariedade e cooperação. Após o diálogo todos concordaram que nenhuma equipe merecia o ponto de solidariedade, então o placar ficou 8x7 para a equipe sem colete. Eu comentei que nesse último jogo, eles não compreenderam a metodologia nem a forma de pontuação nos 3 pilares, isso pode ter acontecido pois a maioria que estava em quadra, ainda não tinha tido contato com a metodologia, pois faltaram na aula passada. Eu encerrei a roda dizendo que na próxima aula eu iria reforçar a questão dos três pilares e que não adiantava nada ganhar o jogo e não pontuar nos pilares no terceiro tempo, que era preciso refletir sobre a atitude de alguns alunos no terceiro tempo do jogo. Questionei também se preferiam praticar o Fútbol Callejero ou o futebol convencional, e todos disseram que preferem o Callejero, pois todos tem oportunidade de participar de forma melhor.

Diário IV – 4º encontro 05/04/2019

Participantes: Dhiogão, Fer, Stuchi, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Blue, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Ny, dicionário, Tutu, Giba, Mili, Albino, Amandinha do Grau, Gabizinha, Luquinha da massa, Marcola, Adevanildo, Gabi, Decário e Nataly.

Visitante: Pesquisadora Maria

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni), Pesquisadora (Maria)

Total de alunos participantes: 35 (19 meninos e 16 meninas).

Pontualmente às 7 horas na portaria da escola, encontrei com a pesquisadora Maria e nos direcionamos até a sala do 9º B. Estavam presentes 35 alunos, sendo 16 meninas e 19 meninos, após realizar a chamada, expliquei o que seria feito no encontro de hoje. Iniciei retomando os principais conceitos sobre o *Fútbol Callejero*, principalmente em relação ao cumprimento dos três pilares (respeito, cooperação e solidariedade) e ao sistema de pontuação realizado no terceiro tempo, esclareci algumas dúvidas que surgiram e enfatizei que muitas vezes a equipe que marca mais gols, acaba não vencendo a partida, pois a equipe que perdeu pode ter chance de virar o jogo, pontuando com os três pilares.

Expliquei as ações que caracterizavam os três pilares e em relação ao pilar solidariedade, considero importante destacar duas falas que surgiram durante o momento da explicação, que passaram despercebidas por mim, mas registradas pela pesquisadora Maria. A primeira fala veio da participante Milli que disse que: “temos que ser solidários sempre, não apenas no jogo”, e a outra fala veio do participante Albino que disse: “Mas porque vou ajudar o colega, se não fui eu que o machuquei”.

Após a explicação e orientações sobre a metodologia e os três pilares que sustentam a sua prática, esclareci aos alunos sobre a função do mediador, seu papel no jogo, problematizei as diferenças entre um mediador e o árbitro, sobre a importância da imparcialidade do mediador e da clareza ao conduzir os debates no terceiro tempo do jogo. Feito essas orientações, avisei que os jogos de hoje seriam

mediados pelos alunos que se interessassem a ser mediadores no dia de hoje e prontamente seis alunos se propuseram a ser mediadores, foram eles: Dicionário(M), Gabi(f), Jana(f), Giba(f), Stuchi(f) e Rafaela(f).

Após a escolha de quem seriam os mediadores, orientei para que os alunos fossem a quadra e iniciassem a escolha dos times. Solicitei que os mediadores ficassem na sala, para conversar comigo e esclarecer algumas dúvidas sobre as funções do mediador. Orientei que eles anotariam as regras combinadas no primeiro tempo do jogo, que observassem e anotassem o que acontecia durante o segundo tempo do jogo e tivesse relação com os três pilares e que no terceiro tempo, eles fariam a pontuação final e conduziriam o debate durante a roda de conversa. O participante Dicionário ao final da nossa conversa disse que não queria ser mais mediador, pois queria jogar.

Ao chegar á quadra os alunos já estavam organizando a escolha dos times, e a participante Gabi veio até mim e disse que não participaria pois passou muito mal no dia anterior e que preferia apenas ficar observando. Eu concordei, pois realmente no dia anterior a garota teve uma grave crise de síndrome do pânico e precisou ser socorrida pela equipe de Resgate.

Mari e Biro-Biro se propuseram a escolher as equipes e combinaram de formar equipes equilibradas, a equipe de Mari ficou assim definida: Mari, Má, Milli, Rafa da Baixada, Jack, Nataly, Lu, Adevanildo, Gabã, Teltel, Zanatta, Kalil, Marcola, K2, e Blue, a equipe de Biro-Biro que estava de colete azul ficou assim escalada: Biro-Biro, Albino, Tutu, Ny, Amandinha do Grau, Dicionário, Pedro, K1, Leticia, Decário, Luquinha da massa, Dhiogão, Felipe, e Vitão.

Após a escolha dos times iniciamos o 1º tempo do jogo no qual todos os participantes iriam combinar as regras que seriam seguidas nos três jogos. A primeira regra proposta foi feita pelas participantes Mari e Lu, que sugeriram que quem fizesse o gol deveria fazer uma dança, a principio houve resistência por parte de alguns meninos, mas após breve diálogo a regra foi aceita por todo o grupo e registrada pelo mediador. Questionei o motivo dessa regra e a Mari disse que: “deixaria o jogo mais divertido”.

Outra regra proposta foi feita pelas alunas Milli, Lú e pelo aluno Rafa da Baixada, que sugeriram que para validar o gol a bola teria que passar pelos pés de todos os jogadores. Questionados sobre o porque dessa regra, eles disseram que dessa forma seria mais fácil cumprir o pilar de cooperação e que todos participariam mais ativamente do jogo. A regra foi aceita por todos e registrada pelos mediadores.

Mais uma regra proposta foi de que quem sofresse a falta ou tivesse dúvida em algum lance pediria para parar a jogada. Essa regra foi proposta pelo Luquinha da massa e o mesmo argumentou que: “será mais fácil controlar o jogo, pois só quem estava no lance poderia saber se foi falta ou não”. A regra foi aceita e registrada pelos mediadores, a próxima regra sugerida veio da participante Lú e já fazia parte dos jogos anteriormente, que o gol de menina valesse 2, houve algumas discordâncias por parte de alguns meninos, mas após breve diálogo a regra foi aceita por todos. Sobre o motivo de colocar essa regra, a Lu e o participante Rafa da baixada alegaram que era para incentivar mais as meninas a buscarem o gol.

A ultima regra sugerida veio do participante Decário que propôs que o gol com a perna não dominante valesse dois pontos, eu questionei o porque dessa regra e ele disse que: “É para incentivar o pessoal chutar com a perna que não é a boa”. Todos gostaram da regra e a mesma foi registrada pelos mediadores.

O segundo tempo do jogo iniciou de forma tranquila, e a mediação ficou com Giba (f) e Jana (f) que observavam o jogo atentamente. As duas equipes

estavam cumprindo os três pilares e nenhum gol foi anotado, vale destacar a mudança de atitude do participante Gabã que mais uma vez incentivava Jack nas jogadas e diferentemente do primeiro encontro, jogava de forma cooperativa e mais respeitosa com os colegas.

Outro fato foi observado pela pesquisadora Maria que observou que os alunos começaram a trazer troca de roupas em virtude de não voltar suado para a sala de aula, esse fato raramente ocorria no ano passado. Outro lance de destaque foi o gol invalidado de Luquinha da massa, que concordou prontamente que a bola não tinha passado nos pés de todos os seus companheiros.

Após o término do segundo tempo, a mediação no terceiro tempo ficou a cargo de Giba e Jana que não tiveram dificuldades de conduzir o diálogo e pontuar os três pilares. O placar do primeiro jogo ficou 3,5 x 3,5.

O segundo jogo ocorreu de forma tranquila e amigável, as equipes estavam bastante equilibradas e todos participavam ativamente das ações do jogo, vale destacar a trombada entre Pedro e Milli, que acabou paralisando a partida por alguns instantes, mas Pedro prontamente se desculpou e auxiliou a colega a voltar para o jogo.

A mediação dessa partida foi realizada pelas participantes Rafaela e Gabi, que conduziram muito bem o diálogo no terceiro tempo e conseguiram dialogar e pontuar as equipes nos três pilares. O placar do segundo jogo também ficou 3,5 x 3,5 e a somatória do ponto dos dois jogos estava 7x7, ficando o terceiro jogo para decidir o placar final da partida.

O terceiro jogo começou com um pouco mais de correria e ambas as equipes tentavam o gol a todo momento. O participante K1 alertava os companheiros para jogar coletivamente senão não pontuariam no pilar cooperação. O jogo estava bastante equilibrado e os pilares estavam sendo cumpridos e observados atentamente pela mediadora Stuchi que registrava todos os lances polêmicos. A equipe de colete azul marcou o primeiro gol com K1, mas imediatamente os colegas sinalizaram que não havia cumprido uma das regras combinadas. K1 argumentou dizendo que tinha cumprido sim, e o jogo ficou paralisado por conta dessa discussão, eu precisei intervir e disse para continuarem o jogo e que essa situação seria problematizada no final da partida. Houve alguns lances ríspidos e trombadas involuntárias, mas todos se desculpavam e se mostravam solidários com os colegas. A partida prosseguiu e a equipe de colete marcou mais um gol com K1 e após o gol a participante Leticia disse que o gol não cumpriu uma das regras. Houve mais um momento de discussão e após minha intervenção, eu disse para prosseguirem com o jogo e que no terceiro tempo problematizaríamos todas essas situações. O placar de bola rolando terminou 2x0 para a equipe de colete azul e formamos uma roda de conversa final com todos os participantes para iniciarmos o terceiro tempo do jogo.

O terceiro tempo foi iniciado e falei que o placar estava 7x7 e solicitei para a mediadora Stuchi falar o placar final do jogo e pontuar os pilares. A mediadora Stuchi disse que o jogo foi 2x0, mas que um dos gols não havia cumprido a regra de passar a bola pelos pés de toda a equipe. As mediadoras Giba e Jana reforçaram e disseram que realmente a bola não havia passado pelos pés de toda a equipe. K1 e Lú alegaram que a bola havia passado sim, então a mediadora Stuchi disse que o Vitão não teria pego na bola, K1 então disse: "Mas ele é goleiro, não precisa passar por ele". Stuchi rebateu dizendo: "Mas ele também faz parte da equipe, precisa passar por ele sim". Após um breve diálogo e discussão entre todos, chegamos a conclusão que o gol não foi válido.

Sobre o segundo gol a participante Mari disse que também não poderia ser válido pois o K1 não realizou a dança no momento do gol. K1 pediu a palavra e disse que fez uma comemoração, que não precisava ser dança e sim comemoração. Mari e Milli argumentaram que teria que ser dança pois era isso que combinaram no primeiro tempo dos jogos. Após um pequeno tumulto as equipes não chegaram a um acordo sobre o placar do segundo tempo, após um breve diálogo e com as opiniões das cinco mediadoras, não chegamos a um consenso sobre a validação do gol, e decidimos que o caminho seria fazer uma votação entre todos os participantes.

A participante Lú questionou sobre a função da mediadora, dizendo que: “a mediadora que deveria decidir, então ela não serve para nada”. Eu disse para a participante Lú, que a mediadora deve ser imparcial em conduzir os diálogos e que ela não pode decidir por todos, que na metodologia quando acontece de não chegarmos a um acordo, realizamos uma votação entre os participantes para poder decidir da forma mais democrática possível. Fizemos a votação e 19 ergueram a mão para validar o gol e 11 ergueram a mão para não validar o gol, após a votação o gol foi validado e o placar ficou 1x0 para a equipe de colete azul que obteve o ponto de vitória no segundo tempo do jogo. Partimos para a pontuação dos três pilares e o primeiro questionamento da mediadora foi se teve respeito durante o jogo. Nesse momento eu intervim e disse que a equipe que estava perdendo poderia virar o jogo agora na pontuação dos pilares. A participante Milli pediu a palavra e disse que: “A equipe de colete azul não merece o ponto de respeito, porque não seguiram as regras nesse jogo, o K1 fez o gol e não fez a dancinha, e o Tutu no jogo anterior também não dançou”, Tutu rebateu e disse que: “ Eu fiz uma comemoração, ninguém especificou que dança seria”. K1 também disse que: “Eu fiz uma comemoração, ninguém disse que precisaria ser uma dança”. Após breve diálogo ambas as equipes chegaram a um consenso de que as duas equipes mereciam o ponto de respeito. O ponto foi registrado pela mediadora e o placar estava 9x8 para a equipe de colete azul.

Partimos para a pontuação do pilar cooperação, ambos disseram que cooperaram durante o jogo e que mereciam o ponto. Nesse momento o participante K2, pediu a palavra e disse que: “a equipe de colete não merecia o ponto de respeito, porque o K1 falou um palavrão durante o jogo, mandou um colega tomar naquele lugar”. Alguns colegas confirmaram a fala e nesse momento eu intervim e disse que aquela atitude de K1 correspondia ao pilar de solidariedade e que eles não ganhariam o ponto de solidariedade.

Após as duas equipes pontuarem no pilar cooperação a mediadora diante desse fato narrado por K2 disse que a equipe de colete azul não ganharia o ponto de solidariedade. K1 argumentou dizendo que: “Não tinha começado o jogo ainda, não devo perder esse ponto” Eu intervim dizendo que o jogo já inicia no momento de combinar as regras. K2 então disse que: “O respeito devemos ter a todo momento, desde a hora que estamos na sala ainda”. Então a equipe de colete azul não ganhou o ponto de solidariedade e a equipe sem colete ganhou o ponto de solidariedade, portanto o placar final do jogo ficou 10x10. Desse modo, combinei que enquanto eu iria bater um papo com as mediadoras, e eles solicitaram bater pênaltis para decidirem o resultado do jogo. Antes de iniciar as cobranças surgiram algumas acusações sobre fatos ocorridos no jogo, e eu disse que era para eles falarem isso durante o bate papo do terceiro tempo e que tais atitudes mudam o resultado final do jogo.

Diário V – 26/04/2019

Participantes: Dhiogão, Fer, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Blue, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Ny, dicionário, Tutu, Giba, Mili, Albino, Amandinha do Grau, Gabizela, Luquinha da massa, Marcola, Adevanildo, Gabi, Decário e Nataly.

Visitante: Pesquisadora Maria

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni), Pesquisadora (Maria)

Total de alunos participantes: 34 (19 meninos e 15 meninas).

Iniciamos a aula pontualmente às 7h e de início foi realizada a chamada e estavam presentes 34 alunos, sendo 19 meninos e 15 meninas. Expliquei que a aula de hoje seria um Júri simulado, e que de início eles assistiriam a dois vídeos e depois seriam formados dois grupos que iriam argumentar defendendo um ponto de vista, e outro grupo era o júri que ouviria os dois grupos e daria o veredito final.

A pesquisadora Maria ia registrando e observando todos os fatos e conversas ocorridas, enquanto eu preparava o vídeo. Iniciamos exibindo o vídeo “Invisible Players” que retrata a invisibilidade feminina nos esportes e posteriormente foi exibido o vídeo “Like a Girl” (Always) que também retrata as questões de gênero nas práticas de esportiva. Após a exibição do vídeo e sensibilização da turma, explicito alguns dados numéricos sobre a desigualdade no futebol de mulheres e também as questões culturais que envolvem a relação da mulher com os esportes. Após alguns diálogos e argumentações sobre o assunto, indaguei a turma em relação a uma questão: “Quem de vocês acha que a separação entre masculino e feminino nos esportes é necessária por diferenças físicas que afetam o desempenho? 20 alunos ergueram o braço e disseram que defendem essa separação. Então eu falei que eles seriam o grupo 1 e que iriam ter 15 minutos para se reunir, levantar argumentos e escolher um advogado para defender o ponto de vista deles. Os 14 alunos que não ergueram o braço iriam ser o grupo 2 e eles defenderiam a seguinte questão: “Homens e mulheres podem praticar esportes de forma mista, pois os aspectos físicos não são determinantes para o rendimento”. Eles também teriam o mesmo tempo para se reunir e levantar argumentos para defender o ponto de vista do grupo.

O júri foi formado por três alunas que atuaram como mediadoras no encontro anterior, Rafaela, Giba e Jana, eu as orientei que elas deveriam ouvir com imparcialidade os dois grupos e após a fala dos advogados, elas se reuniram e dariam o veredito final sobre o assunto.

O grupo 1 ficou formado com os seguintes alunos: Ma, Fer, Vitão, Tutu, Marcola, Gabã, K1, Lu, Blue, Nataly, Teltel, Mari, Ny, Kalil, Luquinha da massa, Rafa da baixada, Adevanildo, Felipe, Albino e Dicionário.

O grupo 2 ficou formado com os seguintes alunos: Pedro, Jack, Zanatta, K2, Amandinha do grau, Decario, Biro Biro, Dhiogão, Gabizela e Gabi.

Após os 15 minutos em que eles discutiram e levantaram argumentos, indaguei sobre quem seria os advogados do grupo e no grupo 1 a advogada seria a

Mari, já no grupo 2 o advogado seria o Decário. Solicitei para que todos fossem para a quadra para darmos início a nossa sessão do júri.

Ao chegarmos à quadra, organizei a turma em círculos para que todos pudessem se olhar durante o debate do júri, de um lado do círculo ficou o grupo 1 que defendia a separação de homens e mulheres durante a prática esportiva, e do outro lado ficou o grupo 2 que defenderia a tese de que é possível homens e mulheres jogarem juntos.

Então pedi silêncio para que a advogada Mari do grupo 1 iniciasse sua fala, a partir disso Mari se levantou e começou com o seu discurso: “A gente defende a tese de que deva ser separado o esporte entre homens e mulheres, porque mesmo que a mulher treinar nas mesmas condições e período do homem, ela não vai se igualar a ele, pois a naturalidade da mulher é diferente. O homem tem mais hormônios da testosterona e a mulher acaba sendo mais fraca por esse motivo, por exemplo, se pegar a Mi e o K1 para treinar o mesmo treino, com as mesmas condições, com a mesma alimentação, tudo da mesma forma, por mais que a Mi se esforce, o K1 vai se sair melhor no final de tudo” Após a fala da Mari o grupo dela aplaudiu e ela sentou em seu lugar, para dar lugar a fala do advogado do grupo 2, o Decário que relatou porque defende a participação mista nas práticas esportivas: “Nosso grupo discorda da fala da Mari porque eu vou dar um exemplo aqui, se a Mi treinar desde cedo com o K1, e tiver as mesmas oportunidades que ele teve desde criança, com certeza ela conseguiria jogar e competir em igualdade com ele depende muito da oportunidade que essa menina recebeu, se eles treinarem da mesma forma desde criança, nosso grupo acredita que ela possa jogar de igual para igual com os meninos”. Após a fala do Decário, Mari pediu a palavra para rebater: “Por mais que os dois tenham o mesmo treino juntos, da mesma forma, a força física do homem vai ser maior, por isso ele vai se sair melhor nos esportes”. Nesse momento intervi e disparei uma questão para eles refletirem: “Vocês não acham que os homens são mais reconhecidos nos esportes, porque desde o nascimento são incentivados à prática esportiva? Por exemplo, quando nasce bebê do sexo masculino, eles já recebem uma bola e uma roupinha de time de futebol, e as meninas recebem uma casinha ou boneca, isso é cultural, tá enraizado na nossa sociedade, vocês não acham que isso pode ser um dos principais motivos dessa desigualdade?”.

Após minha fala o Decário pediu a palavra e disse: “É isso mesmo que nós defendemos professor, se as meninas tivessem as mesmas oportunidades dos meninos para a prática esportiva. Elas iriam desempenhar tão bem quanto eles” Mari pediu a palavra e disse que o grupo discorda disso, pois os homens tem mais força e isso não tem haver com oportunidades e sim uma questão hormonal”. O integrante do grupo Dicionário solicitou a palavra e disse: “ Eu até concordo com o Decário, mas para isso teriam que treinar da mesma forma desde que nascessem”. A participante Gabizela pediu a palavra e disse: “Sim Dicionário, se todas tivessem a mesma oportunidade dos meninos, de praticar em escolinhas, de jogar na rua e treinassem da mesma forma que eles, elas poderiam praticar de igual para igual com os meninos” A participante Mari novamente solicitou a palavra e disse que: “ Murilo mas mesmo que os dois tenham o mesmo tipo de treino e treinassem juntos desde pequenos, o desenvolvimento físico do homem é maior que o de uma mulher, e ele iria se sair melhor em esportes que tem contato físico” Decário rebateu dizendo que “ a força física não é determinante nos esportes coletivos” A participante Lu então pediu a palavra e disse: “ O homem tem mais força, mais massa muscular e é

mais rápido que a mulher, portanto ele vai se sair melhor em qualquer atividade que use o corpo, mesmo a melhor treinando igual a ele”.

A Gabizela novamente pediu a palavra e disse: “Eu discordo de vocês, a força física não é essencial nos esportes, não adianta você ser alto, forte e não ter estratégia, não pensar para jogar” Então o participante Dhiogão me questionou se isso era apenas para o futebol, ou para todos os esportes, prontamente respondi que eles deveriam pensar essas questões para todos os esportes e não somente o futebol. Nesse momento intervi novamente e coloquei a seguinte questão para eles refletirem: “Os dois grupos estão muito bem nos seus pontos de vistas, a Mari quando fala da testosterona e da maior força física do homem, ela realmente tem razão, o homem por ter mais testosterona circulante, desenvolve mais massa muscular e força do que uma mulher, mas veja bem, o melhor jogador da Copa do Mundo de 2018, o croata Modric é baixo e leve, possuindo um corpo bem franzino, existe muita mulher que joga futebol, que é bem mais forte que ele, que se trombar nele, joga longe, vocês acham que a força física é essencial nos esportes coletivos?” “Após um silêncio geral, os alunos Rafa da baixada e Luquinha da massa, pediram a palavra e falaram: “A Marta acho que dá pra jogar com os homens sim Professor”, então questionei o porquê: “ Porque ela tem habilidade” Após algumas discussões entre os integrantes do grupo, alguns membros do grupo 1 concordaram que mulheres e homens poderiam jogar de forma mista os esportes coletivos, mas luta por exemplo não daria certo por causa da força física.

Após os dois grupos colocarem seus argumentos, iniciamos uma roda de conversa com o Júri e solicitei para elas pensarem qual grupo argumentou melhor, e elas foram unânimes em dizer que o Decário argumentou melhor, defendendo bem o ponto de vista do seu grupo. A participante Jana disse que: “A prática dos esportes de forma mista é muito relativa e que dependendo das regras poderiam sim ser disputados em condições de igualdade com homens e mulheres jogando juntos” Então a pesquisadora Maria questionou se elas achavam que só o aspecto físico era importante para a prática esportiva? Elas responderam que não, mas que os outros fatores como oportunidades, regras, aceitação da sociedade, também eram importantes para que os esportes pudessem ser praticados de forma mista. O grupo 2 se reuniu comigo e perguntou sobre o resultado do Júri e eles disseram que o outro grupo só se preocupou com o aspecto físico. Gabizela disse que: “Nos esportes principalmente coletivos, vale muito a tática, as estratégias, do que somente o físico, eu quando fazia natação, ganhava de muito menino muito mais forte do que eu, porque eu tinha uma técnica de nado diferente que me fazia chegar na frente deles nos treinamentos”

Então eu disse que os dois grupos argumentaram muito bem, que estão de parabéns pelo debate, expliquei que o Júri não é competição, que não tem o certo ou errado, que é para eles pensarem melhor sobre essas questões e para poderem ter criticidade na hora de argumentarem. O júri gostou dos dois grupos e analisou que o grupo 2 defendeu melhor o seu ponto de vista. Então questionei se o futebol de mulheres está em condições de igualdade com o futebol de homens, e eles foram unânimes em dizer que está longe ainda de igualar, pois a nossa sociedade é uma sociedade muito machista, e que ainda vai um determinado tempo para atingir a igualdade. Mari então pediu a palavra e disse: “Então professor se ainda está longe de igualar o futebol masculino e feminino, imagina então se tivesse futebol misto”. Mili pediu a palavra e disse: “então professor, nunca vamos saber se daria certo ou não, até tentarem criar uma categoria mista no futebol profissional” Após a discussão do júri os alunos solicitaram jogar queimada devido ao pouco

tempo que restava de aula e então solicitei para que realizassem a “queimada *callejera*” e foram criadas algumas regras no 1º tempo do jogo, como a mão e cabeça fria, e o cemitério livre para os dois times. Após a criação das regras, iniciaram o jogo e após 10 minutos retornaram para a sala de aula.

Diário VI – 6º encontro 03/05/2019

Participantes: Dhiogão, Fer, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, dicionário, Tutu, Giba, Gabizela, Luquinha da massa, Adevanildo, Decário

Visitante: Pesquisadora Maria

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni), Pesquisadora (Maria)

Total de alunos participantes: 27 (16 meninos e 11 meninas).

Pontualmente as 7h me encontrei com a Maria na portaria da escola e nos dirigimos para a sala do 9º ano B, no caminho Maria me disse que tinha poucos alunos na escola devido á greve do transporte público em Araraquara. Chegando na sala, realizei a chamada e 27 alunos estavam presentes, sendo 16 meninos e 11 meninas. Após a chamada eu disse que a primeira parte da aula seria na sala e posteriormente iríamos para a quadra para realizar nosso festival de Fútbol Callejero e Voleibol Callejero (modalidade sugerida pelos próprios alunos).

Iniciei a aula questionando sobre o que entendiam sobre protagonismo juvenil, apenas um aluno do 3º ano do Ensino Médio que foi incluído na turma devido ao baixo número de alunos da sala dele. Ele respondeu que são as ações do jovem na comunidade, tomar a frente das situações e ser o ator principal na comunidade em que estão envolvidos. Eu disse que era exatamente isso, que o protagonismo juvenil é a participação do jovem em atividades em diversos espaços, atuando com autonomia no contexto em que está inserido. Após definir o que é protagonismo juvenil, eu argumentei dizendo que desenvolver o protagonismo juvenil é um dos principais objetivos do *Fútbol Callejero* (FC) e contei sobre a origem do FC, sobre a participação dos jovens que foram fundamentais naquele contexto em que surgiu o FC na Argentina.

Após explicar sobre o protagonismo juvenil, eu questionei sobre como eles poderiam ser protagonistas no ambiente escolar e a turma foi unanime em dizer que é através do Grêmio estudantil. Então aproveitei o assunto e sugeri que eles como pioneiros na prática do FC na escola aproveitem desse protagonismo propiciado pela prática da metodologia e pensassem para o próximo ano em montar uma chapa para concorrer as eleições do Grêmio, houve um pequeno tumulto e a turma gostou da ideia e prometeram se empenhar para isso acontecer. Questionei também sobre como eles poderiam exercer o protagonismo para mudar a sociedade em que vivem, e o aluno Zanatta solicitou a palavra e disse: “É através do voto professor, somente através do voto poderemos mudar nossa realidade”. Eu concordei com ele e disse que o voto também é importante para mudar a realidade deles, e continuei com os questionamentos sobre o poder político da população em busca de melhorias para o bairro e para a comunidade deles. Após algumas discussões sobre o que falta em opções de lazer no bairro em que moram, eu disse

que na aula de hoje eles exerceriam esse protagonismo e que iriam organizar o festival que iriam vivenciar nos próximos dois encontros, sugeri que montassem equipes equilibradas, que organizassem a tabela e definissem quem seriam os mediadores no festival. Após um pequeno tumulto e várias sugestões, orientei que fossemos até a quadra para poder organizar melhor os times e as ações que seriam realizadas no festival.

Chegando á quadra, os alunos tiveram um pouco de dificuldade em organizar os times que disputariam o festival, novamente tive que intervir e reforçar que as equipes deveriam ser equilibradas, que eles alternariam os jogos entre futsal e voleibol e que as pontuações seriam realizadas ao final de cada jogo. Após uma rápida discussão entre todos, os alunos Lú, K2, Gabã e Vitão se propuseram a escolher os times. A mediação dos jogos seria feita por Jana, Rafaela, Teltel e Letícia.

A equipe 1 ficou formada por: Lú, K1, Fer, Mari e Dhiogão. A equipe 2 ficou formada por: K2, Tutu, Luquinha da massa, Biro Biro, Decário e Stuchi. A equipe 3 ficou formada por: Gabã, Felipe, Zanatta, Giba, Dicionário e Má. E por fim a equipe 4 ficou formada por: Vitão, Adevanildo, Rafa da baixada, Gabizela, Pedro e Jack.

Após roda de conversa com os responsáveis pela escolha dos times, a tabela ficou pronta e jogariam equipe 1x 4 e equipe 2 x3, a mediação do primeiro jogo seria realizada por Jana e Rafaela e a mediação do segundo jogo por Letícia e Teltel.

Iniciamos o primeiro tempo do jogo de Futsal e algumas regras já vistas anteriormente foram propostas, como lateral com os pés e mãos, saída de bola da quina do escanteio e também o gol das meninas valer o dobro. Sobre essa regra do gol de menina valer mais, questionei os alunos sobre o porquê dessa regra e os mesmos falaram que as meninas tinham menos oportunidades de gols. Então o participante Pedro pediu a palavra e disse: “Não tenho habilidade no futebol e tenho poucas chances de gol, meu gol também deve valer o dobro”. Todos ficaram pensativos por um instante e a mediadora Rafaela pediu a palavra e disse: “O nosso gol valer o dobro é uma ofensa para nós, pois estão taxando as meninas como mais fracas” Após as reflexões e discussões a regra foi retirada do jogo em comum acordo entre todos.

O segundo tempo do jogo ocorreu de forma cooperativa e amigável, não existia mais o clima de competição e rivalidade das aulas iniciais, importante destacar a mudança de atitude de alguns alunos que ficou muito perceptível, caso do aluno Rafa da baixada, que se mostrava mais solidário com os colegas, jogando de forma coletiva e respeitosa, fato que não ocorria em aulas anteriores ao projeto. Adevanildo foi outro que apresentou mudanças significativas em seu comportamento, diferentemente do primeiro jogo no início do projeto, no qual xingava e não passava a bola para os companheiros, desta vez se mostrava cooperativo e tolerante com os erros dos companheiros de equipe. Vale destacar também a trombada entre Vitão e Dhiogão, ambos tiveram conflitos no início do projeto, e dessa vez se desculparam, ambos se ajudaram a levantar e seguiram abraçados para a continuidade do jogo.

O placar do segundo tempo foi 2x1 para a equipe 4, e após o término do tempo combinado, realizamos uma roda de conversa para fazer o terceiro tempo e pontuar os pilares. Sobre o placar do jogo a equipe 4 por vencer a partida ganhou 1 ponto. Questionei sobre o respeito, se houve respeito as regras e respeito entre todos e ambos concordaram que as duas equipes mereciam o ponto de respeito,

pois seguiram as regras combinadas e não houve desentendimentos entre os participantes. Sobre o pilar cooperação, todos afirmaram que participaram ativamente do jogo e que ambos mereciam o ponto de cooperação. Em relação ao pilar solidariedade não houve lances que envolvessem esse pilar, apenas a trombada não intencional entre Dhiogão e Vitão, em que ambos se ajudaram e se desculparam, portanto as duas equipes pontuaram em solidariedade, e o final dessa partida ficou 4x3 para a equipe 4. Após o terceiro tempo solicitei que aguardassem o outro jogo, para depois retornarem e jogarem a partida de voleibol.

As outras duas equipes que aguardavam, entraram na quadra e iniciamos o primeiro tempo da segunda partida, e as principais regras sugeridas foram: seria permitido recuar para o goleiro, o lateral seria com o pé e mão e novamente á regra do gol de menina valer o dobro, então como fiz anteriormente questionei o porquê dessa regra e o participante Gabã respondeu prontamente que era porque tinha menos meninas em quadra, e eu questionei que temos quase o mesmo número de meninas na quadra e para eles refletirem se os meninos que tinham menos afinidade com o futebol também não teriam direito a essa regra. Todos ficaram pensativos por um instante e das meninas que estavam no jogo apenas a participante Ma disse que não concordava com o gol de menina valer dobrado, porque todos deviam ter direitos iguais. As demais meninas continuavam a defender a regra e que o gol delas devia valer dois porque para elas era mais difícil fazer gols, pois os meninos chutavam mais forte e tinham mais facilidade. Decário pediu a palavra e disse que também queria essa regra para ele: “Eu também não chuto forte então essa regra do gol valer dobrado pode servir para mim também” K2 endossou as palavras do colega e disse que esse motivo para o gol valer dobrado não basta, e disse: “Eu também chuto muito mal, então meu gol também deve valer o dobro”. Após breve discussão todos chegaram em um acordo e o gol das meninas, do Decário, e Zanatta também valeriam dobrado, então as regras foram registradas pelas mediadoras (Leticia e Teltel) e demos inicio ao segundo tempo do jogo. O jogo prosseguiu de forma amigável e com alguns lances que protagonizavam ações de solidariedade, como o tombo da Gabizela, que foi prontamente auxiliada pelos colegas adversários e da própria equipe, também destaco a entrada de Felipe em Tutu, que gerou um pequeno conflito que ambos resolveram conversando e se desculparam um com o outro. O jogo prosseguiu e a equipe 2 venceu por dois a zero com dois gols de Luquinha da massa. Ao término do segundo tempo, iniciamos a roda de conversa do terceiro tempo para somar as pontuações e destacamos que no pilar respeito as duas equipes pontuaram, estando todos de comum acordo, sobre o pilar cooperação a equipe 3 obteve a pontuação estando todos de comum acordo, em relação a equipe 2, o Decário disse que a equipe dele não merecia o ponto de cooperação pois ninguém da equipe tocava a bola para ele. K2 então pediu a palavra e justificou dizendo: “Tocávamos sim professor, é que tinha lances que não dava para voltar a bola, ou passar para ele” Gabã que era da equipe adversária solicitou a palavra e disse: “ Eu acho que eles não merecem o ponto, pois o próprio jogador da equipe está dizendo que não tocavam a bola para ele” Luquinha da massa então disse: “Tocamos sim, é que em muitas bolas ele não chegava” K2 também complementou dizendo: O Decário joga muito melhor que eu, e eu recebia as bolas normalmente, o que acontece é que ele não chegava na bola e estava muitas vezes marcado” Decário por sua vez pediu novamente a palavra e disse que estava saindo insatisfeito do jogo, pois recebeu poucas bolas. Após a discussão não chegar a um consenso as mediadoras deram a palavra e disseram que a equipe 3 realmente rodou mais a bola e na visão delas foi mais cooperativa que a outra

equipe, após as discussões não chegarem a um consenso, realizamos uma breve votação e a maioria disse que a equipe 2 não merecia o ponto de cooperação, portanto o jogo ficou empatado e o pilar solidariedade que iria decidir o placar final. As duas equipes se mostraram solidárias durante o jogo e as mediadoras não tiveram dificuldade em pontuar as duas equipes. Então eu disse que o jogo terminou empatado e que eles descansariam um pouco e voltariam em instantes para a partida de voleibol.

Após a saída das duas equipes, as equipes que estavam aguardando já estavam se reunindo para fazer o primeiro tempo da partida de voleibol, e algumas regras foram sendo criadas, e a primeira regra criada foi que o saque poderia ser arremessado, e que o rodizio deveria ser obrigatório para todos terem oportunidades de sacar. Iniciamos o segundo tempo do jogo e vale destacar vários lances relacionados aos três pilares, como a ajuda da equipe adversária orientando a Gabizela a realizar o saque por baixo, outro fato que merece destaque é que após o erro de alguns colegas, não existia mais ofensas e nem reclamações, fato esse que era muito comum antes do início do projeto. Outro fato que merece destaque é que após o erro de alguns colegas, não existia mais ofensas e nem reclamações, fato esse que era muito comum no início das intervenções e em aulas anteriores à experiência. Outro lance de destaque foi a cortada de Dhiogão que atingiu de mau jeito a mão de Pedro, o próprio Dhiogão se ausentou do jogo por iniciativa própria e foi buscar o gelo para dar ao colega. Outro ponto positivo observado foi a equipe 4 que aguardou pacientemente o Dhiogão voltar com o gelo para dar continuidade ao jogo. Esse fato nunca acontecia em aulas anteriores à pesquisa. Fiz um comentário com a pesquisadora MC que eles estavam visivelmente mais tolerantes, compreensivos e solidários com os colegas, fato também observado pela pesquisadora MC. A equipe 3 foi muito solidária com a colega da equipe adversária Stuchi que apresentava dificuldades em realizar o saque e foi auxiliada por alguns integrantes da outra equipe a realizar o saque da melhor maneira possível, voltando por várias vezes até obter êxito. Comentei com a pesquisadora Maria que eles estavam visivelmente mais tolerantes, compreensivos e solidários com os colegas, fato também observado pela pesquisadora Maria. O jogo prosseguiu sem maiores problemas e a equipe 1 venceu o jogo com certa facilidade, então nos reunimos para realizar o terceiro tempo e as pontuações.

Iniciei o terceiro tempo dizendo que a equipe 1 venceu a partida por 10x 6 e ficou com um ponto por ter feito mais pontos. Sobre o pilar respeito, a mediadora não teve dificuldade em pontuar as duas equipes e todos de comum acordo afirmaram que houve respeito as regras e as colegas. Sobre a cooperação também não houve dificuldades em pontuar e todos participaram ativamente da partida e puderam sacar utilizando o sistema de rodizio. Em relação a solidariedade, ficou claro que no voleibol acontecem mais lances que se relacionam com esse pilar, como a ajuda aos colegas com dificuldades em sacar, a tolerância em relação aos erros dos colegas e também a solidariedade com quem leva alguma bolada. Todos concordaram que ambos foram solidários e a partida finalizou em quatro a três para a equipe 1.

As duas equipes solicitaram a bola de futsal para jogarem do lado de fora da quadra enquanto ocorria o segundo jogo de voleibol, e eu autorizei a inspetora de alunos a entregar a bola para eles jogarem do lado de fora da quadra. Feito isso, iniciamos o primeiro tempo do segundo jogo, e algumas regras novas foram propostas como a pessoa poder segurar a bola que viesse de alguma cortada ou de algum saque por cima, essa regra foi proposta por Gabã e o mesmo quando

questionado sobre o motivo de sugerir essa regra foi que: “É mais fácil para a pessoa que está aprendendo a jogar, pois assim ela se sente mais segura para participar”. O saque também poderia ser realizado segurando e arremessando a bola, e por último que a equipe deveria dar no mínimo dois toques antes de passar a bola para a quadra adversária. Prontamente as mediadoras registram as regras e leram em voz alta para todos se atentarem e iniciamos o segundo tempo do jogo. O jogo ocorreu da mesma forma que o primeiro e as equipes se mostravam solidárias e tolerantes com os colegas e adversários, as regras foram obedecidas e essa partida foi muito disputada e a equipe 3 venceu por doze a dez. Ao término da partida realizamos uma roda de conversa e iniciamos o terceiro tempo e as pontuações.

Iniciei a roda dizendo que a equipe 3 venceu a partida e ganhou um ponto por isso, mas reforcei que a equipe 2 ainda poderia reverter através da argumentação na pontuação dos pilares. Iniciamos com o pilar respeito, e todos concordaram que as regras foram obedecidas sem maiores problemas. Sobre a cooperação a equipe 2 afirmou que todos cooperaram e que mereciam o ponto. Já a equipe 3 também afirmou que merecia o ponto, mas foi prontamente questionada por Decário que disse que na outra equipe teve aluno que não sacou, ficando o saque monopolizado por Giba e Felipe, e que Zanatta por vezes ficou sem sacar quando chegava a vez dele. As mediadoras observaram tal fato e apenas a equipe 2 ficou com o ponto de cooperação, portanto o jogo estava empatado em dois a dois e o pilar solidariedade novamente iria decidir a partida. A equipe 3 disse que foi muito solidária e inclusive auxiliava a Stuchi a realizar o saque da melhor maneira e por vezes mandava voltar o saque quando a mesma não conseguia passar da rede, as mediadoras observaram tal fato e todos estavam de acordo, portanto a equipe 3 conseguiu o ponto de solidariedade. Já a equipe 2 disse que também merecia o ponto, mas foi questionada pela mediadora Leticia e também pela pesquisadora Maria em um lance que o k2 atirou a bola propositalmente contra o colega que falhou na jogada. A própria equipe concordou que faltou solidariedade ao k2 com o colega menos habilidoso, e que a equipe 2 não merecia o ponto de solidariedade. Portanto a equipe 3 venceu a partida os alunos foram liberados para tomar água e retornar a sala.

Um fato muito importante merece ser destacado e observado por mim e pela pesquisadora Maria, foi o jogo de futebol caixote realizado do lado de fora da quadra, no qual notamos a presença de 3 meninas no jogo e também duas delas que escolheram os times. Esse fato merece ser destacado pois nunca aconteceu nas aulas anteriores ao projeto, onde o futebol caixote do lado de fora da quadra era um espaço totalmente monopolizado pelos meninos.

Vale destacar também a presença da turma nos jogos interclasses de queimada no dia 26/04 em que a presença da sala foi maciça e todas as meninas e meninos presentes jogaram juntos, além da forma cooperativa que jogaram onde os meninos que melhor arremessavam cediam a bola gentilmente para as meninas poderem ter a oportunidade de arremessar também. O comportamento da turma ao longo da intervenção apresentou mudanças significativas principalmente em relação a tolerância e solidariedade com os colegas, fato comentado por outros professores na sala de reunião.

Diário VII – 7º encontro 10/05/2019

Participantes: Dhiogão, Fer, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Vitão, Gabã, Teltel, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, dicionário, Tutu, Giba, Gabizela, Luquinha da massa, Decário, Ny, Nataly, Gabi, Stuchi, Thatá, Albino, Milli e Amandinha do grau

Visitante: Pesquisadora Maria

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni), Pesquisadora (Maria)

Total de alunos participantes: 27 (16 meninos e 18 meninas).

Pontualmente às 7h a pesquisadora Maria já me esperava na portaria da escola e seguimos em direção a sala de aula do 9ºB, chegando na sala fui recebido com palmas e comemoração, fato esse que mostra que os alunos estão gostando das aulas, realizei a chamada e estavam presentes 34 alunos, sendo 18 meninas e 16 meninos. Informei que hoje seria nosso penúltimo encontro e daríamos sequência aos jogos do festival, mas que teríamos que nos organizar novamente pois havia alunos que não estavam na aula passada e estavam sem time. A aluna Lu solicitou a palavra e sugeriu que fizéssemos cinco times com seis alunos e quatro seriam mediadores, a turma gostou da ideia e solicitaram jogar o voleibol *callejero* e também a queimada *callejera*.

Pude perceber que após a turma se apropriar da metodologia eles estão levando as ideias da metodologia para outras modalidades coletivas, e também para variar a prática, pois estão a praticamente 12 aulas seguidas jogando futebol. Após eu avisar que os jogos seriam de Voleibol e Queimada na metodologia Callejera, solicitei aos alunos para que fossem para a quadra para iniciar a escolha dos times.

Chegando a quadra iniciei a montagem da rede de voleibol com a ajuda do Zanatta e solicitei as quatro mediadoras (Rafaela, Jana, Leticia e Thatá) que anotassem a formação dos times. 5 alunos se prontificaram a realizar a escolha dos times, foram eles: Lú, Gabã, Giba, K2 e Vitão. Vale ressaltar novamente a presença das meninas na escolha das equipes, fato que raramente ocorria nas aulas anteriores ao projeto.

Os times ficaram assim divididos: Time 1 (Lu, Mari, Fer, Tutu e Biro Biro), time 2 (Gabã, Gabizela, Decário, Ma e Luquinha da massa), time 3 (Giba, Dicionário, Zanatta, Rafa da baixada e Pedro), time 4 (K2, Milli, Amandinha do grau, Felipe e Jack), time 5 (Vitão, K1, Dhiogão, Stuchi e Albino). Vale destacar que duas alunas se recusaram a participar, foram elas Ny e Gabi, questionadas sobre o motivo da não participação, Gabi alegou que não estava se sentindo bem, devido aos remédios controlados que toma, e Ny alegou estar sem paciência para jogar.

Após a escolha dos times iniciamos o primeiro tempo do 1º jogo algumas regras foram criadas e anotadas pelas mediadoras, a principal delas que merece destaque é o saque ser realizado lançando a bola, questionados sobre o motivo dessa regra, os alunos foram unânimes em afirmar que facilitaria para quem não tivesse habilidade para sacar. Também ficou combinado que o rodizio era obrigatório e que o jogo terminaria em 12 pontos. O primeiro jogo foi o time 1 e o time 5. O time 5 venceu por 12x10 e o jogo ocorreu sem maiores problemas, merece

destaque a atitude solidária por parte da equipe 5, que ajudava a colega da outra equipe a sacar e por vezes propôs voltar o saque para que a bola pudesse entrar em jogo. Esse fato demonstra claramente que a competitividade exagerada que era uma característica dessa turma antes da pesquisa, já está sendo diminuída e acarretando atitudes solidária e cooperativa por parte da sala. Iniciamos então o terceiro tempo e a equipe 5 ficou com um ponto por vencer a partida, sobre o pilar respeito as regras, ambos concordaram que as duas equipes mereciam o ponto, apesar de uma pequena confusão na contagem dos pontos, mas que foi resolvida pela mediadora Rafaela.

Portanto as duas equipes pontuaram no pilar respeito, sobre o pilar cooperação também ambos concordaram que houve cooperação por parte das duas equipes e todos participaram ativamente do jogo. E para finalizar questioneei sobre o pilar solidariedade, os participantes disseram que não houve lances em que foi necessário agir com solidariedade, apenas destaquei que foi positiva a atitude da equipe 5 que foi solidária e cooperativa com a Mari que não acertava o saque e por várias vezes ela foi orientada pelo Dhiogão e pelo K1 a realizar o saque da melhor forma possível e também pela tolerância de toda equipe em aceitar que a mesma voltasse o saque após uma tentativa frustrada. Então falei que o placar ficou 4x3 para a equipe 5 e que eles aguardassem para iniciarmos o próximo jogo.

Iniciamos o segundo jogo do dia com as equipes 3 e 4, e o primeiro tempo foi mais rápido que o normal, pois eles disseram para manter as regras do primeiro jogo. Vale destacar a regra proposta pelo Gabã, que solicitou que pudesse dar dois toques antes de passar a bola, mas a mesma foi rechaçada pelos restantes dos participantes. Reforcei que os três pilares (respeito, solidariedade e cooperação) estariam sendo analisados pelas mediadoras, todos concordaram acenando positivamente e demos início ao segundo tempo do jogo. O time 3 venceu a partida de forma tranquila por 12x5, portanto o time 3 ganhou um ponto por vencer a partida. Então a mediadora questionou sobre o respeito e ambos concordaram que houve respeito às regras por ambas as equipes, ficando com um ponto cada equipe. Já no pilar cooperação as mediadoras apontaram que não houve cooperação na equipe 3, pois o Dhiogão que jogou emprestado, tomava a frente de todas as bolas e muitas vezes passava a bola de primeira sem tocar para os colegas, esse fato foi confirmado também pela Fer e Ny que observaram a partida atentamente. Todos estavam de acordo e apenas a equipe 4 pontuou no pilar cooperação. Em relação ao pilar solidariedade, as duas equipes foram solidárias, vale destacar o pedido de desculpas do K2 para o Decário após acertar uma bolada em seu rosto e também a tolerância e apoio do equipe 3 ao Zanatta que por várias vezes falhava em alguns lances e mesmo assim era motivado e acolhido pelos colegas, esse também é um fato que demonstra a mudança de comportamento da turma em relação as aulas anteriores ao projeto, no qual qualquer falha em algum lance gerava uma série de críticas e ofensas aos colegas. Após o diálogo a partida terminou empatada em 3x3 e reforcei que não precisaríamos desempatar, pois a vitória ou derrota não é o objetivo do nosso festival, todos aplaudiram e foram autorizados a tomar água.

E o ultimo jogo de voleibol do dia, foi entre a equipe 1 e equipe 2, todos estavam preocupados com o tempo, pois ainda queriam jogar queimada, então iniciamos o primeiro tempo e a mediadora Thatá lembrou as regras já estipuladas nos jogos anteriores e leu em voz alta para todos os participantes. O jogo ocorreu de forma tranquila e amistosa e a equipe 1 venceu por 12x8, portanto a equipe 1 ganhou um ponto por vencer a partida. As mediadoras então deram início ao diálogo, no terceiro tempo do jogo e sobre o pilar respeito ambas as equipes

mereceram o ponto, pois as regras, os companheiros e os adversários foram respeitados. Em relação ao pilar cooperação todos acenaram positivamente que jogaram de forma cooperativa, e que ambos mereciam pontuar nesse pilar. E para finalizar sobre o pilar solidariedade a participante Lú afirmou que não houve solidariedade por parte do participante Luquinha da massa, pois por várias vezes o mesmo conduzia a bola e ela questionava dizendo que isso que ele estava fazendo não valia, pois era condução de bola. Luquinha da massa então respondia: “Não tem profissional aqui Lú, eu só sei jogar dessa forma” Então as mediadoras questionaram o grupo sobre esse fato, se isso era faltar com solidariedade ao colega e a maioria do grupo falou que esse fato não representava solidariedade, pois estava mais relacionado com o respeito as regras e que na próxima partida eles combinassem desde o início sobre conduzir ou não a bola.

Após esse diálogo as mediadoras então pontuaram as duas equipes no pilar solidariedade e a equipe 1 venceu pelo placar de 4x3. Todos aplaudiram e já desmontaram a rede para darmos início ao jogo de queimada *callejera*.

Um fato importante que merece destaque é que enquanto eram disputados os jogos de voleibol na quadra, do lado de fora em um espaço de gol caixote ocorria o *Fútbol Callejero* e o que pudemos observar, tanto eu, quanto a pesquisadora MC, foi a presença cada vez maior das meninas nesse espaço de jogo, que anteriormente ao projeto, era um espaço totalmente monopolizado pelos meninos. Hoje pudemos notar que as alunas Milli e Má tomaram a iniciativa de escolher os times, lideravam com autonomia a roda de conversa realizada no primeiro tempo do jogo e argumentavam com propriedade no terceiro tempo. Além delas, participaram desse *Fútbol Callejero* fora do espaço da quadra, as alunas Amandinha do Grau, Giba, Mari e Fer. Esse fato me chamou bastante à atenção, pois nunca houve a presença de meninas nesse espaço nas aulas anteriores ao projeto.

Iniciamos a queimada e os times foram divididos pelos participantes Lu e Gabã e as principais regras sugeridas no primeiro tempo do jogo foram: mão e cabeça fria, e que não poderia trocar a vida com ninguém da equipe. Percebi que pelo pouco tempo que restava eles não quiseram estipular muitas regras para não perder tempo de jogo. O segundo tempo do jogo ocorreu de forma dinâmica e cooperativa, no qual observei por várias vezes o participante Gabã que possui muita habilidade nos arremessos ceder a bola gentilmente para os colegas menos habilidosos. Outro fato que merece destaque protagonizado pelo mesmo aluno, foi em um lance que o Pedro caiu e ele mesmo tendo a oportunidade de queima-lo, esperou o amigo se levantar e se recuperar, não queimando o colega. Comentei com a Maria sobre a mudança de comportamento desse aluno, que demonstrava claramente mais cooperação e tolerância com os colegas, Maria também percebeu mudança nas atitudes de Gabã e no início da aula o mesmo foi elogiado pela coordenadora da escola, e que estava gostando do comportamento dele nesse início de ano. O segundo tempo do jogo procedeu de forma tranquila e amistosa e precisei interromper antes da partida acabar em virtude do tempo. Iniciamos o terceiro tempo e os três pilares foram pontuados por ambas as equipes. Após uma salva de palmas e a equipe do Gabã vencer por um ponto, solicitei que todos retornassem para a sala de aula.

Após os alunos voltarem para a sala de aula iniciei uma roda de conversa com as quatro alunas que atuaram como mediadoras no dia de hoje, então questionei elas sobre o motivo delas atuarem como mediadoras, Rafaela então respondeu: “Eu não gosto muito de jogar professor, e ser mediadora é uma forma de

participar ativamente do jogo, me sinto importante na aula”, Jana então respondeu: “Eu também professor, eu gosto de jogar, mas hoje não queria porque não estou bem, e sendo mediadora eu participo do jogo também”.

Questionei também sobre a maior dificuldade de ser mediadora, e a Jana respondeu: “Eu acho que a maior dificuldade é convencer os alunos sobre o que observamos no jogo, alguns não concordam e isso é difícil contornar”. Rafaela então disse: “O mais difícil é agradar os dois times professor”

Também questionei as mudanças observadas em relação ao Futebol praticado no início da experiência e agora com a prática do *Fútbol Callejero*, Rafaela então disse: “Eles cooperam mais professor, tem mais respeito entre todos”, a participante Thatá também pediu a palavra e disse: “Jogar dessa forma é mais organizado professor, todos podem opinar e todos têm mais oportunidades de jogar” Jana então respondeu: “Com o futebol tradicional só os meninos jogavam.” “Com o *Fútbol Callejero* as meninas podem jogar de igual para igual”.

A participante Thatá disse: “Ano passado quando nós jogávamos futebol, o Felipe e o Gabã não tocavam para ninguém, xingavam e brigavam com quem errava” Rafaela então complementou: “Hoje eles são outros, tocam a bola e respeitam mais os colegas”. A pesquisadora Maria então fez uma pergunta: “ E vocês vendo essas mudanças, não se arriscariam a jogar?” Todas foram unânimes em dizer que sim e Thatá completou: “Eu gosto de jogar, sempre jogo, mas hoje não estava bem e preferi ser mediadora”. Então agradei os depoimentos e solicitei que retornassem a quadra.

Importante destacar que as duas garotas que não participaram do voleibol (Gabi e Ny) participaram normalmente da queimada, além das quatro mediadoras que também participaram normalmente da queimada *callejera*.

Diário VIII – 8º encontro 17/05/2019

Participantes: Dhiogão, Fer, Má, Jana, Rafaela, Lu, Zanatta, Biro Biro, Pedro, Jack, Mari, Felipe, Leticia, Vitão, Gabã, K1, Kalil, K2, Rafa da baixada, Dicionário, Tutu, Giba, Gabizela, Luquinha da massa, Decário, Gabi, Stuchi, Thatá, Albino, Milli, Amandinha do grau, Marcola, Adevanildo.

Visitante: Pesquisadora Maria

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni), Pesquisadora (Maria)

Total de alunos participantes: 33 (19 meninos e 14 meninas).

O relógio marcava 6h55 e a pesquisadora Maria me aguardava na portaria da escola para nosso ultimo encontro de duas aulas. Seguimos para a sala do 9º ano B e a turma estava mais tranquila que nos encontros anteriores, realizei a chamada e 33 alunos estavam presentes, sendo 19 meninos e 14 meninas. Iniciei a aula falando que hoje seria o ultimo dia da pesquisa, agradei a participação deles e que assim que o trabalho estivesse pronto eu levaria para a turma ver. Solicitei como lição de casa e como trabalho de conclusão da unidade didática, uma redação com o seguinte tema: “Quais as mudanças na visão deles sobre o futebol e na forma de prática lo e também quais as diferenças entre o futebol tradicional e o *Fútbol Callejero*”.

Feito isso, eu disse para os alunos me entregarem na próxima semana e expliquei que hoje iríamos continuar com os jogos de voleibol do festival que havíamos iniciado na semana passada. Fiz uma breve recapitulação dos times na lousa e encaixamos os alunos que não estavam presentes no encontro anterior nos times que já estavam formados. Registrei também os jogos que já haviam sido realizados e os jogos que seriam realizados hoje de acordo com a tabela.

Então partimos para a quadra para darmos início aos jogos de voleibol *callejero*, enquanto eu fui montar a rede com a ajuda da Lu, os alunos realizaram um aquecimento em círculo no qual cada passe que faziam com os fundamentos do voleibol, eles falavam uma letra e quem deixasse a bola cair deveria fugir para não ser queimado e falar o nome de uma cidade, estado ou país. Observamos que os alunos se empolgaram bastante com essa atividade.

Após a montagem da rede e esse breve aquecimento, solicitei que as equipes 3 e 2 viessem para a quadra para darmos início ao primeiro tempo do jogo. Nesse momento para ganharmos tempo, realizamos o primeiro tempo do jogo com todos presentes e as regras foram as mesmas da semana passada, como poder lançar a bola no saque, o término em 12 pontos, a única diferença em relação aos jogos do encontro anterior foi a não obrigatoriedade do rodízio, regra proposta por Giba e Gabã e aceita de comum acordo por todos. Então iniciamos o segundo tempo do jogo e o mesmo prosseguiu de forma harmônica e respeitosa entre todos, não existia o clima de rivalidade e competitividade exagerada, tão presente nas aulas anteriores ao projeto e após a disputa a equipe 3 venceu por 12x8. As mediadoras foram as mesmas do encontro anterior e a Rafaela comandou a roda de conversa no terceiro tempo e não teve dificuldade para realizar a pontuação nos três pilares, sendo assim a equipe 3 venceu o jogo por 4x3. O time 3 então com a segunda vitória estava na final do festival.

Então chamei as equipes 4 e 5 para iniciarmos o segundo jogo do dia, como as regras já foram combinadas por todos no primeiro tempo, a mediadora Leticia apenas leu em voz alta para relembrá-los e então já iniciamos o segundo tempo do jogo. Vale destacar nesse jogo alguns lances que mostraram a mudança de comportamento de alguns alunos, como K1 que demonstrava muito mais tolerância com os colegas que falhavam e também Dhiogão que procurava jogar de forma cooperativa, evitando decidir o jogo sozinho, como acontecia no ano passado. A partida prosseguiu de forma tranquila, e Jack que no início da aula não quis participar do aquecimento, já estava mais a vontade na partida de Voleibol. Jack é um aluno com deficiência intelectual e bastante introvertido, mas percebemos que a turma no decorrer do projeto estava mais solidária com ele, buscando incluí-lo da melhor forma em todas as atividades, ele contava com a ajuda de vários colegas, principalmente Gabã, K1, K2, que nos anos anteriores pouco se aproximavam do colega.

A partida terminou 12x9 para a equipe 5 e a mediadora Leticia conduziu o terceiro tempo e pontuou tranquilamente as duas equipes em todos os pilares, sendo assim o jogo terminou em 4x3 para a equipe 5.

Então avisei que agora seria a partida entre as equipes 1 e 5 e quem ganhasse jogaria com a equipe 3 afinal. Com as duas equipes em quadra as mediadoras Rafaela e Leticia relembraram as regras e demos início ao segundo tempo do jogo. O jogo prosseguiu sem maiores problemas ou lances que merecessem destaque, vale destacar como um lance de solidariedade a cortada de Dhiogão que acertou de mau jeito Tutu, e o mesmo foi repreendido pelos colegas de equipe, Dhiogão pediu desculpas para o colega e se prontificou a ir buscar gelo para

o Tutu. O placar terminou em 12x10 para a equipe 1 e as mediadoras já organizaram a roda de conversa do terceiro tempo para realizar a pontuação final. Sem problemas no decorrer do jogo, as duas equipes pontuaram nos três pilares e o placar final do jogo ficou 4x3 para a equipe 1, portanto o jogo final do festival de voleibol seria a equipe 1 e equipe 3.

Iniciamos o jogo final com as mediadoras lembrando as regras e perguntando se alguém queria propor alguma regra nova, todos concordaram em manter o que já havia sido estabelecido e nenhuma nova regra foi criada. Então iniciamos o segundo tempo do jogo e alguns fatos merecem destaque, como a troca feita por Giba, que trocou o Dicionário de equipe, sem o consentimento dele, percebe-se com essa atitude que ela queria fortalecer a equipe dela, mas Lu imediatamente questionou essa situação e Gabã de imediato desfez a troca e disse que não era justo trocar o Dicionário bem no jogo final e que não se importava se fosse ganhar ou perder, o jogo ocorreu sem maiores problemas e Gabã que tinha um saque muito bom, várias vezes oferecia a bola para os colegas sacarem e se mostrava muito tolerante com os erros dos colegas, fato que raramente ocorria em aulas anteriores ao projeto, pois o aluno era muito competitivo, o jogo prosseguiu e teve uma parada para a Giba colocar a joelheira porque durante uma jogada em que mergulhou para buscar a bola, a sua calça rasgou nos dois joelhos, então gentilmente a equipe adversária aguardou a colega colocar a joelheira para retomar o jogo. O jogo estava muito disputado e Dicionário que não sacava muito bem solicitou duas vezes para realizar o saque e Giba que estava no saque cedeu gentilmente a vez para Dicionário, esse fato me chamou a atenção, pois em aulas anteriores dificilmente iria acontecer, pois a competitividade prevalecia e os alunos menos habilidosos jamais teriam oportunidades de realizar o saque. A partida terminou em 12x10 para a equipe 3, e as três mediadoras organizaram a roda de conversa do terceiro tempo para pontuar as duas equipes. Antes de iniciar a pontuação, questionei Giba sobre sua atitude de trocar Dicionário de equipe, sem o consentimento dele e que ela deveria refletir sobre isso e qual o sentimento ela teria se fosse com ela a situação. Feito isso as mediadoras conduziram a roda de conversa e as duas equipes receberam os pontos nos três pilares, Lú então questionou a situação envolvendo Giba e Dicionário, mas as mediadoras apontaram que o Gabã contornou a situação antes do jogo iniciar e que portando a equipe 3 não perderia ponto nos três pilares. Sendo assim o placar final ficou 4x3 para a equipe 3 que saiu vitoriosa em nosso festival de Voleibol *Callejero*.

Importante destacar que paralelamente aos jogos de voleibol na quadra, ocorria em outro espaço os jogos de *Fútbol Callejero*, em que meninos e meninas jogavam em conjunto uma partida de futebol caixote. Fato que raramente acontecia em aulas anteriores ao projeto, pois ali era um espaço totalmente monopolizado pelos meninos. Uma regra criada por eles e que merece destaque é que o autor de um gol recebia um montinho, ou seja, quem fizesse o gol receberia um abraço de todos os colegas, que pulavam em cima do autor do gol, mostrando os laços de amizade estreitados com a prática do *Fútbol Callejero*.

Após o término do jogo final do festival de voleibol, chamei toda a turma para o centro da quadra e iniciamos a roda final de conversa sobre tudo que ocorreu nessas 16 aulas.

Com toda turma reunida no centro de quadra, iniciamos nossa roda de conversa final sobre a unidade didática e primeiramente reforcei para levantar a mão quem fosse falar e que falasse um por vez para poder compreender melhor o áudio do vídeo. Primeiramente agradei a participação de todos ao longo dessas 16 aulas

com o *Fútbol Callejero*, que depois transformou em voleibol *callejero* e queimada *callejera*, mostrando que a turma se apropriou da metodologia e transferiu a mesma para outras modalidades.

Reforcei sobre a visível mudança de comportamento da turma ao longo de todo processo e em especial as mudanças de comportamento e atitude por parte de alguns alunos, em relação ao ano passado, reforcei sobre a importância da participação maciça deles e praticamente em todos os encontros a sala estava lotada.

Iniciei a roda de conversa com alguns questionamentos e o primeiro deles foi se a turma gostou da prática do *Fútbol Callejero*, e a resposta da turma foi positiva e unânime. O participante K1 pediu a palavra e disse: “É uma coisa nova para gente, uma nova maneira de jogar futebol”. O participante Gabã que no início das intervenções se mostrou resistente em jogar de forma mista, também solicitou a palavra e disse: “Foi muito bom poder jogar meninos e meninas juntos, coisa que a gente nunca havia feito antes”. A partir daí questionei a turma sobre as diferenças entre o Futebol tradicional que eles estavam acostumados a jogar e o *Fútbol Callejero*, e a participante Lu disse: “A diferença principal são os três pilares, não adianta só jogar bem para vencer a partida, com os três pilares o jogo torna-se mais justo e todos tem chance de vencer independente do número de gols”, a participante Fer respondeu de imediato: “A participação das meninas melhorou muito professor, com o Futebol de antes as meninas só ficavam olhando”.

Posteriormente questionei se com a Metodologia *Callejera* eles perceberam mudanças no comportamento da turma e todos afirmaram que sim. A participante Gabizela pediu a palavra e disse: “Sim professor uma coisa que reparei foi o fim dos xingamentos e as ofensas entre os colegas”. A participante Lu também solicitou a palavra e disse: “Melhorou a amizade do pessoal professor”. Então solicitei que explicasse melhor essa frase e ela reforçou: “Antes havia uns grupos separados, que não gostavam um do outro, e com a prática do *Fútbol Callejero*, hoje todos estão mais unidos, não tem mais essa divisão, todos ficaram amigos”.

O próximo questionamento feito por mim foi o seguinte: “Vocês conseguem levar para fora da escola os princípios da metodologia, ou seja, vocês irão utilizar no dia a dia de vocês o que aprenderam com a Metodologia *Callejera*?”.

Todos responderam que sim, de forma unânime, K2 solicitou a palavra e disse: “Podemos levar os três pilares para tudo em nossa vida, podemos ser mais cooperativos um com o outro, começando pela casa da gente, ajudando pai e mãe”. O participante Decário então pediu a palavra e falou: “Em todos os momentos podemos levar os três pilares para fora daqui, começando em casa, ajudando nas tarefas e sendo solidário com o próximo, respeitando os mais velhos principalmente, ajudando quem precisa”. O participante Dhiogão solicitou a palavra e disse: “Hoje consigo ser mais tolerante professor e conversar para resolver meus problemas, principalmente em casa”.

Após esse momento fiz um comentário com o grupo sobre o participante Gabã em relação à evolução desse aluno ao longo do processo, fato reforçado pela pesquisadora MC, inclusive reforçado pela coordenadora da escola em nosso último encontro. Antes e no início das intervenções o aluno era extremamente competitivo, agressivo com os colegas menos habilidosos e não apresentava atitudes cooperativas. Após algumas semanas de intervenção o aluno era o mais cooperativo nas aulas, ajudava os colegas e por várias vezes resolvia os conflitos que ocorriam de forma amigável e através do diálogo. A sala toda concordou com essa afirmação.

Continuando com a roda de conversa questionei sobre as principais diferenças que eles conseguiram perceber entre o *Fútbol Callejero* e o futebol profissional de alto rendimento, o participante K2 pediu a palavra e disse: “As regras professor, aqui nós criamos nossas regras e o jogo fica do jeito que a gente quer, muito mais divertido” Dicionário levantou o braço e disse: “Aqui não precisamos seguir a regra da FIFA, aqui o que vale é as regras que nós combinamos, não precisa ser nada imposto, nada muito rígido como as regras do futebol profissional”. Então Gabã solicitou a palavra e disse: “No *Fútbol Callejero* além das regras que podemos combinar e jogar do jeito que gostamos, podemos jogar com as meninas juntos, isso no futebol profissional jamais aconteceu, lá é um querendo passar por cima do outro e querendo ganhar a qualquer custo, aqui jogamos todos juntos e todo mundo se divertiu, no início foi a maior briga, depois que a gente se acostumou, todo mundo se respeitou e o jogo ficou muito mais justo e divertido” Nesse momento todos aplaudiram. Reforcei dizendo que era importante para ele e para todos, levarem essas atitudes positivas para fora da escola, para toda a vida. Giba então pediu a palavra e disse que: “Através da metodologia a sala passou a resolver os problemas e desavenças conversando e ouvindo ambas as partes” “Hoje somos mais pacientes um com o outro”.

A participante Giba então pediu para falar e disse: “Após conhecer a Metodologia a sala passou a resolver as desavenças conversando e ouvindo ambas as partes, hoje conseguimos ser mais pacientes uns com os outros”. A participante Ma também pediu a palavra e disse: “Hoje percebi que o mais importante é participar e se divertir, respeitar os colegas, com o *Fútbol Callejero* não existe aquela preocupação de só querer ganhar, ganhar, ganhar”. A participante Fer também ergueu o braço para falar e comunicou: “Imagine se fossem as 16 aulas jogando o Futebol de antes, seria um querendo passar por cima do outro, se ofendendo, as meninas dificilmente iriam participar, e com o *Fútbol Callejero* tudo isso mudou, todos se respeitam e até quem não gostava de Futebol passou a gostar”.

Após isso questionei a turma se eles acham que daria certo na escola um Interclasses de *Fútbol Callejero*, e todos se mostravam empolgados e foram unânimes em dizer que sim, daria certo. K1 disse que: “Mas é preciso que eles se acostumem com a metodologia professor, senão daria muita confusão”. Decario pediu a palavra e disse: “Daria sim, mas o professor precisaria ensinar para eles, tudo o que ensinou para a gente” Rafaela disse que: “Daria sim, mas eles precisariam entender como funciona a metodologia, nossa sala levaria muita vantagem por já entender a metodologia”

Então reforcei dizendo que após as outras salas se apropriarem da metodologia, daria certo sim um interclasses de várias modalidades na metodologia *Callejera*, comentei também sobre a participação deles no interclasses de queimada, no qual eles foram a turma que teve mais participantes, meninos e meninas jogaram juntos, foram cooperativos e solidários com os colegas, bem diferente das outras turmas, no qual somente os mais habilidosos arremessavam e poucas meninas tiveram oportunidade de tocar na bola para poder queimar. Relembrei que esse fato inclusive foi motivo de bons comentários na sala dos professores, feito por professores que assistiram aos jogos do festival de queimada. Novamente todos aplaudiram e aproveitei para propor que eles deveriam aproveitar esse pioneirismo na metodologia, e montarem uma chapa para concorrer ao Grêmio estudantil, todos se empolgaram e gostaram da ideia, e falaram que irão pensar nesse assunto para o próximo ano. Para finalizar reforcei a importância de levar os três pilares da metodologia para a vida deles fora da escola, sendo pessoas solidárias,

cooperativas e respeitosas, solicitei que na próxima aula trouxessem a lição de casa que foi solicitada como trabalho final da unidade didática, agradei novamente a participação de todos, e liberei para tomarem água e retornarem para a sala de aula.

Diário IX – Diário extra 08/08/2019

Participantes: Gabã, K2, Rafa da Baixada, Mari, Fer, Má e Giba.

Equipe pedagógica: Eu (Tiago Grifoni)

Total de alunos participantes: 7 (3 meninos e 4 meninas)

No final de semana, mais precisamente no dia 3 de Agosto, um sábado por volta de 16h da tarde, passei no bairro próximo á escola em que trabalho e observei em um campo da praça pública, uma partida de futebol com a presença de meninos e meninas jogando de forma mista, um fato que me despertou a atenção e que nunca havia presenciado ali naquele espaço.

Pude observar que alguns alunos da escola estavam jogando e anotei em minha agenda o fato. Na quinta feira dia 08/08/2019, questionei os alunos que eu consegui observar que faziam parte da partida e indaguei sobre quem estava jogando, prontamente o Gabã respondeu que: “Uma galera professor, vários colegas da turma e mais alguns amigos do bairro”. Novamente questionei: “O jogo era misto, meninos e meninas juntos?”, Gabã respondeu que: “Sim professor, quatro alunas da nossa turma estão jogando com a gente lá aos sábados no campinho”. Então gesticulei positivamente e solicitei que chamasse as quatro alunas que estavam jogando com os meninos. Após algum tempo, as 4 meninas (Mari, Má, Fer e Giba) me procuraram na sala dos professores e responderam que eram elas que estavam jogando bola com os meninos no sábado.

Então respondi: “Que legal muito bacana jogarem juntos com os meninos, parabéns”. Giba sorriu e disse: “Depois que jogamos o *Fútbol Callejero* aqui na escola nós tomamos mais gosto pelo futebol e estamos treinando junto com os meninos”. Mari também respondeu que: “Estamos jogando quase todo final de semana” Então respondi positivamente e questionei se tinha mais meninas, que estavam participando. Fer respondeu: “Era para ter professor, mas só estamos indo nós 4 porque moramos perto da praça, as outras meninas moram em bairros distantes e fica difícil para elas estarem se deslocando até lá”.

Agradei as informações e prontamente registrei as informações em um diário de aula extra.

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA /
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES DE UMA INTERVENÇÃO DIDÁTICA COM O FÚTBOL CALLEJERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Eu, TIAGO GRIFONI, estudante do curso de Mestrado Profissional em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar o(a) venho por meio deste, convidá-lo(a) a participar da pesquisa “Processos educativos decorrentes de uma intervenção didática com o *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física” orientada pelo Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior.

A prática do *Fútbol Callejero* surgiu na Argentina em meados de 1994, com o propósito de recuperar o espaço de diálogo e protagonismo entre os/as jovens, em um contexto onde a violência estrutural atravessava as relações: da família, da escola e do bairro. Desde então tem conquistado praticantes em diversos países da América Latina, sobretudo em projetos sociais visando o protagonismo de jovens.

O estudo tem como objetivo analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais decorrentes da prática do *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física.

Você foi selecionado (a) por ser um(a) estudante do Ensino Fundamental, que é o público que oferece condições de contribuir para a pesquisa. Você está sendo convidado(a) a participar de algumas rodas de conversa em grupo para que nos relate suas impressões sobre as atividades das quais irá participar envolvendo o futebol. As rodas de conversa serão realizadas no local em que o projeto foi desenvolvido e será registrada por meio de gravador de voz e/ou câmera de vídeo, visando a transcrição das falas para posterior análise.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais

perante o grupo, além dos riscos comuns as aulas de Educação Física, como quedas, escoriações, etc. Diante dessas situações, o(a) participante terá a liberdade de não participar das rodas de conversa quando a considerar constrangedora, podendo interromper a participação a qualquer momento.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, da educação e das ciências humanas, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades. O pesquisador realizará o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que estuda ou à Universidade Federal de São Carlos.

O pesquisador se compromete a manter sua identidade em sigilo. Caso haja menção a nomes de outros sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio e/ou em vídeo das rodas de conversa. As gravações realizadas durante as rodas de conversa serão transcritas pelo pesquisador e seus assistentes, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível.

Você receberá uma via deste termo, assinada por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se com o pesquisador principal (prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior) pelo telefone (19) 99677-1581 ou pelo e-mail osmar@ufscar.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia

**Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP
– Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br
Contato do pesquisador: (16)99993 0636. Email:tiago.grifoni@hotmail.com**

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Osmar Moreira de Souza Júnior

Endereço: Av. 6, nº 1408, Cidade Claret – Rio Claro-SP

Contato telefônico: (19) 99677-1581

e-mail: osmar@ufscar.br

Local e data:

TIAGO GRIFONI

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

APÊNDICE D – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução 466/2012 do CNS)

PROCESSOS EDUCATIVOS EMERGENTES DA METODOLOGIA CALLEJERA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Eu, TIAGO GRIFONI, estudante do curso de MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar venho por meio deste, convidá-lo(a) a participar da pesquisa “Processos educativos emergentes da Metodologia Callejera na Educação Física escolar” orientada pelo Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior.

A Metodologia Callejera deriva da prática do Futebol Callejero que surgiu na Argentina em meados de 1994, com o propósito de recuperar o espaço de diálogo e protagonismo entre os/as jovens, em um contexto onde a violência estrutural atravessava as relações: da família, da escola e do bairro. Desde então tem conquistado praticantes em diversos países da América Latina, sobretudo em projetos sociais visando o protagonismo de jovens.

O estudo tem como objetivo analisar os processos educativos relacionados aos saberes atitudinais decorrentes da Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física.

Você foi selecionado(a) por ser um(a) estudante do Ensino Fundamental, que é o público que oferece condições de contribuir para a pesquisa. Você está sendo convidado(a) a participar de algumas rodas de conversa em grupo para que nos relate suas impressões sobre as atividades das quais irá participar envolvendo a Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física. As rodas de conversa serão realizadas no local de desenvolvimento das aulas ou em uma sala de aula e serão registradas por meio de gravador de voz e/ou câmera de vídeo, visando a transcrição das falas para posterior análise.

As perguntas não serão invasivas à intimidade dos(as) participantes, entretanto, esclarecemos que a participação na pesquisa pode gerar estresse, constrangimento e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais perante o grupo, além dos riscos comuns as aulas de Educação Física, como quedas, escoriações etc. Importante destacar que os pesquisadores estarão atentos a esses riscos, tomando os cuidados necessários e buscando acolher e fornecer suporte aos participantes que se sentirem abalados de alguma forma em

decorrência direta ou indireta da participação na pesquisa.

Mesmo com todos esses cuidados, caso se sinta desconfortável com a situação o(a) participante terá a liberdade de não participar das rodas de conversa quando a considerar constrangedora, podendo interromper a participação a qualquer momento.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação Física, da educação e das ciências humanas, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades. O pesquisador e/ou sua equipe de pesquisa realizarão o acompanhamento de todos os procedimentos e atividades desenvolvidas durante o trabalho.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro. Caso tenha algum gasto financeiro em decorrência da pesquisa, você receberá ressarcimento desses valores. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, mesmo estando autorizado por seu responsável legal. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que estuda ou à Universidade Federal de São Carlos.

O pesquisador se compromete a manter sua identidade em sigilo. Caso haja menção a nomes de outros sujeitos, a eles serão atribuídos nomes fictícios, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

Solicito sua autorização para gravação em áudio e/ou em vídeo das rodas de conversa. As gravações realizadas durante as rodas de conversa serão transcritas pelo pesquisador e seus assistentes, garantindo que se mantenha o mais fidedigna possível.

Você receberá uma via deste termo, assinada por você e pelo pesquisador, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Se você tiver qualquer problema ou dúvida durante a sua participação na pesquisa poderá comunicar-se com o pesquisador principal (prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior) pelo telefone (19) 99677-1581 ou pelo e-mail osmar@ufscar.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar

que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br Contato do pesquisador: (16)99993 0636. Email: tiago.grifoni@hotmail.com

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisador Responsável: Osmar Moreira de Souza Júnior

Endereço: Av. 6, nº 1408, Cidade Claret – Rio Claro-SP

Contato telefônico: (19) 99677-1581 e-mail: osmar@ufscar.br

Local e data:

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

APÊNDICE E – Produto Educacional: animação em *whiteboard*



O produto educacional derivado da pesquisa é uma animação em *whiteboard* que resume em 7m48s o itinerário da pesquisa-ação. O vídeo pode ser acessado pela plataforma YouTube pelo link: https://www.youtube.com/watch?v=lzmmDI3E_kU&list=PL-la6e78HjaRh05jHHe3oZPmwSCBEFvkq Acesso em 3 jun. 2020.

Referência

GRIFONI, Tiago; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. **Processos educativos emergentes de uma unidade didática com o *Fútbol Callejero* nas aulas de Educação Física.** 2020. (7m48s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lzmmDI3E_kU&list=PL-la6e78HjaRh05jHHe3oZPmwSCBEFvkq>. Acesso em: 1 jun. 2020.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Processos educativos emergentes da Metodologia Callejera na Educação Física escolar

Pesquisador: Osmar Moreira de Souza Júnior

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 08625919.2.0000.5504

Instituição Proponente: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.245.111

Apresentação do Projeto:

Considerando a emergência do Futebol Callejero como ferramenta da educação popular em especial em países da América Latina, o presente estudo pretende, por meio dos pressupostos da pesquisa-ação, analisar os processos educativos emergentes da adoção da Metodologia Callejera na Educação Física escolar, em especial no que tange aos saberes atitudinais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar os processos educativos decorrentes da utilização da Metodologia Callejera nas aulas de Educação Física Escolar.

Objetivo Secundário:

Investigar os processos educativos decorrentes da utilização da Metodologia Callejera em outros tempos e espaços escolares além das aulas de Educação Física.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos são os mesmos das aulas de Educação Física (quedas, escoriações) e também por haver roda de conversa, os participantes estão sujeitos a algum tipo de constrangimento, que serão minimizados pelos pesquisadores que farão a mediação das rodas de conversa.

Benefícios:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.245.111

Os benefícios decorrentes dessa pesquisa podem potencializar o trato pedagógico dado ao conteúdo esporte nas aulas de Educação Física e contribuir para o desenvolvimento dos saberes procedimentais, atitudinais e conceituais que emergem da sua prática.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa sobre os benefícios psicossociais da prática do Futebol Callejero.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão presente todos os Termos de apresentação obrigatória.

Recomendações:

Recomenda-se a aprovação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há nenhuma pendência ou inadequação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1291784.pdf	06/03/2019 10:04:21		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_alunos_Metodologia_Callejera.pdf	06/03/2019 10:03:30	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Outros	CARTA_DE_APRESENTACAO_METODOLOGIA_CALLEJERA.pdf	11/02/2019 16:50:51	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA_Metodologia_Callejera.pdf	11/02/2019 16:50:27	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_responsaveis_Metodologia_Callejera.pdf	11/02/2019 16:48:44	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	11/02/2019 16:48:19	Osmar Moreira de Souza Júnior	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SAO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9683 E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.245.111

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 04 de Abril de 2019

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br